



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A Evolução do Enquadramento Mediático do Ativismo Climático
Juvenil em Portugal entre 2019 e 2025: Uma Análise dos Jornais
Online Público e Observador

Carolina Garcia Brito Lopes César

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:

Doutor Pedro Pereira Neto, Investigador Associado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Orientador:

Doutor Tiago Carvalho, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025

Departamento de Sociologia

A Evolução do Enquadramento Mediático do Ativismo Climático Juvenil em Portugal entre 2019 e 2025: Uma Análise dos Jornais *Online* Público e Observador

Carolina Garcia Brito Lopes César

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:

Doutor Pedro Pereira Neto, Investigador Associado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Orientador:

Doutor Tiago Carvalho, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025

*Aos jovens que não pedem permissão,
mas que exigem um futuro mais justo.*

Agradecimento

A realização desta dissertação foi um percurso exigente e desafiante, no qual me deparei com inúmeras dúvidas e receios, mas também me cruzei com a oportunidade de aprofundar conhecimentos. Este trabalho é fruto de muito empenho e dedicação, mas nada disto seria possível sem o apoio de todos os que me acompanharam neste caminho.

Quero deixar, primeiramente, um profundo agradecimento aos meus orientadores, o Professor Pedro Pereira Neto, que me acompanhou durante a licenciatura e o mestrado, e o Professor Tiago Carvalho, que me ajudou a ultrapassar o grande desafio de encontrar o melhor rumo para esta investigação. Obrigada a ambos pela excelente orientação, pela disponibilidade e pelas sugestões cruciais que me permitiram entregar um trabalho de que me orgulho.

Um agradecimento com um carinho muito especial à minha mãe. Graças a ti e ao teu apoio incondicional, consegui chegar ao fim de mais uma grande etapa da minha vida. Obrigada por me teres dado sempre a motivação de que precisava para continuar a desenvolver este trabalho, pela paciência infinita e por acreditares em mim. Tenho uma sorte imensa em ser tua filha.

Aos restantes membros da minha família — especialmente à minha querida avó, tia e prima — obrigada por me incentivarem sempre a seguir os meus sonhos e a ser feliz.

Ao meu namorado e melhor amigo, porque sem ti, concluir esta dissertação não teria sido possível. Obrigada por estares sempre a meu lado, por me teres acalmado e motivado nas fases mais complicadas e por me teres levado (várias vezes) a lanchar para recarregar energias.

Aos meus preciosos amigos, obrigada pelo vosso apoio e todos os encontros divertidos que me enchem sempre o coração.

Aos jovens ativistas e a todas as pessoas que lutam diariamente por um futuro melhor, mais justo e sustentável, para todos nós e para o planeta, o meu reconhecimento e gratidão.

Por fim, agradeço a todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico e que contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual.

Graças a todos vocês, posso orgulhar-me da pessoa em que me tornei e celebrar a conclusão de um importante capítulo da minha vida. Obrigada.

Resumo

Esta dissertação apresenta a análise e evolução do enquadramento mediático da juventude climática ativista em Portugal entre 2019 e 2025, nos jornais *online Público* e *Observador*. Através da teoria do *framing*, o estudo procura compreender como os *media* representam as ações e discursos dos jovens ativistas e como estas representações evoluíram no espaço mediático português num contexto de crescente mobilização global pela justiça climática.

A metodologia consiste na análise qualitativa de enquadramentos em 98 peças jornalísticas (49 por publicação) publicadas entre janeiro de 2019 e junho de 2025. Foram privilegiadas notícias de livre acesso e tidos em consideração elementos como o tom utilizado na cobertura, o tipo de ação representada (simbólica ou disruptiva), fontes de informação e vozes presentes (citações).

Os resultados revelam uma transição de uma cobertura predominantemente positiva e legitimadora, centrada na coragem e urgência da juventude (2019-2020), para uma mais crítica e ambivalente, associada ao aumento de ações disruptivas (2021-2024). Em 2025, verifica-se um reequilíbrio das narrativas mediáticas através de um discurso mais analítico e institucional. O *Público* tende a legitimar e contextualizar as ações dos ativistas, destacando causas prévias, enquanto o *Observador* destaca a dimensão conflituosa e as consequências imediatas. Assim, o enquadramento jornalístico da juventude climática varia, sobretudo, conforme a natureza dos protestos e os contextos em que ocorrem.

Ao identificar padrões e tendências, este estudo contribui para a compreensão do papel dos *media* como agentes centrais na construção da imagem pública e legitimação do ativismo climático juvenil em Portugal.

Palavras-chave: Juventude Climática, Ativismo Climático, Enquadramento Jornalístico, *Media*, *Público*, *Observador*.

Abstract

This dissertation presents the analysis and evolution of the media framing of youth climate activists in Portugal between 2019 and 2025, in the online newspapers *Público* and *Observador*. Using framing theory, the study seeks to understand how the media represents the actions and discourses of young activists and how these representations have evolved in the Portuguese media space in a context of growing global mobilization for climate justice.

The methodology consists of a qualitative analysis of framing in 98 news articles (49 per newspaper) published between January 2019 and June 2025. Open-access articles were prioritized, and elements such as the tone used in the coverage, the type of action represented (symbolic or disruptive), sources of information, and present voices were considered.

The results reveal a transition from a predominantly positive and legitimizing coverage, centered on the courage and urgency of youth (2019-2020), to a more critical and ambivalent coverage, associated with the increase in disruptive actions (2021-2024). In 2025, media narratives shift toward a more analytical and institutional discourse. *Público* tends to legitimize and contextualize activists' actions, highlighting underlying causes, while *Observador* emphasizes the conflictual dimension and immediate consequences. Thus, the journalistic framing of youth climate change varies, particularly depending on the nature of the protests and the context in which they occur.

By identifying patterns and trends, this study contributes to understanding the role of the media as central agents in constructing the public image and legitimization of youth climate activism in Portugal.

Keywords: Climate Youth, Climate Activism, Journalistic Framing, Media, *Público*, *Observador*.

Índice Geral

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice Geral	ix
Índice de Quadros e Figuras	xi
Glossário de siglas	xiii
Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Revisão da Literatura	5
2.1. A formação de coletivos e movimentos na era digital	5
2.2. O jornalismo e a convergência tecnológica	7
2.3. O Agendamento Mediático	8
2.4. Inclinações Ideológicas dos <i>Media</i>	8
2.5. Análise de Enquadramentos nos <i>Media</i>	9
Capítulo 3. Desenho de Pesquisa e Metodologia	15
3.1. Resultados esperados	15
3.2. Objeto de pesquisa: seleção e perfis de jornais	16
3.3. Período de análise	18
3.4. Conteúdos: seleção de notícias	18
3.5. Método e elementos de análise	20
Capítulo 4. Análise	21
4.1. Acontecimentos e elementos relevantes no período temporal em análise	21
4.2. Representações e enquadramentos	25
Capítulo 5. Resultados e Discussão	33
5.1. A evolução temporal da narrativa e enquadramentos	33
5.2. Divergências	34
5.3. Tendências e padrões transversais	36
Capítulo 6. Conclusões e Recomendações	39

Fontes	43
Fontes sobre ficha técnica, estatuto editorial e registo dos jornais	43
Fontes sobre assinantes dos jornais	43
Fontes sobre inclinações ideológico-partidárias nos jornais em Portugal	43
Fontes sobre regulação para a comunicação social e sobre <i>media</i>	43
Peças analisadas do ano de 2019	44
Peças analisadas do ano de 2020	45
Peças analisadas do ano de 2021	46
Peças analisadas do ano de 2022	47
Peças analisadas do ano de 2023	48
Peças analisadas do ano de 2024	49
Peças analisadas do ano de 2025	50
Referências Bibliográficas	51
Anexos	53
Anexo A: Quadros-síntese de análise de peças jornalísticas	53
Anexo B: Distribuição de tipos de ação por jornal	60
Anexo C: Distribuição dos enquadramentos por jornal	61
Anexo D: Distribuição dos tons por jornal	62
Anexo E: Distribuição das FPI (vozes) por jornal	63
Anexo F: Visão global	64

Índice de Quadros e Figuras

Capítulo 3. Desenho de Pesquisa e Metodologia	15
Quadro 3.1. Perfis dos jornais <i>Público</i> e <i>Observador</i>	17
Quadro 3.2. Critérios de seleção de artigos noticiosos <i>online</i>	19
Quadro 3.3. Critérios de classificação de tom utilizado nos artigos noticiosos <i>online</i>	19
Quadro 3.4. Categorias principais de enquadramentos identificados	20
 Capítulo 5. Resultados e Discussão	 33
Figura 5.1. Enquadramentos principais presentes nos artigos de cada jornal por ano em percentagem	33
Figura 5.2. Visão global em percentagem dos tipos de ação presentes nos artigos do <i>Público</i> e <i>Observador</i> (2019-2025)	35
Figura 5.3. Percentagens de FPI (vozes) presentes nos artigos do <i>Público</i> e <i>Observador</i> (2019-2025)	35
Figura 5.4. Tons predominantes nos artigos por jornal (2019-2025)	37

Glossário de Siglas

AC	Alterações Climáticas
ACJ	Ativismo Climático Juvenil
AM	Agendamento Mediático
AR	Assembleia da República
C3S	Serviço de Monitorização das Alterações Climáticas do Copernicus
CC	Crise Climática
CCB	Centro Cultural de Belém
CJ	Cobertura Jornalística
COP	Conferências das Partes / Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas
DC	Desobediência Civil
EDP	Energias de Portugal
EGEAC	Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural
ERC	Entidade Reguladora para a Comunicação Social
EUA	Estados Unidos da América
FFF	<i>Fridays for Future</i>
FPI	Fonte Privilegiada de Informação
GCE	Greve Climática Estudantil
GEE	Gases de Efeito de Estufa
GLAN	Rede Global de Ação Judicial
IPCC	Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas
JC	Juventude Climática
MCJ	Movimento Climático Juvenil
MP	Ministério Público
OMM	Organização Meteorológica Mundial
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OP	Opinião Pública
PSP	Polícia de Segurança Pública
REN	Redes Energéticas Nacionais
RSO	Redes Sociais <i>Online</i>
TEDH	Tribunal Europeu dos Direitos Humanos
UC	Urgência Climática
UE	União Europeia

CAPÍTULO 1

Introdução

Ao longo das últimas décadas, a questão da emergência climática consolidou-se como preocupação científica, política e social: por um lado, existe um maior consenso científico quanto à gravidade da crise ambiental; por outro, a resposta política é criticada por se revelar insuficiente. Neste contexto, o movimento pela justiça climática adquire um papel fundamental ao desafiar as normas vigentes e ao adotar diferentes formas de ação coletiva para pressionar e responsabilizar governos, empresas e outras instituições, tal como ampliar a sua visibilidade e mobilizar multidões. Neste cenário, a juventude desempenha um papel protagonista apresentando-se como possuindo uma autoridade moral perante um futuro incerto e ao introduzir novas formas de ação política que rompem com as práticas convencionais. A presença destes jovens ativistas nas ruas e a variedade de estratégias utilizadas, que vão desde protestos simbólicos pacíficos a ações disruptivas, têm vindo a ganhar um destaque mediático que acaba por fortalecer o papel central da juventude na mobilização climática. Para compreender este papel dos jovens no movimento ambiental, é fundamental inseri-los no contexto mais amplo dos movimentos sociais.

O estudo dos movimentos sociais ganhou relevância a partir dos anos 60, graças à emergência de mobilizações por direitos civis, igualdade de género e defesa do ambiente. Della Porta e Diani (2006, p. 20) definem movimentos sociais como processos sociais distintos que possibilitam a ação coletiva e possuem três características: envolvem relações políticas, económicas ou culturais conflituosas; os atores estão conectados através de uma rede densa de conexões informais; e possuem uma identidade coletiva distinta, no sentido em que a identidade está associada ao reconhecimento que é dado ao movimento (apesar de muitas vezes ser trabalhada pelo próprio enquanto auto-apresentação), para além de estabelecer conexões entre ocorrências diferentes. Horn (2013) caracteriza-os de modo mais geral: “Formas de ação coletiva que surgem em resposta a situações de desigualdade, opressão e/ou exigências sociais, políticas, económicas ou culturais que não foram cumpridas”. No entanto, Obregón e Tufte (2017) argumentam que estes movimentos não devem ser estudados ou compreendidos de uma forma linear, devido às suas dinâmicas de comunicação e mobilização complexas. Por exemplo, movimentos sociais que são impulsionados por ONGs tendem a depender de um uso estratégico dos *media*, com uma comunicação capaz de ganhar o apoio do público e de pressionar o governo. Quando tal não corre como planeado, a alternativa são protestos e mobilizações nas ruas. Desta forma, os movimentos sociais têm vindo a tornar-se cada vez mais dependentes da comunicação em esferas *online* para que as suas ações tenham um maior impacto.

No que toca à história da luta pela defesa e justiça climática, académicos e ativistas referem o primeiro Dia Mundial da Terra, em 1970, como o ponto de origem para a mobilização ambiental global, organizado devido ao alerta de urgência a nível mundial para proteger o planeta e as futuras gerações, que permitiu que o ambientalismo ganhasse uma grande vantagem em atenção pública no que toca a mudanças políticas e económicas (Thomson, 2016). No entanto, já existiam anteriormente associações e organizações ecológicas nos EUA, como o Sierra Club (1892), a National Audubon Society (1905). Em 1971 foi fundada a Greenpeace (fusão de dois movimentos, um deles ambientalista), no Canadá e com o passar dos anos, surgiram novas organizações e campanhas pelo mundo: por exemplo, entre 2006 e 2009 a “*Campaign against Climate Change*”, juntamente com organizações do Reino Unido, encenou manifestações com o objetivo de levar os governos a tomar uma atitude face às alterações climáticas (AC) (Dietz & Garrelts, 2014).

Atualmente, o movimento conta com inúmeras ações levadas a cabo por jovens ativistas em diversos países, inspirados por figuras como Greta Thunberg e o movimento *Fridays for Future* (FFF). Porém, apesar dos seus esforços, a juventude climática enfrenta as noções tradicionais da autoridade política ao mesmo tempo que exige uma reforma urgente do sistema. A nova onda de protestos em defesa do ambiente deve-se também à disponibilidade de acesso à Internet e às plataformas *online*, que potenciaram a difusão rápida de informação e lhes permitiram uma maior visibilidade, ainda que sujeitos a escrutínio mediático (Hayes, 2021). No entanto, estes jovens são elementos-chave da mobilização ambiental e o seu ativismo acaba por romper com noções tradicionais no que toca ao engajamento político e levantar questões sobre as dinâmicas de poder geracionais (Santos, Üzelgün e Carvalho, 2024).

Deste modo, a análise das representações e de enquadramentos adotados pelos *media* nacionais para representar a juventude climática (JC) é de extrema relevância num contexto de crescente urgência climática. Considerando que os *media* de massas, sobretudo os mais reputados, desempenham um papel fundamental na construção da perceção social sobre o ativismo, podendo legitimar ou descredibilizar protestos e influenciar o debate público, esta dissertação contribui para uma melhor compreensão da relação entre *media* e ativismo. Por conseguinte, o foco desta investigação incide na emissão de informação e não na receção, uma vez que o objetivo principal é compreender de que modo a JC portuguesa é representada nos *media* nacionais e como são construídas as narrativas sobre os ativistas. Surgem assim três questões centrais de pesquisa:

1. *Que enquadramentos são utilizados pelos jornais Público e pelo Observador para retratar os ativistas climáticos em Portugal?*
2. *Surgiram alterações nos enquadramentos utilizados ao longo do período em análise?*
3. *Existem tendências ou padrões que se destaquem?*

Através destas questões, o presente trabalho procura perceber a que é dada ênfase na cobertura jornalística (CJ) de ações dos ativistas em Portugal, bem como se esta reflete uma visão mais positiva,

neutra ou negativa dos seus protestos, e ainda se as mensagens que os jovens tentam transmitir acabam por ser valorizadas ou descredibilizadas tendo em conta o tipo de estratégia utilizada pelos ativistas. Assim, o objetivo principal da investigação, centrada na construção textual, é a identificação de padrões, mudanças e tendências no modo como os ativistas são representados nos *media* portugueses através da análise de artigos de jornais *online* nacionais. Pretende-se ainda conferir se os enquadramentos identificados no capítulo de revisão de literatura são observados na imprensa nacional.

Os resultados irão permitir explorar a evolução do debate climático em Portugal e compreender o papel que os *media* em Portugal desempenham na legitimação do ativismo climático e entender em que medida reforçam a perceção dos jovens como agentes políticos legítimos ou exagerados, amplificando ou retendo as suas vozes. A identificação de diferenças e semelhanças entre as representações adotadas irá ainda contribuir para uma reflexão mais ampla e profunda sobre a relação entre *media* e movimentos sociais, tal como fornecer *insights* que poderão vir a ajudar não só em futuras pesquisas, mas também a auxiliar os próprios ativistas a construírem estratégias mais eficazes para atingirem os seus objetivos.

A presente investigação encontra-se dividida em 6 partes, incluindo este primeiro capítulo: do Capítulo 2 consta a revisão de literatura realizada em torno de estudos relevantes sobre os *media*, nomeadamente na era tecnológica, tal como o conceito de *framing* e diferentes tipos de enquadramentos; no Capítulo 3 é apresentado o desenho de pesquisa e o método de análise utilizado na investigação e as respetivas hipóteses; do Capítulo 4 consta a análise dos artigos jornalísticos *online* publicados pelo *Público* e *Observador*, que destaca os elementos relevantes identificados e os enquadramentos mais recorrentes ao longo do período em análise; no Capítulo 5 são apresentados os resultados e uma interpretação dos mesmos; o Capítulo 6 corresponde à conclusão, da qual constam as ideias principais resultantes da investigação, limitações e sugestões de pesquisa futura.

CAPÍTULO 2

Revisão da Literatura

O presente capítulo apresenta a revisão de literatura que sustenta esta investigação. Em primeiro lugar, são exploradas as transformações ocorridas na formação de coletivos e movimentos na era digital, bem como a evolução do jornalismo perante a convergência tecnológica. Em seguida, é abordado o conceito de agendamento mediático (AM) e o modo como os *media* influenciam a percepção do público, tal como possíveis inclinações ideológicas dos *media* moldam os enquadramentos jornalísticos. Por fim, é apresentada a literatura relativa à análise de enquadramentos e são destacados os principais *frames* identificados em estudos internacionais aplicados ao ativismo climático juvenil, que servirão de referência para a análise empírica.

2.1. A formação de coletivos e movimentos na era digital

Atualmente, graças à Internet, os ativistas têm à sua disposição inúmeras ferramentas para amplificarem as suas vozes, o que permite uma maior sensibilização para as causas junto de um maior número de pessoas e, consequentemente, uma maior mobilização, de forma mais rápida e eficaz. Desta forma, torna-se relevante estudar como o desenvolvimento tecnológico veio a impactar a formação de coletivos e movimentos, um processo que veio a sofrer alterações nas últimas décadas. A pesquisa Dolata e Schrape (2015) permite-nos compreender e distinguir três conceitos: massas, multidões e movimentos; e ainda entender de que forma as infraestruturas tecnológicas afetam a sua criação, estrutura e ações. Para além disso, é realizada uma distinção importante entre coletivos organizados e não-organizados, que nos permite entender como se coordenam e os seus padrões de ação, tendo em conta as novas tecnologias. Os coletivos não-organizados têm como característica principal o facto de não serem guiados para a ação, mas partilharem perceções e ideias de como resolver problemas sociais, levando a um comportamento em massa e não agirem como entidades racionais visto que não tomam decisões deliberadas, mas espontâneas, e os seus comportamentos são voláteis – o que se traduz numa organização informal. No entanto, estes podem consolidar-se e transformarem-se em movimentos sociais ou comunidades com padrões de organização de certa forma formais, tornando-se coletivos organizados. Estes caracterizam-se por ações intencionais e ponderadas e surgem após uma estabilização através da institucionalização, o que permite negociarem a implementação de estratégias mais eficazes e, se houver consenso, são postas em prática— não existindo a individualidade presente nos coletivos não-organizados.

Dolata e Schrape (2015) realçam que movimentos sociais não operam sem uma estrutura ou organização e a institucionalização das dinâmicas de um coletivo é necessária para uma ação coletiva organizada. O *online* veio a facilitar a criação de coletivos, mas a tecnologia por si só não é capaz de fornecer uma identidade, nem desenvolver regras e valores, como o da coordenação, organização e estabilização. Mesmo que estas infraestruturas sirvam de apoio para a formação e estabilização de movimentos sociais e comunidades, estes dois devem depender sobretudo dos padrões clássicos de organização social e institucional, de forma a garantir longevidade e eficácia.

É importante ter em conta que apesar dos avanços tecnológicos e da criação das RSO, continua a ser difícil captar a atenção do público e dos *media*, o que reforça a orientação episódica das notícias *mainstream*. Um conceito relevante analisado por Poell (2019) é o ciclo de 24 horas das notícias, que surgiu entre os anos 70 e 80, com o qual defende que tem vindo a tornar-se cada vez mais curto devido ao facto de a informação ter começado a espalhar-se mais rapidamente, sobretudo graças à Internet. Com uma grande quantidade de informação disponível, os *media* de massas irão apenas mencionar o que irá captar a atenção do público, o que obriga a que movimentos desenvolvam estratégias para que os *media* lhes deem visibilidade e legitimidade. Ao longo dos anos ocorreu uma outra alteração: a preferência por notícias e meios alternativos em vez de notícias *mainstream* e as redes sociais *online* (RSO), como *media* alternativos, vieram a permitir que os ativistas pudessem partilhar as causas e ideais em que se baseiam os protestos e movimentos, o que levou a uma mudança no poder dos *media*.

A reportagem sobre protestos pode ser de dois tipos: episódica ou temática. A reportagem episódica foca-se no presente e no protesto a decorrer; a reportagem temática envolve uma reflexão sobre o protesto tendo em conta um horizonte temporal mais amplo. Pesquisas¹ feitas sobre protestos *mainstream* dos anos 70 chegaram à conclusão de que as reportagens tendem a ser episódicas, com foco sobretudo no barulho e no conflito, como se fosse um espetáculo. Esta orientação retira a atenção às causas pelas quais os ativistas estão a lutar e os problemas que querem resolver, afetando também a credibilidade dos protestos (Poell, 2019).

Dois outros conceitos enunciados por Poell são o de tempo-real, que consiste na partilha de informação em tempo real, de forma dinâmica e contínua; e o de “*liveness*”, que se traduz, por exemplo, em programas em direto na televisão, ou *livestreams* em plataformas *online*, como a Twitch. Estes dois conceitos permitem perceber que os *media online* estão sobretudo orientados para o presente. No entanto, a partilha de informação em tempo-real e o *gatewatching* de notícias acabaram por reproduzir a tendência episódica dos *media* tradicionais, o que acabou por desviar a atenção das questões principais dos protestos. Desta forma, torna-se necessário que haja um equilíbrio no uso de *media* alternativos que promova uma dinâmica na comunicação que leve a reflexões mais profundas e uma comunicação que esteja alinhada com os valores dos movimentos. Obregón e Tufte (2017) chegam à mesma conclusão,

¹ No artigo de Poell (2019), são mencionadas as seguintes pesquisas em específico: Boykoff (2006); Boyle et al. (2004); De, Thaís & Jorge, Thaís. (2008); Gamson & Modigliani (1989); Smith et al. (2001).

referindo que é importante ter em conta que o sucesso destes movimentos não depende apenas do digital e que é necessária uma interação tanto *online* como *offline* de forma a alcançar as mudanças desejadas a longo prazo.

2.2. O jornalismo e a convergência tecnológica

De acordo com Correia (1995), o jornalismo contribui para a construção de realidades, no sentido em que há uma “rotinização da própria dinâmica social, estabilizando-a em acontecimentos-tipo, comportamentos previsíveis e erupções controladas”. Deste modo, o jornalismo desempenha “um papel decisivo de estruturação do próprio espaço público e do consenso social: sem o jornalismo não se formaria opinião pública ou pelo menos esta teria uma configuração decerto diversa daquela que conhecemos.”. É de salientar, também, a ideia de Mário Mesquita (1998) – o jornalismo não reflete a realidade de forma neutra, mas constrói-a socialmente através de processos de seleção e enquadramento.²

Com a digitalização, o jornalismo deu um passo gigante³: a Internet mudou para sempre o jornalismo porque melhorou os processos de produção e distribuição. A nova oferta tecnológica, como computadores portáteis, tablets, smartphones e câmaras fotográficas ligados à Internet fazem parte do quotidiano profissional, e uma redação pode atualmente ser em qualquer lugar.

No que atende ao jornalismo e a convergência tecnológica, entre outros fatores, a Internet alterou o processo de produção jornalística, nomeadamente as fases de recolha de informação e distribuição de conteúdos. Em consequência, a fase de investigação jornalística passou a deter novas ferramentas de contacto com novas fontes e de recolha de dados. A tecnologia antes utilizada obrigava o jornalista a deslocar-se ou a ficar dependente de terceiros. Presentemente os jornalistas tornaram-se mais autónomos, podendo enviar textos, fotos ou vídeos para as redações sem a necessidade de deslocação física. Surgiram ainda os «novos *media*» que também modificaram a oferta e consumo de informação (*blogs*, *podcasts*, RSO, plataformas de *streaming*, a título de exemplo).

Efetivamente, as redes sociais e as diversas plataformas constituem atualmente uma extensão dos próprios órgãos de comunicação social, assumindo relevância os podcasts em matéria de consumos de imprensa.

É de referir que o *Público* e *Observador* são exemplos de sucesso do processo de convergência tecnológica, que lhes permitem em muitos aspetos deter liderança digital no panorama jornalístico nacional.

² Mesquita, M. (1998). O Jornalismo em Análise – A Coluna do Provedor dos Leitores. Coimbra: MinervaCoimbra.

³ De acordo com o estudo *Digital Media Portugal 2015*, desenvolvido pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), publicado em 2016.

2.3. O Agendamento Mediático

Os *media* funcionam como um intermediário na construção da opinião pública (OP), visto que selecionam as informações que são transmitidas, assim partilhando aquilo que o público “precisa de saber”, de acordo com Park (1940). No entanto, apesar de existir uma maior diversidade de plataformas mediáticas, o acesso à informação continua a ser condicionado, por exemplo, pela literacia tecnológica.

O papel dos *media* consolidou-se na sociedade a partir do século XIX, graças à industrialização e urbanização (Williams, 1992), que contribuiu para a emergência dos meios de comunicação de massas. Neste contexto, começaram a surgir as primeiras reflexões sobre os efeitos dos *media*. Walter Lippman (1922) defendia que os *media* transmitiam uma simplificação da realidade e que influenciavam as perceções do público. Em 1963, Bernard Cohen refinou a teoria de Lippman e já afirmava que os *media* não dizem às pessoas o que pensar, mas sim sobre o que pensar (Neto, 2012). Esta reflexão veio a desenvolver-se entre as décadas de 60 e 70, sobretudo focada na influência dos *media* na OP em períodos eleitorais. Desde então, o conceito de agendamento mediático veio a sofrer revisões e ampliações.

A primeira versão da teoria do AM focava-se na forma como os *media* salientavam determinados temas para transmitir ao público – “*A Teoria da Agenda é sobre a transferência de saliência de uma agenda para outra. [...] Mesmo com a mudança [...] da atenção aos elementos que moldam a agenda dos media, o foco geral permanece centrado nos media*” (McCombs, 2009, citado por Neto, 2012). Contudo, esta versão recebeu várias críticas, tal como o facto de não ter em conta variáveis como as condições de receção da mensagem, as pré-disposições dos indivíduos, a distorção da realidade pelos *media* e as diferentes fontes de informação do público, revalorizando o trabalho de Lazarsfeld em 1944, em “*The Election is Over*”, que concluiu que o impacto dos *media* sobre a OP era limitado, considerando que os indivíduos não absorvem apenas qualquer informação e possuem um espírito crítico.

Já no fim da década de 70, McCombs (2009) vai ao encontro das ideias de Lazarsfeld e afirma que os *media* não são a única fonte de informação existente (temos amigos, familiares e líderes de opinião) e que as pessoas não são passivas no que toca aos conteúdos partilhados pelos *media*. Ou seja, as interações interpessoais acabam por afetar a perceção sobre dada informação, o que remete para o modelo *two-step-flow* de Lazarsfeld (1944). Surge assim uma segunda versão da teoria do AM, que tem em conta “*[...] as características da audiência e dos próprios media, tornando a saliência de temas na agenda do público o resultado combinado da sua disponibilidade na agenda dos media e da relevância pessoal que assumem junto dos cidadãos*” (Neto, 2012).

2.4. Inclinações Ideológicas dos *Media*

Num artigo de 2017, Accornero afirma que o papel dos *media* tradicionais portugueses nos enquadramentos dos protestos contra a austeridade não era uniforme nem neutro. A sua pesquisa revelou

que os enquadramentos refletiam divisões ideológicas, visto que alguns *media* eram mais empáticos com os manifestantes e outros adotavam um tom mais crítico, apresentando os protestos como caóticos e contraproducentes.

Já no estudo de Scheuch, Ortiz e Shreedhar (2024) é analisada a forma como os vários *media* do Reino Unido tentam atender às inclinações ideológicas dos seus públicos: as inclinadas à esquerda têm tendência para enquadramentos que apoiam as ações dos ativistas pelo clima, enquanto à direita, por exemplo, focam-se mais na natureza disruptiva dos protestos. Esta divisão acaba por refletir tensões sociais num plano mais extenso no que toca às políticas climáticas, no qual a urgência de uma ação ambiental colide com preocupações em relação à estabilidade económica e liberdade individual.

Num artigo de opinião, Paquete de Oliveira, no *Público*, afirma que a imprensa comercial seguiu, sobretudo, a estratégia de se mostrar aberta à maior captação de audiência plural e que não se pode dizer que haja jornais por estatuto declarado, não obstante possam existir em Portugal alguns que se inclinam mais para a direita e outros mais para a esquerda. Mais refere que não é o caso na imprensa estrangeira, em que assumidamente existem jornais de direita e jornais de esquerda. No entanto, facilmente pela sua habitual orientação há jornais que estão mais conotados à direita e outros à esquerda, sendo que a agenda mediática selecionada e salientada fomenta esta inclinação da parte dos leitores.

Não obstante, refere o estudo da OberCom “Futuros: Eixos de Inovação para os media 2024/2025” que o campo do jornalismo é dos que se encontra numa posição mais sensível em termos de mediação entre os interesses públicos e privados e o peso da influência económica e política. Ainda que Portugal subsista com um dos países onde as pessoas mais consideram os media como independentes de influência económica e política, a crescente pressão para a geração de tráfego coloca entraves ao desenvolvimento de um jornalismo reflexivo, de profundidade e imparcial.

Ainda assim, podemos reconhecer nos jornais portugueses alguma flexibilidade, diversidade ou neutralidade ideológica, sendo que em termos comerciais faz mais sentido que adotem uma perspetiva política de *catch all*, partindo-se do pressuposto que «o conflito político não vende.» (Fonseca, 2004).

2.5. Análise de Enquadramentos nos *Media*

De acordo com della Porta e Parks (2014), o conceito de *framing* foi desenvolvido por Goffman, em 1974, no seu livro “*Frame Analysis*”, em que defende que a forma como algo é apresentado à audiência (“*frame*”) acaba por influenciar as escolhas que as pessoas fazem no que toca a processar a informação. Meios de comunicação diferentes podem, assim, adotar *framings* diferentes do mesmo acontecimento.

Segundo della Porta e Parks (2014), o movimento climático foi alvo de diversos enquadramentos, sobretudo nos anos mais recentes. As autoras notaram uma mudança no foco dos enquadramentos dos *media*: deixaram de se focar em AC e passaram a focar-se na “justiça climática”. Concluíram ainda que os enquadramentos que se focam nas AC fornecem dados científicos, informam sobre as consequências

ambientais e soluções; já os que se focaram na justiça climática denotam um realce da desigualdade, responsabilidades históricas e justiça social, relacionando o ambiente com os direitos humanos.

2.5.1. Os enquadramentos adotados por meios de comunicação de massas para representar ativistas e movimentos

Vários autores já se debruçaram sobre os enquadramentos adotados por meios de comunicação de massas relativos a movimentos climáticos a nível internacional, sobretudo os levados a cabo pela JC. Do seu trabalho resultam os padrões descritos em seguida, e cujas características, como veremos, se complementam.

A) Símbolos de coragem VS Ingenuidade

Hayes (2021) identificou os temas mais frequentes nos *media* sobre estes movimentos, sendo os principais a autoridade moral e o ceticismo. No entanto, outros enquadram-nos como símbolos de coragem e mostram empatia com a sua inocência e vulnerabilidade, tal como o compromisso ético de assegurar um futuro em que possamos viver. Este tipo de *framing* coloca os jovens no lugar de defensores do clima, capazes de mobilizar um grande número de pessoas e de responsabilizar as gerações anteriores pela sua inação. Porém, este tipo de narrativa surge acompanhada de outras que questionam a maturidade dos jovens ativistas e a sua capacidade de influenciar debates políticos, representando-os como ingénuos, movidos por emoções ou influenciados por agendas políticas. O estudo de Cowan, Dzidic e Newnham (2023), apesar de se focar nos *media* de massas australianos, apresenta resultados semelhantes. A pesquisa revelou que atualmente ainda existe um enquadramento intergeracional, no qual os jovens ativistas são vistos como ingénuos ou excessivamente emocionais, e as suas ações consideradas impulsivas e irracionais, devido às suas idades. Este tipo de enquadramento reforça as dinâmicas de poder tradicionais, nas quais as gerações anteriores são vistas como legítimas e sábias no que toca a temas ambientais.

Por vezes, os *media* apresentam a juventude ativista como influenciada ou manipulada por adultos ou organizações e as suas agendas, afetando negativamente a legitimidade do movimento. Mayes e Hartup (2022) analisam como os *media* australianos representaram as emoções dos jovens ativistas que participaram no movimento “*School Strike for Climate*” ou SS4C, tal como as implicações políticas a que os enquadramentos levaram. Neste artigo, os autores afirmam ter descoberto a existência de uma dualidade na tendência dos *media* de valorizarem ou subestimarem as emoções dos jovens ativistas: alguns *media* representavam o medo e a insatisfação como respostas racionais ao perigo das AC, sendo as suas emoções legítimas e autênticas. Este enquadramento que amplifica as emoções acaba por validar as exigências dos ativistas e realçar a urgência de fazer algo em relação às C. No entanto, outros *media* optaram por um enquadramento mais crítico, que considerava as emoções dos jovens exageradas,

manipuladoras e infantis – por exemplo, o medo que sentiam era indicativo de ingenuidade ou de influências de adultos, como pais, professores, ou mesmo outros ativistas climáticos. Este tipo de narrativa reforçou o estereótipo de que jovens não possuem experiência política e que são facilmente influenciáveis, o que acabou por retirar legitimidade ao movimento, representando-os como “peões”, de modo a sugerir que as suas ações não eram genuínas, mas sim vindas de agendas orientadas por adultos.

B) Individualidade VS Responsabilização

Hayes (2021) argumenta que os *media* de massas têm tendência para destacar ativistas individuais, tornando-os uma espécie de ícones ou símbolos do movimento. No entanto, enquanto isto pode amplificar a visibilidade e a conexão com o público, também há o risco de desviar a atenção da natureza do movimento, o que faz com que os esforços dos jovens sejam reduzidos a uma narrativa de coragem e inspiração. Isto desvia a atenção das exigências da JC (ex: abandonar o uso de combustíveis fósseis) e da responsabilização do paradigma económico que leva à degradação ambiental. Mayes e Hartup (2022) notaram um uso estratégico da “esperança” dos ativistas na cobertura pelos *media* australianos: os enquadramentos tinham uma tendência para referir esta emoção, de forma a representarem os jovens ativistas como otimistas. É preciso ter em conta que este tipo de enquadramento podia ter o resultado oposto ao desejado (empatia, mobilização para a ação), pois podia simplificar demasiado o ativismo ao ponto de colocar o fardo da mudança nos próprios jovens, retirando a responsabilidade aos líderes políticos e instituições. Santos, Üzelgün e Carvalho (2024) chegaram à mesma conclusão, mas examinaram como a juventude climática é representada nos noticiários televisivos. Descobriram que apesar de os noticiários oferecerem uma plataforma aos ativistas, a forma como as ações são enquadradas acaba por limitar a urgência de mudanças nas políticas ambientais. Por existir um foco nas emoções dos jovens, como o medo e a urgência para a mudança, em vez das suas contribuições intelectuais ou estratégicas, tal como é referido também no artigo de Mayes e Hartup (2022). Este *framing* emocional, apesar de arrecadar simpatia por parte do público, possui o risco de reduzir o ativismo a uma narrativa de jovens heróis em vez de os posicionar como atores políticos importantes que são capazes de levar a uma alteração no sistema.

É ainda importante mencionar outra crítica de Hayes (2021), que aponta a tendência de os *media mainstream* enquadrarem jovens ativistas climáticos dentro de narrativas apolíticas ou mesmo consumistas. Ou seja, há um foco nas ações individuais, como a reciclagem ou a redução da pegada de carbono, em vez de nas mudanças sistémicas desejadas pelos ativistas. Este enquadramento alinha-se com discursos neoliberais que colocam a responsabilidade das AC em pessoas individuais e não no governo ou corporações. Os *media*, ao evitarem o debate sobre uma reforma estrutural, acabam por afetar os esforços dos jovens ativistas climáticos, bem como o seu potencial. O artigo de Santos, Üzelgün e Carvalho (2024) apresenta a mesma conclusão e refere um risco existente para as mensagens dos jovens ativistas: podem ser “reenquadradas” ou diluídas de forma a alinharem-se com as narrativas *mainstream* — por exemplo, os noticiários televisivos podem realçar ações individuais e apolíticas em

vez das críticas sistêmicas. Estes três autores explicam ainda que os noticiários, ao focarem-se em pequenas ações, podem despolitizar as exigências dos ativistas, o que acaba por afetar os seus esforços e reforça o *status quo*.

C) Legitimação VS Disrupção

Outros dois enquadramentos levam à legitimação da juventude climática ou ao seu oposto. Hayes (2021) afirma que existe uma lente utilizada pelos *media* na criação de narrativas sobre os ativistas, na qual a disrupção e a legitimação se confrontam. As táticas utilizadas pelos jovens, como protestos, greves estudantis e a desobediência civil, são vistas como disruptivas e inconvenientes, ou até mesmo ilegais. Este tipo de *framing* foca-se nas consequências imediatas do ativismo e negligencia a urgência da crise climática (CC) que motiva as ações tomadas pelos ativistas. Como consequência, os *media* acabam por retirar credibilidade a este movimento e influenciar a OP, sobretudo da audiência que está mais preocupada com a estabilidade e a ordem social. Nos *media* australianos, Mayes e Hartup (2022) encontraram uma tendência semelhante: a insatisfação era enquadrada também como disruptiva e desrespeitosa, nomeadamente quando os protestos envolviam faltar às aulas ou confrontar líderes políticos. Isto levou a várias críticas por vozes conservadoras, pois consideravam que os jovens estavam a negligenciar as suas responsabilidades. Scheuch, Ortiz e Shreedhar (2024) descobriram que os *media* se focam mais nas táticas utilizadas em vez das exigências dos ativistas, ou seja, nos aspetos mais sensacionalistas dos protestos (como o uso de tinta). Apesar do uso destas táticas para captar a atenção desejada dos *media* funcionar, estes acabam por levar a enquadramentos negativos dos protestos, representando-os de forma negativa, o que acaba por desviar a atenção da mensagem que os ativistas querem passar sobre a urgência climática (UC). Este tipo de enquadramento tem o risco de vir a banalizar as exigências dos ativistas, mas também de perpetuar um ciclo em que o público fica mais preocupado com as consequências das táticas utilizadas nos protestos em vez da ameaça das AC.

Na pesquisa de Guya Accornero (2017) é também explorada a forma como os *media* influenciaram a trajetória dos protestos no movimento “Geração à Rasca”: os que adotaram enquadramentos positivos permitiram que os movimentos ganhassem legitimidade e visibilidade, encorajando uma maior participação do povo português. Os *media*, ao mostrarem a realidade dos protestos (pacíficos, inclusivos e relevantes), ajudaram a mobilizar um maior número de pessoas. No entanto, os *media* que adotaram enquadramentos negativos, considerando os protestos violentos, desorganizados, ou até extremistas, afetaram o apoio de parte do público e desencorajaram a participação. Contudo, os manifestantes procuraram utilizar os *media* a seu favor, pois tinham a consciência do seu poder no que toca à sua influência sobre a OP: criaram estratégias para atrair enquadramentos favoráveis, como manifestações visuais impactantes de modo a captar a atenção dos *media*. Ao mesmo tempo, tais manifestações constituíam uma forma de comunicação direta com a população, ultrapassando assim os filtros impostos pelos *media* tradicionais e assim desafiavam os enquadramentos negativos e permitiam que as exigências fossem ouvidas.

D) Validação VS Marginalização

De acordo com Hayes (2021) existem as narrativas adotadas pelos *media* de massas que validam o ativismo dos jovens, apresentando factos científicos sobre as AC. Neste tipo de enquadramento, os jovens ativistas são vistos como defensores racionais do ambiente e bem informados, o que permite a legitimação do movimento, especialmente quando abrange uma equidade intergeracional e a responsabilidade moral de combater as AC. Santos, Üzelgün e Carvalho (2024) dedicam-se também a explorar a tensão existente entre o reconhecimento político e marginalização: por um lado, os noticiários televisivos podem validar os jovens ativistas ao alinhar as suas exigências com factos científicos ou ao reconhecer a sua influência no debate público; por outro, podem diminuir a importância das suas ações ao representá-los como ingénuos e sem experiência, reforçando uma hierarquia tradicional de autoridade e capacidade. Esta dualidade reflete atitudes sociais mais amplas perante a participação de jovens na política, cujo reconhecimento é frequentemente condicionado ou parcial.

2.5.2. Notas Finais

As análises nacionais e internacionais anteriormente descritas permitem retirar várias ilações. Primeiramente, a necessidade de enquadramentos mais objetivos e equilibrados (Hayes, 2021), tendo em conta o papel importante dos *media* na (de)formação da OP. Para promover um maior envolvimento do público com os movimentos, os *media* de massas devem abandonar as narrativas simplistas sobre os jovens e adotarem outras que reconheçam e valorizem as suas críticas sistémicas e exigências. Uma outra conclusão relaciona-se com a forma como certos *frames* reforçam padrões sociais que resistem à mudança (Santos et al., 2024): isto acontece porque, apesar de os *media* darem visibilidade aos jovens ativistas climáticos, esta nem sempre se traduz num reconhecimento político significativo. Desta forma, apesar destes serem uma ferramenta importante para os jovens ativistas espalharem a sua mensagem, deve ter-se cuidado para que não acabem por silenciá-los ou distorcer as suas vozes. No que toca às emoções, os enquadramentos contrastantes das emoções demonstradas pelos jovens refletem as tensões sociais relacionadas com o papel destes ativistas na política, levando a debates sobre a legitimidade e credibilidade das suas ações. No entanto, emoções não são apolíticas e estão profundamente enraizadas nas estruturas e normas culturais. Assim, a forma como os *media* enquadram as emoções dos jovens ativistas influencia a perceção pública sobre as suas ações e o movimento pela justiça climática. Os vários enquadramentos identificados ilustram o seu papel central para que os movimentos sociais tenham sucesso: ao fornecerem legitimidade ou repressão, os *media* tradicionais agem como um intermediário importante entre os ativistas, o público e as elites políticas.

Desenho de Pesquisa e Metodologia

Neste capítulo são apresentados os resultados esperados para as questões de pesquisa introduzidas, tal como a justificação detalhada das várias escolhas cruciais realizadas ao longo do desenho de pesquisa, condicionadas pelos objetivos definidos: a seleção do objeto de investigação; a definição do período de análise; a seleção do método de análise e dos elementos que farão parte do *corpus* da pesquisa.

3.1. Resultados esperados

Com base nos objetivos definidos, pesquisa e revisão de literatura, para a questão de investigação “*Que enquadramentos são utilizados pelos jornais Público e pelo Observador para retratar os ativistas climáticos em Portugal?*”, esperam-se obter determinados resultados através da análise textual do *corpus*: é expectável que o *Público* adote tendencialmente uma narrativa mais próxima da legitimação e validação do ativismo climático juvenil (ACJ) em Portugal, que destaca as causas e objetivos das ações e apresenta os jovens como agentes de mudança política e social; em contraste, prevê-se que *Observador* atribua um maior destaque à dimensão disruptiva das ações, ao privilegiar a CJ de episódios que envolvam confrontos com forças policiais, disrupção e consequências imediatas, inclinando-se para uma narrativa mais crítica da JC.

Considerando que os artigos selecionados para análise se estendem num período de sete anos, no que refere à questão “*Surgiram alterações nos enquadramentos utilizados ao longo do período em análise?*”, é possível esperar uma evolução temporal dos enquadramentos: nos primeiros anos a CJ será em torno da associação das ações realizadas em Portugal ao movimento global e à novidade, enquanto nos anos posteriores, com a intensificação da disrupção das ações, a cobertura reforçará a disrupção, o vandalismo e a ameaça à ordem pública. Em relação à legitimidade conferida às ações, preveem-se dois resultados: a legitimidade das ações é reconhecida quando os protestos se associam a causas sociais mais amplas; e quando os protestos ganham destaque em contextos políticos relevantes (ex: período de eleições).

Para a última questão de pesquisa, “*Existem tendências ou padrões que se destaquem?*”, espera-se identificar tendências transversais aos dois jornais, como a inserção da JC portuguesa numa identidade global (ao surgirem, por exemplo, associados à ativista Greta Thunberg e ao FFF), tal como a ligação da luta pelo ambiente a outras causas sociais, e ainda o conflito entre os ativistas e instituições. É também expectável que a cobertura mediática oscile entre a legitimação e a marginalização consoante o tipo de ação noticiada e enquadramento privilegiado por cada jornal.

3.2. Objeto de pesquisa: seleção e perfis de jornais

De modo a responder às questões de partida da investigação, optei por selecionar dois jornais *online* nacionais de informação geral diária com um número elevado de leitores: o *Público* e o *Observador*.

As linhas editoriais dos jornais nacionais, embora assegurem os princípios de independência face a poderes políticos e económicos, o pluralismo e diversidade⁴ (ao contrário do que se passa na esfera internacional, em que os jornais assumem manifestamente uma vertente de direita ou de esquerda), posicionam-se muitas vezes de formas distintas na abordagem noticiosa: no caso do *Observador*, a sua proximidade a uma ala conservadora de direita, por motivos que se prendem, em parte, à data da sua fundação e ao projeto jornalístico originário⁵; ao contrário do *Público*, que na sua origem procurou demarcar-se do “jornalismo institucional”⁶, apostando num projeto jornalístico independente e progressista e com uma vertente europeísta⁷.

Quanto a questões ideológicas, entendia Paquete de Oliveira não existirem jornais de direita nem de esquerda em Portugal, no entanto, atenta a evidência que o diretor/diretora, embora assuma a responsabilidade jurisdicional, pública e social do cargo de direção, tem a seu cargo um corpo redatorial que delinea as linhas do jornal. Mais refere que «[a]liás, basta uma olhadela rápida para notar quer o *Público* tem um leque de colaboradores (fixos ou convidados) cuja expressão e opinião expressa vagueia e se exprimem à direita e à esquerda. Fácil de constatar que, dentro da lógica em que me firmo, todos os jornais comerciais e industriais têm uma miríade quase infinita de colaboradores de todas as cores.»

A decisão de optar por jornais *online* e não pela imprensa física deve-se ao desenvolvimento das tecnologias e ao facto de ser mais fácil pesquisar e selecionar artigos sobre os temas relevantes para a dissertação, tal como organizá-los de um modo mais prático.

Segundo o Relatório de Regulação ERC 2024, com base nos dados do Media & Advertising Global Report 2024 (Marktest), no que respeita à circulação digital das publicações de informação geral o diário nacional *Público* destacou-se em 2024 como o título com o maior número médio de assinaturas digitais por edição (52 550), sendo igualmente o único a registar um crescimento face a 2023, com um aumento de 6,5 %. O *Público* posicionou-se como o jornal diário mais lido no ano de 2024, com uma circulação

⁴ É da competência da ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social, criada pela Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, promover o pluralismo cultural e a diversidade de expressão das várias correntes de pensamento e garantir a efetiva expressão e o confronto das diversas correntes de opinião, em respeito pelo princípio do pluralismo e pela linha editorial de cada órgão de comunicação social»

⁵ De acordo com o artigo do Jornal i, por Eduardo Oliveira e Silva: A direita “Observador” (julho, 2018), disponível em <https://ionline.sapo.pt/2018/07/11/a-direita-observador/>.

⁶ De acordo com o artigo do *Público*: O pacto de Belmiro de Azevedo com o PÚBLICO, (novembro, 2017), disponível em <https://www.publico.pt/2017/11/29/economia/noticia/o-pacto-de-belmiro-com-publico-de-marco-de-1990-1794366>.

⁷ De acordo com o artigo do JPN, por Rita Neves Costa: 25 anos *Público*: "Os jornais são aquilo que as pessoas fazem deles", (março, 2015), disponível em <https://www.jpn.up.pt/2015/03/05/25-anos-publico-os-jornais-sao-aquilo-as-pessoas-fazem-deles/>.

total (papel e digital) de 62.597 exemplares, com uma média superior a 51.300 assinantes, e entre janeiro e dezembro, reforçou a sua posição como jornal português com mais assinaturas digitais⁸.

Quanto à análise de audiência de imprensa, apenas se encontraram dados que consideram as publicações impressas disponíveis no “Bareme Imprensa” da Marktest, não contemplando a imprensa unicamente *online*. No entanto, segundo um artigo do jornal Meios & Publicidade 2024, o *Observador*, conta que este jornal chegou todos os meses a 2,3 milhões de pessoas no jornal e mais de 1 milhão com a rádio e os podcasts, sendo que se aproximou dos 30 mil assinantes.⁹

Para efeitos do presente estudo, importa identificar os perfis atuais¹⁰ dos jornais sobre as quais irá incidir a presente análise:

Quadro 3.1 - Perfis dos jornais *Público* e *Observador*

Descrição	<i>Público</i>	<i>Observador</i>
Ano de fundação	5 de março de 1990	19 de maio de 2014
Tipologia	Publicação periódica	Publicação periódica
Suporte	Papel/ <i>Online</i>	<i>Online</i>
Website	https://www.publico.pt/	https://Observador.pt/
Âmbito/Conteúdo/Periodicidade	Nacional/informação geral/diária	Nacional/informação geral/diária
Estatuto editorial	www.publico.pt/nos/estatuto-editorial	https://Observador.pt/estatuto-editorial/
Direção Editorial	David Pontes	Miguel Pinheiro Publisher: José Manuel Fernandes
Secções	Opinião; Política; Sociedade; Local; Mundo; Economia; Ciência e Ambiente; Cultura; Desporto; Tecnologia; Multimédia; Jornalismo de Dados	Opinião; Política; Economia; País; Mundo; Desporto; Cultura; Lifestyle; Auto; Ciência; Tecnologia; Justiça
Outros	P2; P3; Azul; Fugas; Ímpar, Ípsilon; <i>Público</i> Brasil; Investigação <i>Público</i> ; Leituras; Cinecartaz; Terroir; Ao Vivo; Podcasts; Bartoon; Imobiliário; Estúdio P	Rádio; Podcasts; Arterial; Mental; Rádio ao Vivo; Cimeira das Cidades; Prognósticos; <i>Observador</i> Lab; Arterial; Mental.
Presidente do Conselho de Administração	Ângelo Ribeirinho dos Santos Paupério	António Carrapatoso
Entidade Proprietária	<i>Público</i> - Comunicação Social, S.A/Sonaecom - SGPS, S.A.	<i>Observador</i> On Time, S.A.

Fonte: produção própria, a partir de dados constantes dos respetivos websites.

O Jornal *Público*, fundado no ano de 1990, reconhecível pelos slogans “Pense bem, pense *Público*” ou “Abrir portas onde se erguem muros”, posicionando a marca no jornalismo independente de qualidade, mantém a distribuição em suporte papel em simultâneo com a edição digital (disponível

⁸Disponível em <https://www.publico.pt/2025/02/28/sociedade/noticia/publico-jornal-assinaturas-digitais-diario-lido-2024-2124301>.

⁹Disponível em <https://www.meiosepublicidade.pt/2024/02/29/Observador-sem-interesses-muito-interessante-para-30-mil-assinantes>.

¹⁰ Dados recolhidos a 05.09.2025. Fontes: www.erc.pt; <https://www.publico.pt>; <https://Observador.pt/>.

online desde 1995 e totalmente autónoma desde 1999). O *Observador*, projeto jornalístico mais recente, surgido em 2014, é exclusivamente digital desde o seu início. Ambos os jornais dispõem, para além do diretor editorial, de diretores-adjuntos, assegurando ainda um corpo de redação de jornalistas diferenciado. É importante, por fim, referir que a análise procurará ser o mais objetiva possível e afastar-se dos estereótipos associados a cada jornal.

3.3. Período de análise

A janela temporal definida para artigos decorre de janeiro de 2019 a junho de 2025, visto que 2019 marca o início de uma maior cobertura jornalística do ACJ em Portugal pelos *media* nacionais, enquanto Greta Thunberg e o movimento FFF ganharam notoriedade a nível internacional. Isto permite analisar de que forma os jornais *Público* e *Observador* enquadraram o surgimento e a consolidação do movimento climático juvenil (MCJ) em Portugal. O período de análise estende-se até ao primeiro semestre de 2025 pois garante a inclusão de diferentes contextos, como a mobilização estudantil inicial durante o contexto pandémico COVID-19, a intensificação de ações de desobediência civil (DC) entre 2022-2024 e, mais recentemente, o contexto político-eleitoral de 2025. Assim, possibilita uma análise da forma como os enquadramentos jornalísticos acabam por acompanhar a evolução de táticas utilizadas pela JC, tal como discursos e perceções sobre a mesma. Por fim, a janela encerra-se em junho de 2025 devido a motivos práticos relacionados com a calendarização da investigação. Porém, é assegurada uma amostra suficientemente ampla para identificar momentos-chave e padrões da mediatização do ACJ em Portugal.

3.4. Conteúdos: seleção de notícias

Antes de iniciar a pesquisa de peças jornalísticas dos jornais *Público* e *Observador online*, estabeleci dois critérios específicos de seleção de modo a garantir a coerência do *corpus* de análise. Apenas foram selecionados artigos de livre acesso, o que garante uma maior acessibilidade e consistência com os objetivos da investigação, visto que conteúdos *premium* requerem uma assinatura e acabam por ser lidos por um público menor. Foram ainda excluídos artigos de opinião, uma vez que o objetivo da pesquisa é compreender quais os enquadramentos utilizados nas peças noticiosas propriamente ditas.¹¹

De acordo com estes critérios, recolhi todos os artigos de ambos os jornais nesse período disponibilizados via motor de pesquisa Google Chrome, através da pesquisa com palavras-chave em relação ao movimento climático, seguidas do nome de cada jornal, aplicando o filtro “Notícias” e um

¹¹ Ou seja, artigos de opinião acabam por não ir ao encontro ao objetivo, uma vez que refletem visões individuais e subjetivas de colonistas, enquanto os textos noticiosos seguem os critérios editoriais de cada jornal, tornando-se mais adequados para explorar as representações nos *media* de ativistas climáticos.

filtro temporal de modo a surgirem apenas artigos publicados no período de análise definido. Utilizei ainda as próprias ferramentas de pesquisa dos sites do *Público* e do *Observador*, com as mesmas palavras-chave e filtrando temporalmente os resultados.

No entanto, a quantidade de artigos recolhida acabou por se tornar bastante extensa, pelo que desenvolvi mais critérios de seleção, com o objetivo de selecionar 7 artigos de cada jornal por ano, totalizando 98 artigos noticiosos (49 de cada jornal):

Quadro 3.2. - Critérios de seleção de artigos noticiosos online

Critérios de seleção de artigos noticiosos online	
1)	Representação de diferentes tipos de ações (como manifestações, ocupações, bloqueios, e protestos pacíficos/agressivos).
2)	Demonstrar a diversidade de grupos e movimentos ativistas em Portugal (por exemplo, o Climáximo, a Greve Climática Estudantil, e o movimento "Fim ao Fóssil").
3)	Variedade no que toca aos enquadramentos mediáticos utilizados (tendo em conta os identificados na revisão de literatura, o tom utilizado e se este é positivo, negativo ou neutro).
4)	Realçar os eventos mais relevantes de cada ano (ou seja, as ações tomadas por ativistas com que alcançaram uma maior visibilidade e também os mais polémicos).

Fonte: produção própria, a partir das recomendações de Bryman (2016) e Entman (1993).¹²

A definição de sete artigos resulta de uma decisão metodológica: analisar todos os artigos seria demasiado extenso para a dissertação, enquanto um número muito reduzido não iria garantir representatividade. Sete artigos por ano permitem uma amostra consistente, sem comprometer o detalhe, e possibilitam também recolher diferentes enquadramentos, atores e tipos de ações. Ao atribuir o mesmo número a ambos os jornais, em todos os anos, cria-se um *corpus* de análise equilibrado e comparável ao longo do tempo.

Para determinar o tom dos artigos, também foram estabelecidos critérios para este ser considerado positivo, neutro ou negativo:

Quadro 3.3. – Critérios de classificação de tom utilizado nos artigos noticiosos online

Critérios de classificação de tom utilizado nos artigos noticiosos online	
Positivo	- O texto foca-se nas conquistas alcançadas pelos ativistas climáticos, tal como num possível impacto favorável na política, legislação e sociedade (destaque para a mobilização, consciencialização); - O texto demonstra apoio e compreensão no que toca à ação tomada; - Valorização das ações levadas a cabo pelos ativistas, considerando-as legítimas, importantes e necessárias para a causa climática; - Presença dos seguintes termos ou semelhantes: "mobilização", "vitória", "apoio" (tendem a sugerir um tom positivo). Exs: aumento da adesão aos movimentos/manifestações/etc.; relato de manifestações pacíficas; destaque para as ações simbólicas e a justiça climática.
Neutro	- O texto é mais objetivo (sem linguagem emotiva), factual e descritivo, sem juízos de valor a favor ou contra as ações tomadas e os ativistas; - O texto apresenta factos sem atribuir culpas, condenações e glorificações (no que toca a apreensões pela polícia em manifestações, por ex.).
Negativo	- O texto foca-se em conflitos, problemas legais/sociais e controvérsias consequentes das ações; - Uso de expressões que sugerem vandalismo, ilegalidade, radicalismo e disrupção; - Destaque para reações negativas perante as ações dos ativistas climáticos (por exemplo, da sociedade/autoridade/empresas); - O texto apresenta os seguintes termos ou semelhantes: "detidos", "bloqueio", "vandalismo", que tender a sugerir um tom negativo. Exs: detenções; danos materiais; confrontos com a polícia; condenações judiciais; tinta atirada a figuras públicas.

Fonte: produção própria, baseada nos critérios de valência noticiosa propostos por Entman (1993) e Semetko & Valkenburg (2000).

¹² As obras dos autores incidem sobre a amostragem qualitativa e diversidade de *frames*, e inspiram-se em estudos clássicos sobre a cobertura mediática de protestos (Gitlin, 1980; McLeod & Detenber, 1999; Gamson & Modigliani, 1989).

3.5. Método e elementos de análise

Optei pela análise de enquadramentos visto que, como defende Goffman (1974), o modo como um acontecimento é apresentado influencia a forma como é interpretado. Assim, esta abordagem é adequada para esta investigação pois permite compreender como os *media* constroem as narrativas sobre os ativistas climáticos em Portugal e se estas se alinham com as identificadas nos *media* de outros países, tal como compreender que elementos tendem a ser incluídos ou excluídos (ex: dados científicos), dependendo do tipo de ação realizada pela JC (della Porta & Parks, 2014).

Tendo em conta a literatura recolhida, criei um quadro com o objetivo de sintetizar os *frames* referidos nas pesquisas consultadas e descritas nos capítulos anteriores, de modo a compreender se os enquadramentos identificados na revisão de literatura também podem ser aplicados aos *media* portugueses *online*, relacionados com a juventude climática e ativismo em Portugal:

Quadro 3.4 – Categorias principais de enquadramentos identificados

Categoria de Framing	Subcategoria/Polaridades	Descrição (sintetizada)	Fontes
1. Símbolo de Coragem / Ingenuidade	- Coragem / Inocência / Ética - Ingenuidade / Emocionalidade / Manipulação por adultos	Jovens ativistas como defensores legítimos do clima, líderes morais e mobilizadores. Demonstra empatia para com o seu compromisso ética, a inocência e a vulnerabilidade. / Jovens ativistas como imaturos, irracionais, exagerados e manipulados (influenciados por agendas externas), sendo descredibilizados. Emoções como o medo e frustração são validadas ou desvalorizadas, o que acaba por afetar a sua legitimidade.	Hayes (2021); Mayes & Hartup (2022); Cowan, Dzidic & Newnham (2023)
2. Individualidade / Responsabilização	- Foco em figuras individuais - Esperança pessoal / crítica estrutural	Os media focam-se em ícones e ações individuais, o que pode desviar a atenção da natureza do movimento, das críticas e exigências políticas/estruturais, sendo reduzidos a uma narrativa de coragem e inspiração, afetando o potencial dos ativistas. Os jovens são apresentados como símbolos de esperança e mudança da sociedade, evitando-se o debate sobre uma reforma estrutural e removendo a responsabilidade da estrutura económica que leva à degradação ambiental.	Hayes (2021); Mayes & Hartup (2022); Santos, Üzelgün & Carvalho (2024)
3. Legitimação / Disrupção	- Ativismo legítimo / racional - Ativismo disruptivo / irracional	Os media tendem a representar as ações levadas a cabo por ativistas (protestos, manifestações, greves, etc.) de duas formas distintas: - Como legítimas, pacíficas, inclusivas e relevantes, levando à mobilização de um maior número de pessoas. - Como disruptivas, inconvenientes, ou até mesmo ilegais (focam-se nas consequências imediatas do ativismo e negligência das motivações - crise climática). O uso de táticas sensacionalistas pode ofuscar a mensagem e exigências que os ativistas pretendem transmitir.	Accornero (2017); Hayes (2021); Mayes & Hartup (2022); Scheuch, Ortiz & Shreedhar (2024)
4. Validação / Marginalização	- Reconhecimento político / científico - Desvalorização / exclusão	Os media podem apresentar factos científicos sobre as alterações climáticas, enquadrando os jovens como defensores racionais e bem informados, validando o movimento. Por outro lado, podem ser enquadrados como inexperientes e com falta de autoridade política, o que leva à sua marginalização.	Hayes (2021); Santos, Üzelgün & Carvalho (2024)

Fonte: produção própria, a partir de dados constantes das fontes mencionadas no quadro.

Serão, finalmente, tidos em consideração os seguintes conteúdos: títulos e subtítulos; o contexto das ações; as expressões utilizadas; o tom; os *frames*; as fontes privilegiadas de informação (FPI) e as reações apresentadas (referências a declarações feitas por terceiros). Conteúdos como imagens e vídeos não será incluído na análise uma vez que a investigação é centrada na construção textual de representações mediáticas, para além de que uma análise de elementos visuais implicaria a utilização de uma metodologia distinta. Os elementos essenciais recolhidos para análise encontram-se sintetizados em quadros presentes no Anexo A.

CAPÍTULO 4

Análise

4.1. Acontecimentos e elementos relevantes no período temporal em análise

4.1.1. 2019 – Uma mobilização global

No ano de 2019 o ativismo climático começou a ganhar destaque a nível nacional graças a ações simbólicas lideradas pela Greve Climática Estudantil (GCE) e motivadas pelo movimento internacional FFF. Neste ano, as peças publicadas pelos jornais *Observador* e *Público* destacam atos simbólicos, nomeadamente greves climáticas estudantis, mas também outras ações relacionadas com a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2019 (COP25). Outros eventos que marcaram a CJ do ano em evidência foram a interrupção do discurso de António Costa por ativistas (*Observador*), a semana da Mobilização Global pelo Clima (com várias iniciativas a nível nacional) e a vinda da ativista Greta Thunberg a Portugal (*Público*).

No que toca às FPI, nos dois jornais estas são principalmente jovens ativistas, membros do movimento GCE, mas também são utilizadas fontes políticas institucionais, como deputados e o Ministro do Ambiente (*Observador*) e o secretário-geral da ONU, António Guterres (*Público*).

Nos artigos publicados, é sempre fornecida uma contextualização das ações e das motivações e reivindicações da JC: alertas para a inação dos governos face à CC; insatisfação perante a construção do aeroporto no Montijo; e críticas à indústria fóssil e à inexistência de medidas concretas que limitem a emissão de gases com efeito de estufa (GEE).

Através da ênfase conferida às vozes dos ativistas e da presença predominante de um tom positivo, ambos os jornais adotam um discurso empático não só para com os jovens ativistas climáticos em Portugal, mas também para com os que se encontram espalhados pelo mundo.

4.1.2. 2020 – O regresso às ruas

Em 2020, o coletivo Climáximo ganhou relevância nos artigos do *Público* e do *Observador*, tendo atuado frequentemente com a GCE. As peças jornalísticas produzidas neste ano são maioritariamente sobre ações simbólicas, como aulas públicas e manifestações estudantis, mas também sobre ações disruptivas, como o bloqueio do trânsito na rotunda do Marquês de Pombal, em Lisboa, que levou à intervenção da PSP.

O restante ano de 2020 foi bastante marcado pela pandemia do COVID-19; a mobilização dos jovens ativistas não parou, mas influenciou as suas ações e a sua representação nos *media*:

«A pandemia suspendeu as ações da Greve Climática Estudantil, mas não acabou com o problema. Aliás, o mote das atividades que os estudantes estão prestes a realizar, agora de regresso à luta, dizem isso mesmo: “Mudaram-se os tempos, mas não as vontades.”» (art. 3, *Público*).

As FPI continuaram a ser, predominantemente, jovens ativistas, mas no *Observador* foram novamente visadas figuras políticas:

«[o]Ministro do Ambiente e da Ação Climática, João Pedro Matos Fernandes, classificou como “a melhor das causas” a iniciativa de mobilização climática desta sexta-feira.» (art. 5, *Observador*).

Ao longo deste ano, os jovens ativistas realizaram um maior número de ações pelo país em defesa do clima, com críticas diretas a instituições financeiras devido aos investimentos feitos em indústrias poluentes, e também novas reivindicações, como a neutralidade carbónica para 2030 e transição a 100% para energias renováveis. Como forma de protesto, os jovens regressaram às ruas e realizaram ações simbólicas como marchas e ações de DC pacíficas. A CJ em 2020 de ambos os jornais foi ainda marcada pelo 5.º aniversário do Acordo de Paris e pela insatisfação direcionada aos líderes políticos que não cumpriram o mesmo, gerando uma onda de manifestações climáticas pela Europa, incluindo Portugal.

4.1.3. 2021 – Desobediência climática

Neste ano foi possível identificar um aumento do número de ações disruptivas, nomeadamente pelo coletivo Climáximo. Nos artigos publicados pelo *Observador* sobre este tipo de ações é utilizado um tom negativo ou neutro, enquanto a GCE continua a realizar ações simbólicas, relatadas de uma forma mais positiva. Desta forma, no *Observador*, houve uma cobertura equilibrada de estratégias pacíficas e de DC nas peças do jornal em referência. No que refere às peças jornalísticas do *Público*, voltaram a incidir sobretudo sobre as greves climáticas estudantis em Portugal, nas quais lutam pelas reivindicações já estabelecidas em 2019 e 2020; porém, foi possível notar uma intensificação do número de ações de DC, como a interrupção do trânsito junto ao aeroporto de Lisboa, o bloqueio da Rotunda do Relógio, e a tentativa de invasão da refinaria da Galp de Sines, ações destacadas em ambos os jornais.

Apesar do maior número de ações disruptivas e da ênfase dada à repressão policial, tanto no *Público* como no *Observador* continua a ser fornecida ao leitor uma contextualização das mesmas, recorrendo aos jovens ativistas climáticos como FPI, sobretudo através de citações de membros do Climáximo e da GCE. No entanto, em artigos que relatam DC, por vezes são utilizadas fontes policiais, como o Comando Metropolitano de Lisboa da PSP (art.4 – *Público*).

4.1.4. 2022 – Ocupar pelo futuro

Neste período as publicações referem as diversas movimentações organizadas pela juventude climática, incluindo ações simbólicas (como a Caravana pela Justiça Climática organizada pelo Climáximo e greves estudantis) e de DC (invasão da refinaria da Galp em Sines e outros estabelecimentos). Uma característica do ativismo climático em 2022 é o início das primeiras ações do movimento “Fim ao Fóssil: Ocupa!”, que consistiram da ocupação de várias escolas e universidades em Portugal, com o objetivo de terminar a utilização de combustíveis fósseis até 2030 e exigir a demissão do ministro da Economia. Outro acontecimento relevante, presente no art. 5 do *Observador*, foi a queixa levada por jovens portugueses ao Tribunal Europeu de Direitos Humanos (TEDH) contra 33 governos europeus, incluindo o português.

Apesar do maior número de ocorrências de DC (tendo algumas terminado com a intervenção de forças policiais e detenções) o tom utilizado pelos jornais continua a apresentar um certo equilíbrio, mas na cobertura de ações disruptivas existe uma tendência para o negativo, mesmo sendo fornecida uma contextualização.

Os jovens ativistas mantiveram-se como FPI, mas devido às ocupações de estabelecimentos de ensino também foi dada voz a professores. No *Público*, recorreu-se a fontes científicas, como membros do movimento Scientist Rebellion em Portugal (art. 7). Já no *Observador*, foram utilizadas fontes como o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas - IPCC (organização científico-política fundada pelas Nações Unidas) e a ONG Rede Global de Ação Judicial - GLAN.

4.1.5. 2023 – Intensificação climática

A CJ dos dois jornais sobre o ativismo juvenil incidiu neste ano maioritariamente em ações disruptivas, as quais ocorreram em maior número e por autoria do coletivo Climáximo, marcadas por um aumento da intensificação da DC. O recurso a este tipo de ações controversas e com um forte simbolismo pretendeu captar a atenção para a urgência da CC, denunciar as infraestruturas responsáveis pelo seu agravamento, mobilizar a OP, e intensificar a pressão política. As peças jornalísticas do *Público* e do *Observador* relataram, assim, ações de DC como bloqueios e vandalismo (pintura de fachadas de edifícios, danos a montras), greves de fome por estudantes, e ataques com tinta a figuras políticas, nomeadamente o ministro do Ambiente. Face a estes eventos, o tom predominante no discurso jornalístico tornou-se maioritariamente negativo, reforçado através da citação de palavras de reprovação vindas de fontes políticas (presidente da Assembleia da República, dirigente do partido Livre), policiais (PSP, Comando Metropolitano de Lisboa, Polícia Marítima de Sines) e do Ministério Público (MP). Em 2023, estabelecimentos culturais também foram alvos de protestos, como o que ocorreu no Centro Cultural de Belém, abordado por ambos os jornais, em que dois ativistas ambientais do Climáximo

atingiram com tinta um quadro de Pablo Picasso. Apesar de serem apresentadas as motivações dos jovens, estas acabam por perder relevância nos artigos graças ao realce da reprovação da ação pela administração do CCB e pelo ministro da Cultura.

4.1.6. 2024 – Estratégia de choque

Nesta fase, podemos constatar uma complexificação da CJ do jornal *Observador* das ações realizadas pela JC em Portugal: nas peças foram retratadas algumas ações simbólicas e pacíficas que demonstram o compromisso dos ativistas, mas com a intensificação das ações disruptivas, o tom utilizado continuou a ser maioritariamente negativo, sobretudo devido ao recurso do choque mediático e simbólico como estratégia pelos ativistas. O evento com mais impacto mediático terá sido a pintura da fachada do Castelo de São Jorge pelo Climáximo, a que nos dois jornais foi dada ênfase negativa, em grande parte graças à citação das críticas e do repúdio da Empresa Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC) de Lisboa ao “ato de vandalismo”.

A vandalização de outdoors de partidos políticos e o bloqueio de ruas em Lisboa pela Climáximo, que levou a detenções, foram igualmente abordados nas duas publicações. O *Observador* destacou ainda a interrupção de debates entre líderes partidários (pelos mesmos atores), e o *Público* abordou um protesto realizado no Banco de Portugal e na sede da Navigator.

Ainda em 2024, as FPI continuaram a ser predominantemente os ativistas responsáveis pelas ações realizadas; no entanto, nos eventos mencionados, foram utilizadas fontes culturais (EGEAC), policiais (PSP) e constitucionais (MP). Adicionalmente, num artigo do *Observador* sobre a organização de um protesto pelo Fim ao Fóssil, foram utilizadas ainda outras fontes: o Serviço para as Alterações Climáticas (C3S) do observatório europeu Copernicus; a Organização Meteorológica Mundial (OMM); e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

4.1.7. 2025 – Unidos emocionalmente

Tendo como base os artigos selecionados de cada jornal, o número de ações simbólicas que demonstram o compromisso dos ativistas voltou a aumentar e o tom positivo voltou a ser identificado num maior número de peças jornalísticas. No entanto, os jovens também mantiveram a sua postura confrontacional, pelo que as ações disruptivas realizadas pelos mesmos atores de anos anteriores foram igualmente alvo de destaque. Estes eventos tendem a ser retratados negativamente ou de modo neutro em ambos os jornais, num certo equilíbrio devido à diversidade de estratégias utilizadas pela JC em Portugal. Simultaneamente, a mobilização coletiva, através do diálogo entre mais de 20 organizações ambientais, recebe um destaque importante no jornal *Público*, o que permite de alguma forma legitimar a luta pela justiça climática ao revelar uma faceta institucional do movimento.

O primeiro semestre de 2025 foi marcado pelas eleições legislativas em Portugal, e o descontentamento face aos resultados fomentou uma onda de protestos, nomeadamente por parte de jovens ativistas portugueses, para com a nova composição da Assembleia da República (AR) e o número de deputados de direita nela doravante presentes. Os dois jornais cobriram o protesto realizado no Liceu Camões em Lisboa, no qual os alunos impediram a entrada de outros no estabelecimento de ensino, pelo fim ao fósil e pelos direitos dos jovens:

«Nós temos direito a ter um futuro e é por isso que estamos aqui. Não podemos aceitar mais um governo que nos condena ao colapso climático. A nossa geração não o vai aceitar.» (art. 5, *Observador*)

Outras ações relatadas por ambos os jornais foram os protestos em aeroportos portugueses, nomeadamente o de Lisboa, com o objetivo de perturbar o seu funcionamento e assim chamar a atenção para os voos de curta-distância e GEE. O recurso à DC levou à intervenção policial e detenções, destacados nas peças jornalísticas produzidas.

As FPI continuaram a ser jovens ativistas, sobretudo estudantes e membros do Climáximo/movimento Fim ao Fósil; no entanto, foi possível identificar ainda fontes policiais (PSP), com mais incidência no jornal *Público*.

4.2. Representações e enquadramentos

O subcapítulo que se segue explora as principais representações do ACJ nos jornais *Público* e *Observador*, entre 2019 e 2025 (primeiro semestre). A análise organiza-se em duas partes: a primeira em torno dos enquadramentos identificados na revisão de literatura (coragem vs. ingenuidade, individualidade vs. responsabilização, legitimação vs. disrupção, e validação vs. marginalização); a segunda destaca enquadramentos não identificados previamente, mas que são complementares à compreensão de como os *media* constroem a imagem pública da JC.

4.2.1. Símbolo de coragem VS. Ingenuidade

Ao longo do período em análise tanto o jornal *Público* como o *Observador* privilegiaram o enquadramento da JC portuguesa como símbolo de coragem, direta ou indiretamente; o *frame* da ingenuidade apenas surgiu em momentos pontuais.

Entre 2019 e 2023, numa primeira fase, os ativistas foram continuamente apresentados como atores políticos eticamente motivados e também resilientes, face à repressão policial de que foram alvo e a contextos que dificultaram a realização de ações, como o da pandemia do COVID-19 (2019-2021). Através do posicionamento dos jovens como os atores principais da luta pela justiça climática em

Portugal, os jornais apresentam um padrão que se enquadra na pesquisa de Hayes (2021): o reconhecimento da autoridade moral da JC, reforçada através da citação das críticas dos ativistas e das suas reivindicações, e que demonstra a preocupação que os jovens têm com o futuro do planeta. Apesar de serem destacadas as emoções dos ativistas, como o medo e a frustração, estas não foram representadas como um ponto fraco, mas sim como respostas racionais à UC, um ponto de vista defendido por Mayes e Hartup (2022). O realce da coragem juvenil acaba por contrastar com a representação das gerações mais velhas, no sentido em que a população mais jovem é apresentada como mais ativa na luta pelo clima, enquanto o enquadramento de adultos/idosos reflete inércia. Esta ideia contradiz o que foi identificado em 2023 por Cowan, Dzidic e Newnham nos *media* australianos, nos quais os mais novos eram constantemente retratados como ingénuos, imaturos e influenciados por ideologias de adultos. Para além disso, entre 2021 e 2023 começaram a surgir mais ações ligadas ao sacrifício pessoal e a riscos associados, como greves de fome, repressão policial e detenções. Nestes casos, ambos os jornais recorrem a citações das palavras dos jovens, o que demonstra que estão conscientes das possíveis consequências, reforçando uma distância face aos estereótipos identificados por Cowan et al. (2023). No entanto, com a intensificação das ações da JC em 2024 e o maior número de ações de DC, suscitando a presença de forças policiais, a narrativa heróica é interrompida por um discurso mais cético nos dois jornais. Este tipo de representação segue o descrito por Cowan et al. (2023), na medida em que as ações são interpretadas como teatrais, com o mero objetivo de alcançar um choque mediático, mas simultaneamente retirou centralidade à mensagem política que os jovens pretendiam transmitir, especialmente pelo destaque dado às detenções e ao discurso de figuras políticas e policiais. Este tipo de cobertura está alinhado com o padrão identificado por Mayes e Hartup (2022), em que as emoções dos ativistas são consideradas exageradas e infantis. Ou seja, apesar de ser apontada coragem para realizar as ações planeadas, neste ano ela acabou por ser ofuscada pela disrupção provocada.

Por fim, em 2025 o enquadramento da coragem voltou a ser privilegiado nos dois jornais, sobretudo na cobertura ligada a ações de confronto direto com as estruturas de poder, num contexto político eleitoral. No *Público*, a coragem é associada a uma provocação consciente a instituições e empresas poluentes, enquanto é sublinhada a intenção estratégica da JC. A coragem, no *Observador*, adquiriu também duas dimensões diferentes neste ano, a cívica e a estratégica. Deste modo, acaba por ser novamente atribuída aos jovens uma racionalidade política, que veio a tornar-se mais polida ao longo dos anos, e que se alinha com a pesquisa de Hayes (2021) na qual conclui que os *media* têm o poder de reforçar a legitimidade dos jovens ativistas ao sublinharem o seu compromisso ético, juntamente com a sua capacidade de sacrifício.

4.2.2. Individualidade VS. Responsabilização

Ao contrário da tendência da redução da CC a gestos individuais (ex: reciclagem, poupar água, redução da pegada de carbono) e da personalização do ativismo a pessoas singulares (como a ativista Greta

Thunberg), entre 2019 e 2025, dominante nos *media* de massas internacionais apontada por Hayes (2021), os jornais *Público* e *Observador* destacaram consistentemente a dimensão sistémica da responsabilidade: as suas peças jornalísticas destacam as críticas dos jovens ativistas aos governos, nacional e internacionais, às empresas fósseis e instituições financeiras.

Já nos dois primeiros anos do período em análise, ambos deram espaço às críticas e denúncias da JC ao capitalismo, governos e elites económicas, atribuindo diretamente responsabilidades. Este enquadramento veio a intensificar-se ao longo dos anos seguintes, nomeadamente através da CJ de protestos contra instituições e empresas como a Galp, a EDP e a REN, e ainda marcas de luxo. O destaque permitiu conferir ao MCJ profundidade política, o que sugere que, no contexto português, os *media* não caíram na tendência de individualização do movimento descrita por Hayes (2021). Esta centralidade permitiu ainda que as ações da JC fossem vistas como politicamente racionais, e não como apenas protestos morais e emocionais, o que contraria outra tendência identificada no estudo de Mayes e Hartup (2022), de foco das emoções dos ativistas de modo a despolitizar o movimento. Embora sejam apresentados os sentimentos dos ativistas perante a UC, estes surgem articulados com as suas denúncias, críticas a interesses económicos e exigências de mudanças estruturais.

No entanto, apesar da predominância do *frame* da responsabilização sistémica, por vezes surgem riscos de simplificação, apontada na pesquisa de Santos, Üzelgün e Carvalho (2024), em que os *media* podem tanto oferecer visibilidade como podem diluir as mensagens dos ativistas ao centrarem-se no elemento disruptivo das ações. No *Observador*, sobretudo em 2024, algumas ações dessa natureza são retratadas com destaque para a DC e as suas consequências. Porém, mesmo nestes casos, as críticas dos jovens não são completamente apagadas, apenas postas em segundo plano.

Nos anos mais recentes, a responsabilização manteve-se como um enquadramento transversal aos artigos de ambos os jornais, mesmo em ações mais controversas, que tendem a reforçar a dimensão coletiva e estrutural do ativismo juvenil, o que contraria a ideia de responsabilização individual de Hayes (2021). Em específico, o *Público* apresenta uma tendência para aprofundar a dimensão política e sistémica do ativismo, enquanto o *Observador* o enquadra de forma menos analítica e mais descritiva, mas valida as críticas. Por fim, é possível apontar uma evolução positiva, visto que a cobertura dos *media* portugueses demonstrou um aumento do número de alvos do MCJ em Portugal (ex: grandes infraestruturas; UE), o que reflete um amadurecimento da representação política do mesmo.

4.2.3. Legitimação VS. Disrupção

Em contraste com os enquadramentos anteriores, no que respeita aos de legitimação e disrupção foi possível identificar ao longo do tempo uma divergência gradual entre o *Público* e o *Observador* no modo como são utilizados. Em 2019 e 2020, os dois jornais apresentam uma tendência para a legitimação das ações, descrevendo-as como pacíficas, necessárias e moralmente justificadas. Este padrão choca com o que é referido nos estudos de Hayes (2021) e Mayes e Hartup (2022), nos quais os autores apontam que

os protestos e greves estudantis são representados maioritariamente como irresponsáveis, desrespeitosos e desordeiros. A legitimação das ações dos jovens ativistas em Portugal contribuiu para solidificar a credibilidade do MCJ e aumentar a sua mobilização – o mesmo observado no estudo de caso de Accornero (2017) — visto que graças aos *media* que mostravam a realidade dos protestos (como pacíficos, inclusivos e relevantes) a participação e confiança do povo português no movimento aumentou.

A partir de 2021 já é possível notar distinção entre os dois jornais, visto que o *Público* manteve a sua narrativa de legitimação do movimento, mesmo em artigos sobre ações disruptivas através da contextualização e da justificação ética e científica, enquanto o *Observador* recorre a um tom mais neutro/negativo para retratar as ações que envolvem DC. Este padrão corresponde a uma observação presente no estudo de Scheuch, Ortiz e Shreedhar (2024), que consiste no facto de os *media* tenderem a destacar os aspetos sensacionalistas dos protestos, como a intervenção policial e detenções, o que acaba por reforçar o enquadramento da disrupção pois não é dada tanta relevância às motivações da JC.

Os anos de 2022 e 2023 foram marcados por uma intensificação das táticas utilizadas pelos jovens ativistas em Portugal, o que permitiu um maior alcance mediático, mas que, simultaneamente, levou a que ambos os jornais introduzissem o enquadramento da disrupção de forma mais vincada. As ocupações, os bloqueios e a vandalização de património vieram a causar uma tensão entre os *frames* da legitimação e da disrupção das ações, o que confirma a ideia de Hayes (2021) de que a tensão depende do que os *media* decidem destacar, se as consequências imediatas deste tipo de táticas ou as motivações dos ativistas. Esta conclusão de Hayes pode ser identificada nos *media* portugueses em análise: o *Público* apresenta alguma ambivalência ao reconhecer a racionalidade por detrás dos protestos e a sua urgência; o *Observador* coloca ênfase na ilegalidade e na transgressão, tal como nas consequências imediatas.

Entre 2024 e 2025, a divergência entre os dois jornais torna-se mais acentuada: ao contrário do *Público*, que continua a apresentar uma legitimação dos acontecimentos (especialmente ao conectar as falhas sistémicas ao contexto político-eleitoral destes anos), o *Observador* reforça o carácter disruptivo das ações que envolvem confrontos legais e vandalização de património cultural e artístico – o que acaba por banalizar as exigências dos ativistas, de acordo com Scheuch et al. (2024).

Assim, é possível observar que ao longo do período global da análise, com base nas peças selecionadas, os jornais *Público* e *Observador* reconhecem o papel dos jovens ativistas em Portugal como atores políticos e as suas motivações éticas e morais; porém, o *Público* aparenta privilegiar a construção da legitimidade do movimento climático, ao passo que o *Observador* apresenta uma oscilação entre a legitimação e a ênfase na disrupção, que varia consoante o carácter da ação retratada.

4.2.4. Validação VS. Marginalização

Neste enquadramento foi possível identificar uma outra divergência entre os jornais *Público* e *Observador*: em 2019, a validação é predominante nas duas publicações, através da referência ao apoio

de sindicatos, partidos políticos, pais e professores, tal como a associação às ações nacionais ao movimento internacional FFF e à ativista Greta Thunberg – o que vai ao encontro da ideia defendida por Hayes (2021) de que os *media*, ao apresentarem o ACJ como racional e cientificamente sustentado, acabam por validá-lo. No ano seguinte, o *Observador* destaca-se por apresentar sinais de uma marginalização implícita visto que realça as respostas institucionais e policiais, recorrendo por vezes a citações, principalmente em peças sobre DC. No entanto, a validação não é anulada por completo, pelo que existe um “reconhecimento parcial” que é referido pelos autores Santos, Üzelgün e Carvalho (2024): a causa de que leva às ações é validada, mas a autoridade juvenil é relativizada, o que pode levar à diminuição da sua importância.

Posteriormente verificou-se um aumento do número de ações disruptivas, e a ambivalência entre os dois *frames* também se foi intensificando: o jornal *Público* manteve a sua tendência para a validação, através de justificações morais e da ligação do movimento climático a outras causas (sociais, económicas, sanitárias, etc), e do recurso a FPI científicas (como o movimento Scientist Rebellion). No que toca ao *Observador*, existe uma validação nos artigos nomeadamente quando é realizado um enquadramento político ou científico (incluindo FPI como o IPCC), mas em ações mais disruptivas é notável a ausência de enquadramentos favoráveis e o destaque dado à repressão e consequências imediatas. Esta dualidade, identificada também na obra de Santos et al. (2024), torna-se, assim, evidente: o *Público* reconhece os jovens como atores políticos resistentes e relevantes; o *Observador* apresenta um reconhecimento condicionado (valoriza ações pacíficas e distancia-se das disruptivas). Com a intensificação da disrupção em 2023, a marginalização começou a ser mais presente em ambos os jornais, atendendo a que contemplam mais citações de vozes institucionais (ex: presidente da AR; dirigente do partido Livre; MP) que condenam os jovens, o que faz com que a validação seja ainda mais retraída. No *Observador*, é dado um maior destaque às detenções, acusações legais e às críticas morais em artigos sobre ações mais problemáticas. Assim, é possível afirmar que nas duas publicações portuguesas existe a tensão que é referida tanto por Hayes (2021) como Santos et al. (2024) entre a validação dos jovens como defensores racionais do clima, portadores de causas justas, e a marginalização e descredibilização dos mesmos, representando-os como atores perturbadores da sociedade que ultrapassam as normas legais. Esta tensão pode ser observada, nomeadamente, nas peças jornalísticas sobre os protestos no CCB, em 2023, e no Castelo de São Jorge, em 2024, que foram alvo de uma forte reprovação pela administração do CCB, da EGEAC e do ministro da Cultura, fontes que reforçaram o enquadramento da marginalização da JC:

Apesar de no último ano existirem sinais de reequilíbrio, no sentido em que o enquadramento da validação volta a estar mais presente, este é condicionado pelo grau de perturbação da ação. Este padrão confirma, portanto, a análise realizada por Hayes (2021), que conclui que a validação do ativismo juvenil acaba por depender da forma como este é enquadrado – com racionalidade científica ou como ameaça à ordem pública, o que torna a validação mais frágil.

4.2.5. Outras representações e enquadramentos

Para além dos enquadramentos mais recorrentes identificados no capítulo da revisão de literatura já analisados, a cobertura mediática do ACJ em Portugal inclui outras representações relevantes que introduzem novas camadas de pertença, conflito e emoção. Estes *frames* complementares espelham a evolução do próprio movimento e ajudam a compreender a diversidade de narrativas mediáticas.

A) Dimensão global e transnacional

O enquadramento das ações realizadas em Portugal por jovens ativistas é recorrentemente associado ao movimento internacional FFF e à ativista Greta Thunberg, quer no jornal *Observador*, quer no *Público*. Este *frame* pode ser associado ao da legitimação, visto que ao situar o ativismo nacional numa rede internacional contribui para a construção de uma identidade de pertença global e de conexão transnacional. Este enquadramento reforça igualmente a legitimidade do movimento climático ao apresentá-lo como um esforço coletivo, mesmo para lá de fronteiras nacionais.

B) Apoio intergeracional/transversal e interseccionalidade

Ao longo do período observado, ambos os jornais referem o apoio e presença de pessoas de diferentes gerações nos protestos e greves realizados pelos jovens em Portugal: ambos destacam o apoio de sindicatos, partidos, pais e professores, e a participação de diferentes grupos sociais.

Em 2020 foi possível identificar a associação da CC a outras, nomeadamente a sanitária (devido ao contexto pandémico), económica e social. Neste enquadramento, o ativismo é apresentado no centro de múltiplos problemas sistémicos, ou seja, é possível referir que está presente uma ideia de que a luta climática não pode ser afastada de outras dimensões estruturais. Isto leva-nos a outra camada deste *frame*: nos dois jornais, a luta climática surge ainda articulada a outras causas sociais, como a igualdade de género, a antirracista e a do direito à habitação. Estas “alianças intergeracionais e sociais” demonstram que o ACJ não é um movimento isolado, mas sim interseccional a um nível social mais amplo, cuja legitimidade acaba por ser reforçada considerando o apoio vindo não só da população jovem ativista, mas de diferentes causas e gerações. Tal ocorreu no ano de 2021, após as denúncias de revistas policiais abusivas a membros do género feminino do Climáximo que foram detidas após um protesto. Após este acontecimento, sete coletivos feministas uniram-se ao Climáximo para expressar a sua insatisfação para com o sucedido. No mesmo ano, ambos os jornais publicaram artigos sobre a mesma GCE, sendo o apoio de diferentes causas o tópico principal da peça:

Refere uma peça do *Público* que «*O ambiente é apenas uma das causas da Greve Climática estudantil de sexta-feira, cuja “narrativa” distribuída aos ativistas equipara a crise climática ao “sexismo, racismo”, discriminação de pessoas com deficiência e “desigualdade de classe”.*» (art.6).

C) Cooperação inesperada/Rutura com o diálogo

Este enquadramento surge pontualmente num artigo de 2021 do jornal *Observador*, que relata a cooperação entre o coletivo Climáximo e um dos seus maiores alvos de críticas, a Galp, tal como a sua Comissão de Trabalhadores. O destaque desta colaboração após vários protestos contra a Galp/refinaria de Sines rompe com a lógica binária de “ativistas VS empresas”, sublinhando que a JC não é apenas disruptiva, mas também racional, capaz de diálogo e negociação.

Em contraste, no ano seguinte, o jornal *Observador* publicou um artigo que destaca a rutura do diálogo institucional com a Galp, por parte do ativista João Camargo (Climáximo), que rejeitou uma negociação com a empresa. Esta ocorrência volta a destacar a posição de confronto direto e provocatória da JC, que choca com o enquadramento positivo de cooperação identificado em 2021.

D) Conflito entre estudantes e instituições educativas

Podemos presenciar um novo enquadramento no jornal *Público* relacionado com o conflito institucional (2022), nomeadamente estabelecimentos de ensino, devido ao início das ocupações organizadas por jovens pelo movimento Fim ao Fóssil. A ocupação de escolas e faculdades por estudantes ativistas criou uma tensão com as direções dos estabelecimentos, que se demonstraram resistentes às reivindicações, cujo ênfase é reforçado a partir de citações de vozes de estudantes ativistas:

«Sobre a posição da direcção da FLUL, a estudante é muito crítica: “Deixa-me profundamente triste que esta tenha sido a resposta da direcção da Faculdade de Letras, do professor doutor Miguel Tamen, que nem sequer se dignou a aparecer no dia [em que expulsaram os estudantes]. Acho triste a polícia entrar na própria faculdade para retirar os alunos.” (...) “A faculdade recusa-se a ouvir, desresponsabilizou-se de qualquer acção. Acho que as instituições não estão a perceber a influência que podem ter”, disse ao PÚBLICO Ana Carvalho.» (art. 6, *Público*).

E) Conflito cultural e património inviolável

As novas táticas adotadas pelos jovens ativistas portugueses (2023) envolvem DC com choque mediático. Neste ano, ativistas do Climáximo cobriram de tinta uma obra de Picasso no Museu CCB, ato que foi enquadrado pelo *Público* e pelo *Observador* como um choque entre o ativismo e valores culturais. Este acontecimento espoletou uma reação institucional, destacada pelos dois jornais, que condena a instrumentalização do património artístico – uma nova dimensão do conflito.

Refere o Ministro da Cultura, Pedro Adão e Silva:«[v]oltando à carga sobre a arte como um “reduto inviolável da liberdade”, reforçou: “Tenho muita dificuldade em perceber como é que estas lutas, por mais justas que sejam, em torno do clima e da vida no nosso planeta, possam colocar em causa a natureza inviolável da criação artística e da arte. (...)» (2024, art. 5, *Observador*).

No ano seguinte, o Climáximo definiu como alvo o Castelo de São Jorge, património cultural em Lisboa: ambos os jornais retratam a ação da pintura da fachada do castelo para a convocação de uma manifestação climática de forma negativa, visto que recorrem a um enquadramento que apresenta o castelo como património inviolável, com destaque para as respostas e comunicados institucionais que consideram a ação um ato de vandalismo:

«A Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC) de Lisboa emitiu um breve comunicado onde "lamenta e repudia o acto de vandalismo ocorrido esta manhã no Castelo de São Jorge, danificando um Monumento Nacional, património classificado e único da cidade e do país".» (2025, art. 5, *Observador*).

Apesar deste tipo de ações ter um grande alcance mediático, ao serem reproduzidos discursos de descredibilização, a legitimidade dos protestos acaba por colidir com os valores de preservação cultural, o que pode ter como consequência uma OP negativa sobre o movimento climático.

F) Política e comunidade emocional

O contexto político-eleitoral português de 2025 veio a introduzir dois novos enquadramentos que se destacam no *Público* e *Observador*: ambas as publicações inserem a luta climática no plano político ao associarem as preocupações dos jovens à composição do novo governo e à possível ameaça aos direitos democráticos colocando, por exemplo, entraves ao direito de manifestação:

Alegam os jovens:«[e]stamos assustados com os resultados das eleições. Se o primeiro-ministro Luís Montenegro rejeitou a carta que entregámos em outubro do ano passado pelo fim ao fóssil até 2030, com o Chega nem sequer teremos oportunidade de nos manifestar com tanta liberdade”, disse Clara Cabrita, outra das alunas presentes na iniciativa.» (art. 5, *Observador*).

Surge também a noção do movimento climático como uma comunidade emocional, unida não apenas pelas preocupações, mas também pela frustração/raiva e resistência/esperança. Isto confere à JC uma nova dimensão identitária, a de uma juventude política emocionalmente coesa, disposta a adotar o papel de oposição ao governo, mas aberta ao diálogo direto com a democracia.

Tal como é referido serve *«(...) para reivindicar junto dos partidos a inclusão de medidas nos programas eleitorais tendo em vista o fim dos combustíveis fósseis na produção de eletricidade em Portugal.»* (art. 4, *Público*).

CAPÍTULO 5

Resultados e Discussão

Neste capítulo são apresentados os resultados do estudo empírico realizado através da análise textual do *corpus* de 98 artigos dos jornais online *Público* e *Observador*, publicados entre 2019 e 2025, com o objetivo de identificar os principais enquadramentos utilizados para representar a JC e entender como essas representações evoluíram. Assim, este capítulo estrutura-se em três secções: a evolução temporal dos enquadramentos e narrativas predominantes; a análise de divergências entre os dois jornais; e a identificação de tendências e padrões transversais.

A discussão dos resultados obtidos procura articular os dados empíricos com as perspetivas teóricas identificadas na revisão de leitura, de modo a compreender em que medida o jornalismo português confirma ou contraria as tendências observadas noutros países no que toca ao enquadramento do ACJ.

5.1. A evolução temporal da narrativa e enquadramentos

A análise de peças jornalísticas publicadas entre 2019 e 2025 permite observar mudanças graduais nos enquadramentos predominantes nos jornais *Público* e *Observador*, o que revela uma progressiva complexificação da cobertura mediática do ativismo climático juvenil em Portugal.

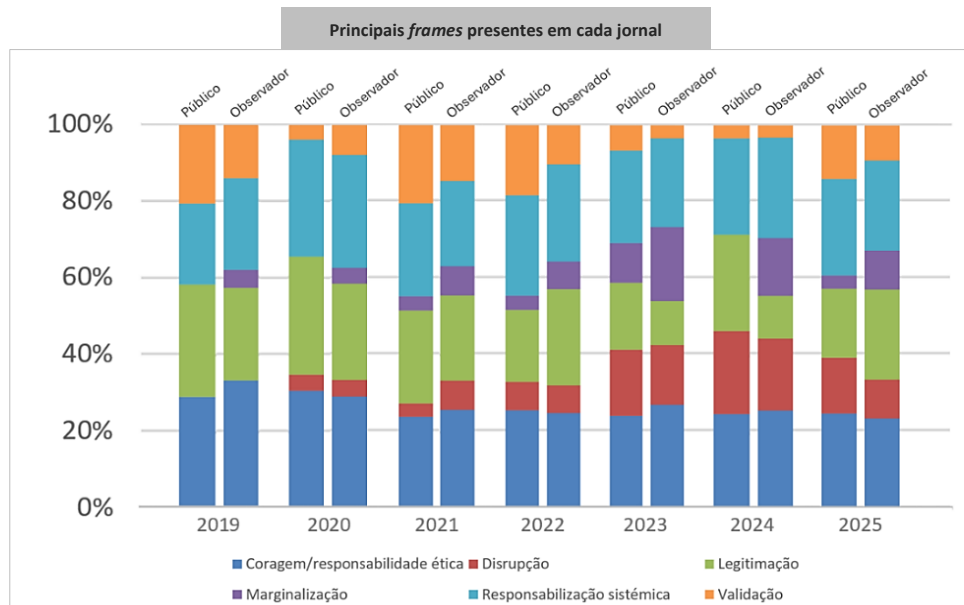


Figura 5.1: Enquadramentos principais presentes nos artigos de cada jornal por ano em percentagem.¹³

¹³ 100% = nº total de enquadramentos principais identificados em cada jornal, em cada ano.

Nos primeiros anos (2019-2020), ambos os jornais apresentaram um tom positivo, de esperança e de legitimação do movimento climático juvenil, realçando o carácter simbólico das suas ações e inserindo-as no movimento climático global e referindo o apoio de várias gerações. Este padrão encontra-se em consonância com o que Hayes (2021) e Cowan et al. (2023) identificaram em contextos internacionais: uma fase inicial em que a JC é retratada com princípios morais e comprometidos eticamente, mas com uma certa inocência.

A partir de 2021, inicia-se uma mudança para uma narrativa mais complexa e ambivalente, devido ao aumento do recurso à disrupção e DC por parte dos jovens ativistas, sendo o Climáximo constantemente o ator principal, colocando em causa a credibilidade das ações. Esta mudança vai ao encontro das análises de Hayes (2021) e de Scheuch et al. (2024), que apontam para a tendência dos *media* descolarem o foco das causas estruturais para as causas de protesto e o seu carácter disruptivo.

Entre 2023 e 2025, a CJ tornou-se relativamente mais analítica e institucionalizada e demonstra uma tensão entre as exigências e o idealismo da JC e as limitações políticas e institucionais impostas. O surgimento de enquadramentos como o de conflito cultural e património inviolável em 2023 (resultante dos ataques pelo Climáximo a património cultural) e o político-eleitoral em 2025 (resultante do sistema político português, do crescimento do partido Chega e da tensão entre ativismo e democracia), tal como o enquadramento emocional resultante dos sentimentos face ao contexto eleitoral (esperança, frustração, medo, solidariedade juvenil), refletem uma evolução do discurso mediático. Esta transição de uma narrativa moral e simbólica para uma mais política e emocionalmente complexa relembra a evolução descrita por Santos et al. (2024), na qual o debate sobre a legitimidade dos protestos se cruza com preocupações de ordem e legalidade.

Assim, à semelhança do que foi observado por Hayes (2021) e também por Mayes e Hartup (2022) nos seus estudos, em Portugal, a cobertura mediática evoluiu de uma narrativa simbólica e empática, centrada na coragem e emoção, para uma mais crítica e institucional. Passou, assim, a existir um equilíbrio entre esperança e frustração por parte da JC que reflete a maturação do movimento e o ajuste da CJ às tensões sociais e políticas suscitadas pelo ativismo climático juvenil.

5.2. Divergências

A análise dos artigos publicados permite identificar, desde logo, no que refere à orientação editorial e valores de referência, uma diferença entre os dois jornais: enquanto o *Público* assume uma postura próxima do jornalismo cívico e interpretativo, guiados pelos valores de participação, cidadania e ética ambiental; o *Observador* adota uma linha editorial liberal-conservadora, que privilegia a ordem, a racionalidade e a crítica. A partir destes perfis, é possível introduzir a ideia de que o *Público* procura compreender o ativismo, enquanto o *Observador* tende a avaliá-lo.

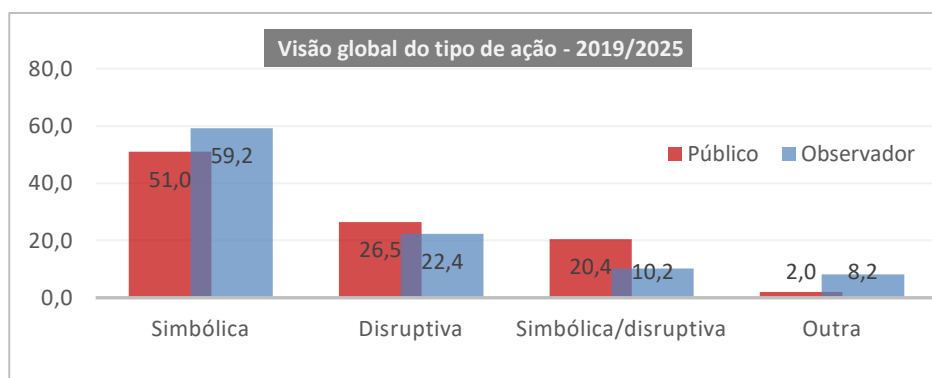


Figura 5.2: Visão global em percentagem dos tipos de ação presentes nos artigos do Público e Observador (2019-2025)

Deste modo, o perfil dos jornais parece ter determinado, em parte, o tratamento das ações realizadas pela JC, pois apesar de ambos os jornais apresentarem mais peças sobre ações simbólicas (51% no *Público*, 59,2% no *Observador*, de acordo com a figura 5.2) do que disruptivas no geral, no *Público* existe um equilíbrio na representação de ações, independentemente da sua natureza, valorizando as causas precedentes. No *Observador*, apesar de a percentagem de peças sobre ações disruptivas ser menor que a do *Público*, nos seus artigos o carácter disruptivo e as consequências negativas para os ativistas são mais destacados do que no *Público*. Este tratamento das ações por parte dos jornais acaba por se relacionar com os enquadramentos que se demonstraram mais prevalentes na CJ.

Apesar de nos dois jornais os *frames* de coragem ética e de responsabilização sistémica estarem igualmente presentes, no *Público* foi possível identificar mais frequentemente a validação das ações, enquanto no *Observador* há um maior destaque para a marginalização. Assim, o *Público* tenta humanizar os ativistas enquanto o *Observador* os problematiza como agentes de perturbação social e questiona a eficácia das suas estratégias. Estas divergências tornam-se mais pronunciadas à medida que a JC adota ações mais disruptivas e desobedientes, que acabam por afetar igualmente o grau de empatia das publicações e alimentar um distanciamento crítico.

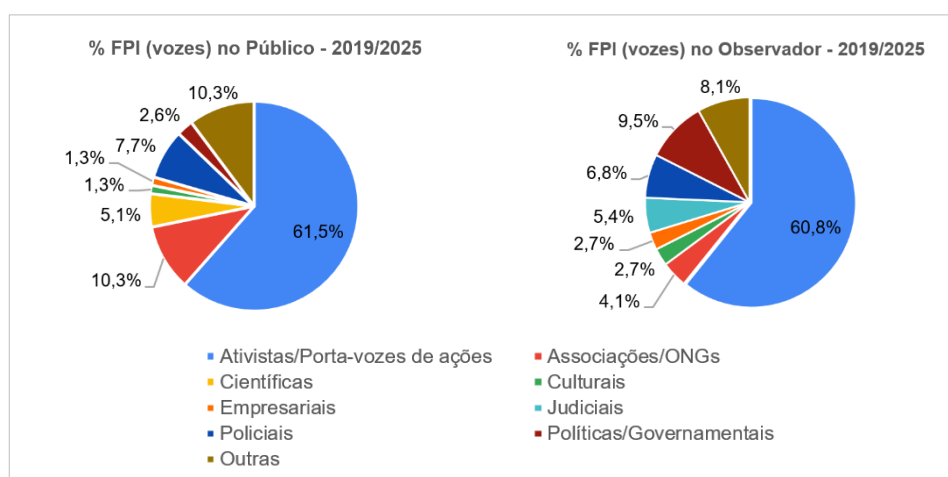


Figura 5.3: Percentagens de FPI (vozes) presentes nos artigos do Público e Observador (2019-2025)

Os dados apresentados na figura 5.3 permitem concluir que as FPI (vozes) destacadas nos dois jornais, ao longo dos sete anos analisados, acabam por pertencer maioritariamente a ativistas e porta-vozes de ações (61,5% no *Público*, 60,8% no *Observador*). No entanto, é possível apontar que o *Público* recorre a fontes científicas (5,1%), como académicos, investigadores e cientistas, ao contrário do *Observador*, e ainda a associações e ONGS (10,3%), para validar e enquadrar o discurso dos ativistas e reforçar a credibilidade das suas reivindicações, sendo retratados como agentes políticos legítimos e de transformação social, o que acaba por afastar leituras moralistas ou sensacionalistas (tal como identificado no estudo de Santos et al., 2024, no qual descobriram que a cobertura televisiva que legitima os ativistas tende a alinhar as suas exigências com dados científicos). Já o *Observador*, aparenta recorrer mais a fontes políticas (9,5%) do que o *Público* (2,6%), nomeadamente na cobertura de ações que envolvem DC e vandalismo. Porém, é importante apontar que em artigos sobre ações mais controversas ambos os jornais tendem a recorrer quase com a mesma frequência a fontes policiais. A citação de críticas negativas provenientes destas fontes acaba, assim, por desviar a atenção da mensagem ambiental que a JC pretende transmitir e reforça enquadramentos negativos para o movimento, um padrão que confirma a tendência de despolitização identificada por Hayes (2021). Porém, é importante ter em consideração que o *Observador* não ignora a relevância da crise climática.

A junção destes fatores acaba por gerar uma assimetria na perceção pública do movimento climático juvenil: o *Público* mantém uma abordagem explicativa e contextualizada, que legitima as ações e apresenta os jovens como agentes de mudança conscientes; o *Observador* privilegia uma abordagem factual com destaque para o conflito, as consequências e a controvérsia, que como consequência pode deslegitimar os esforços dos ativistas, mesmo que a validade da causa seja reconhecida. Deste modo, o *Observador* deu primazia aos acontecimentos em si (“o quê?”), enquanto o *Público* às causas subjacentes (“porquê?”), sendo possível afirmar que existe um contraste na construção da legitimidade do movimento pelos jornais.

5.3. Tendências e padrões transversais

Apesar de apresentarem linhas editoriais distintas, a análise das publicações evidencia que ambos os jornais partilham tendências e padrões consistentes na cobertura do ativismo climático juvenil em Portugal ao longo do período analisado. Esta convergência torna-se sobretudo evidente em momentos de grande visibilidade mediática, desde greves climáticas globais, até ações de bloqueio de infraestruturas e de vandalização de património.

Entre os pontos em comum mais notórios, destaca-se o facto de tanto o *Público* como o *Observador* reconhecerem a importância simbólica da juventude e a sua coragem enquanto agentes de mudança e símbolos de uma consciência moral ecológica, enquadramentos identificados por Hayes (2021) e Mayes e Hartup (2022). Esta centralidade do ativismo juvenil como ator simbólico é reforçada através de uma

narrativa de responsabilidade geracional, adotada por ambos os jornais, que enfatiza a luta ativa dos jovens pelo seu futuro, face à inação de gerações mais velhas e do próprio governo. Este enquadramento é mais proeminente nos primeiros anos da análise (2019-2020) e contribui para a construção de uma imagem de legitimidade moral associada à juventude, mesmo quando há críticas ao método de protesto.

Outra tendência comum aos dois jornais, visível sobretudo entre 2019 e 2021, é o recurso à globalização da causa, visto que há uma tendência para o enquadramento das ações locais/nacionais num contexto internacional, associado a figuras como Greta Thunberg e o FFF, como referido anteriormente. No entanto, é importante acrescentar que este enquadramento evidencia uma pertença transnacional da juventude portuguesa a um movimento global, confirmando a abordagem de Santos, Üzelgün e Carvalho (2024), na qual este *frame* contribui para uma narrativa de carácter coletivo e solidário das mobilizações e que, simultaneamente, dilui a especificidade nacional.

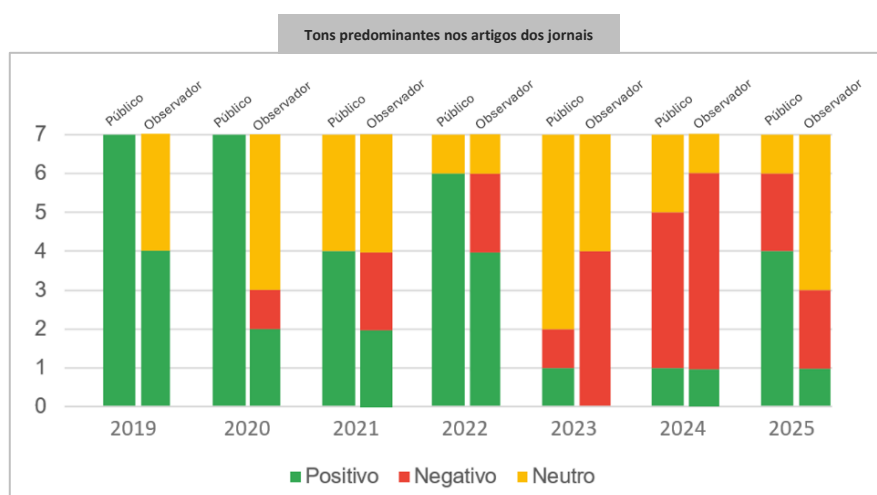


Figura 5.4: Tons predominantes nos artigos por jornal (2019-2025)

À medida que a JC recorre cada vez mais a ações de conflito direto e desordem social, a CJ alterna entre a validação moral e a crítica social, reproduzindo o ciclo descrito por Scheuch et al. (2024) e que vai de encontro a uma divergência identificada anteriormente, mas que também pode ser considerada uma tendência em comum: o *Público* procura legitimar o propósito dos jovens, mesmo que critique os métodos; o *Observador* demonstra um dilema que consiste na dificuldade de conciliar o direito à contestação e a ordem pública/cumprimento da lei. Esta tendência relaciona-se com o que Accornero (2017) descobriu na sua pesquisa, em que alguns *media* eram mais empáticos com os manifestantes e outros mais críticos, como reflexo de divisões ideológicas¹⁴. Porém, apesar de apresentada de modos diferentes, esta tensão entre a legitimidade e a disrupção existe nos dois jornais, pelo que o tom jornalístico utilizado também se veio a tornar mais complexo e analítico (o entusiasmo inicial deu lugar

¹⁴ É de valor acrescentar o que é referido por Paquete de Oliveira no seu artigo de opinião: em Portugal não há jornais assumidamente de direita nem de esquerda, mas existem jornais que estão mais conotados à direita e outros à esquerda - a agenda mediática selecionada e salientada fomenta esta inclinação da parte dos leitores.

a leituras mais críticas) – como se pode ver na figura 5.4, nos anos de maior disrupção (2023/2024) o tom passou a ser predominantemente negativo (especialmente no *Observador*) ou neutro, comparativamente aos primeiros anos, cujas ações eram maioritariamente simbólicas e pacíficas.

Da análise resulta também um padrão de dependência da noticiabilidade pelo impacto mediático, ou seja, a seleção das ações noticiadas reflete o critério jornalístico da visibilidade, que se traduz na cobertura privilegiada de protestos urbanos, ações performativas e momentos de confronto, em detrimento de mobilizações menos impressionantes ou iniciativas educativas. O destaque de ambos os jornais de ações mais disruptivas comprova o conceito do “ciclo de 24 horas mediático” analisado por Poell (2019), visto que com uma grande quantidade de informação disponível, os *media* priorizaram mencionar o que captava mais a atenção do público – e os próprios ativistas tiraram proveito desse ciclo para desenvolverem as suas estratégias de ação de modo a adquirirem uma maior visibilidade. Este fenómeno, também observado por Hayes (2021), Mayes e Hartup (2022), reforça o carácter performativo do ativismo juvenil.

A partir de 2022, é possível identificar uma tendência de progressiva politização do discurso da JC, no sentido em que as suas vozes passam a integrar o debate político e as agendas mediáticas. O enquadramento de responsabilização sistémica (do Estado, partidos, empresas e elites económicas), que, apesar de já estar presente nas narrativas de ambos os jornais em 2019, veio a intensificar-se e refletir-se em ações de confronto direto – esta ligação acaba por afastar a ideia do MCJ como apolítico. Deste modo, a visibilidade conferida à JC pode tanto ser positiva como pode afetar negativamente os seus esforços, pois existe o risco de neutralizar o impacto inicial das contestações e de transformar o movimento num objeto de discurso político mais do que num agente de disrupção da normalidade social.

As principais tendências transversais identificadas revelam uma certa homogeneização da cobertura jornalística do ativismo climático juvenil em Portugal. Apesar das diferenças editoriais, ambos reproduzem lógicas jornalísticas semelhantes, mesmo que com várias divergências, o que pode sugerir que o tratamento mediático deste tema é guiado mais por critérios estruturais de noticiabilidade e impacto do que por orientações ideológicas. Isto indica que o ativismo climático juvenil, apesar de reconhecido e institucionalizado no espaço mediático, está sujeito às limitações e ciclos do jornalismo contemporâneo.

CAPÍTULO 6

Conclusões e Recomendações

A presente dissertação teve como objetivo principal compreender que forma a juventude climática portuguesa tem sido representada nos *media* nacionais nos últimos anos, através da análise de enquadramentos jornalísticos adotados pelos jornais *Público* e *Observador*, entre 2019 e 2025. Partindo do pressuposto de que os *media* desempenham um papel crucial na divulgação de informação, na construção social da realidade e, portanto, na legitimação de determinados atores e causas, esta investigação procurou identificar tanto a evolução da representação do ativismo climático, como as divergências entre as narrativas dos dois jornais e as tendências e padrões transversais da cobertura mediática em Portugal.

Respondendo à primeira questão de investigação: “*Que enquadramentos são utilizados pelos jornais Público e pelo Observador para retratar os ativistas climáticos em Portugal?*”, é possível afirmar que os resultados obtidos confirmaram, em grande medida, as previsões delineadas no capítulo de desenho de pesquisa. Ao longo do período definido, o *Público* apresenta uma CJ tendencialmente mais empática e positiva, disponibilizando espaço às vozes dos jovens ativistas e porta-vozes de protestos, contextualizando-os no quadro mais amplo da urgência climática global. Neste jornal, apesar de ser possível identificar todos os enquadramentos mencionados na revisão de literatura, prevalecem os enquadramentos da legitimação e validação, pelo que tendem a retratar os jovens como agentes de mudança política e social, mas também como protagonistas da luta pelo clima. As peças desta publicação destacam as causas, reivindicações e a coerência moral das ações, associando-as à expressão de cidadania e de responsabilidade intergeracional.

Em contraste, o *Observador* denota preferência por *frames* associados à disrupção, nomeadamente a natureza controversa de protestos e de desordem pública, centrando-se nas consequências imediatas, nomeadamente quando as ações envolvem bloqueios, detenções e vandalismo. Apesar de o *Observador* conferir também espaço às vozes ativistas, a sua presença é contrabalançada por fontes institucionais, policiais e políticas e por representantes das entidades de que foram alvo das ações – contribuindo para uma narrativa mais crítica e distanciada. Como consequência, o jornal acaba por adotar, em diversas ocasiões, um enquadramento de marginalização, apresentando os protestos da JC como excessivos e cuja legitimidade é questionada perante a disrupção social provocada.

É importante salientar que os enquadramentos mais recorrentes nos artigos de ambos os jornais, de 2019 a 2025, são os da juventude como símbolos de coragem ética e o da responsabilização sistémica. Os resultados da pesquisa apontam também para um certo pluralismo, visto que a cobertura de ações simbólicas tende a ser retratada de forma positiva ou neutra, tanto no *Público* como no *Observador*, enquanto as de DC são alvo de um tom mais negativo e de reprovação, sobretudo pelo *Observador*. Esta

conclusão demonstra que os enquadramentos jornalísticos não se definem apenas pela linha editorial do meio, mas também de acordo com o tipo de estratégias utilizadas pela JC e o seu impacto mediático.

A segunda questão de investigação: “*Surgiram alterações nos enquadramentos utilizados ao longo do período em análise?*” também obteve os resultados esperados. A análise permitiu identificar uma clara evolução dos enquadramentos mediáticos, que acompanhou o percurso do próprio MCJ em Portugal. Em 2019/2020, as narrativas do *Público* e do *Observador* foram marcadas pela novidade e a esperança, tal como a dimensão internacional do movimento, o que levou a um enquadramento bastante positivo e de valorização da coragem dos jovens, destacando também as críticas à inércia do governo e a responsabilização sistémica. Porém, com o aumento do número de ações de DC nos anos seguintes, a CJ passou a refletir essa mudança estratégica: o *Público* manteve uma postura de contextualização das causas prévias e um certo equilíbrio, enquanto o *Observador* começou a destacar a tensão e o conflito entre os ativistas e as autoridades. Em 2022, com as ocupações de instituições educacionais organizadas pelo movimento Fim ao Fóssil, os enquadramentos tornaram-se mais ambivalentes, oscilando entre o reconhecimento da legitimidade e a marginalização. Em 2023/2024 registou-se o ponto de maior intensificação das ações, com protestos marcados por vandalismo a património cultural e confrontos diretos. Isto fez com que o tom da CJ se tornasse predominantemente negativo no *Observador*, pelo que o tom positivo do *Público* deu lugar ao neutro e negativo. Porém, em 2025, é possível notar um regresso parcial às ações simbólicas e colaborativas por parte da JC: o tom torna-se mais positivo no *Público* e menos negativo no *Observador*, o que reflete uma certa maturação do movimento e o esforço dos *media* em não destacar os jovens apenas pela confrontação, mas também pela sua capacidade colaborativa.

Tendo em conta os principais enquadramentos e a sua evolução, é possível responder à terceira e última questão: “*Existem tendências ou padrões que se destaquem?*”. De modo transversal aos dois jornais e ao longo do período em análise, foi possível identificar um conjunto de tendências estruturantes principais:

1. Ativistas como fontes e vozes principais. Nas peças jornalísticas do *Público* e do *Observador*, as FPI (vazes) são principalmente ativistas e organizadores de iniciativas, nomeadamente em contextos simbólicos. No entanto, é possível apontar uma tendência no *Público* de recurso a fontes científicas, enquanto o *Observador* recorre mais a fontes políticas. Em artigos que relatam protestos que envolvem DC e detenções, ambos os jornais apresentam uma tendência para citarem fontes policiais.
2. Internacionalização e contextualização global. Sobretudo nos primeiros anos analisados, as publicações tendem a associar a juventude climática portuguesa à ativista sueca Greta Thunberg e ao movimento FFF. Esta contextualização reforça a integração dos jovens portugueses num movimento transnacional, que acaba por conferir credibilidade e legitimidade às ações realizadas a nível nacional.

3. Da novidade à normalização. Na CJ, o ativismo climático juvenil evoluiu de um fenómeno emergente e “inspirador” e passou a integrar o debate público, pelo que a JC passou a ser representada como um ator político contestado, o que reflete um ciclo típico da cobertura de movimentos sociais: emergência; legitimação; contestação; institucionalização. Este ciclo demonstra como os *media* moldam a perceção pública da juventude, inicialmente como agentes morais de consciência ecológica, e depois como agentes perturbadores da normalidade social.
4. Oscilação entre legitimação e marginalização. Como mencionado anteriormente, face ao aumento de ações disruptivas, os *media* aumentaram a distância crítica e deram uma maior atenção às consequências dos protestos, e não às mensagens que a JC pretendia transmitir. Deste modo, ações simbólicas pacíficas tendem a ser enquadradas positivamente, sendo legitimadas, enquanto as de DC são enquadradas de forma negativa ou neutra, sendo, por vezes, alvo de marginalização – um padrão que demonstra que a forma como as ações são retratadas depende fortemente da natureza das mesmas.
5. A influência do contexto político-social e a complexificação do discurso mediático. Momentos como a pandemia, a crise energética e as eleições legislativas condicionaram a forma como as ações foram enquadradas. A CJ do ativismo climático, ao incorporar dimensões políticas, científicas e éticas, tornou-se assim mais complexa e diversificada, sobretudo com a presença de enquadramentos emocionais face ao contexto político-eleitoral de 2025. Destes fatores, surge assim uma crescente tensão entre a JC, a democracia e o populismo, nomeadamente face à ascensão de forças políticas que questionam a legitimidade da ação coletiva.

Estas tendências permitem apontar certas implicações para o espaço público e mediático. Em primeiro lugar, confirmam que os *media* portugueses não adotam uma postura linear na representação do ativismo juvenil, ou seja, a CJ é fluida, pois reflete tanto as mudanças no próprio movimento climático como os contextos sociais e políticos. Em segundo lugar, apesar de o *Público* e o *Observador* apresentarem linhas editoriais distintas, ambos contribuem para a visibilidade pública do MCJ, não só das ações a nível nacional, mas também internacional, através da contextualização das ações locais no contexto global da luta climática. Enquanto que o *Público* assegura a dimensão da legitimidade e do debate político, o *Observador* destaca a sua dimensão controversa e conflituosa, o que garante que o tema permaneça presente na agenda mediática pública.

No entanto, esta dualidade acaba por reforçar também uma polarização da narrativa em torno do ativismo climático, sendo que, num extremo, os jovens são apresentados como agentes morais e racionais, enquanto no outro, como atores impulsivos e disruptivos. A coexistência destas narrativas reflete uma ambivalência mediática da JC: simultaneamente são símbolos de esperança e coragem e de ameaça e desordem.

Apesar do cuidado metodológico, é importante referir que esta investigação apresenta certas limitações. Primeiramente, a seleção de apenas dois jornais, o *Público* e o *Observador*, restringe o

alcançe dos resultados, pelo que estes não permitem uma generalização dos *media* portugueses, especificamente a imprensa nacional. Em segundo lugar, a análise apenas de artigos *online* de livre acesso pode condicionar o *corpus* de análise, pois aqueles de acesso condicionado poderiam oferecer enquadramentos distintos, mais analíticos. A exclusão de artigos de opinião, apesar de metodologicamente coerente, limita também a análise ao deixar de fora interpretações importantes para a formação da opinião pública. Outra limitação é o recorte temporal (início de 2019 a junho de 2025) pois as conclusões que surgiram da análise de artigos noticiosos apenas do primeiro semestre de 2025 podem não corresponder ao ano na sua totalidade, apesar de incluir momentos-chave do ativismo climático português e da sua mediatização. Por fim, a análise de *frames* é um processo interpretativo que está sujeito a enviesamentos do próprio investigador, o que significa que a identificação e classificação de enquadramentos acabam por resultar de alguma subjetividade.

Para concluir, gostaria de frisar os contributos e as implicações académicas desta investigação. Do ponto de vista académico, a pesquisa contribui para o campo da comunicação e dos estudos sobre movimentos sociais ao apresentar uma análise sobre o enquadramento mediático do ACJ em Portugal, incluindo diversos tipos de ações e atores ao longo de uma janela temporal de sete anos. Esta pesquisa permitiu aprofundar não só a compreensão da relação entre *media*, juventude e o movimento climático, mas também demonstrar que a representação jornalística desempenha um papel central na legitimação social da causa ambiental. A dissertação torna-se pertinente ao aplicar a teoria do *framing* à análise do movimento climático contemporâneo, que permitiu evidenciar de que modo os meios de comunicação amplificam ou restringem as vozes juvenis. Deste modo, ao se revelar que a legitimação mediática é condicionada pela natureza das ações ativistas, a investigação reforça a importância da estratégia comunicacional do próprio movimento, que pode vir a influenciar a sua perceção pública, ou seja, a eficácia das suas ações não depende apenas da sua visibilidade, mas também da receção mediática. Desta forma, para além de a presente dissertação preencher uma lacuna empírica sobre o caso português, oferece também *insights* úteis para futuras investigações comparativas para o enquadramento do ativismo climático no contexto português e europeu.

Assim, este trabalho demonstra que o modo como os *media* enquadram o ativismo climático juvenil é um reflexo das tensões contemporâneas entre a urgência climática e a estabilidade institucional: as narrativas mediáticas não só relatam os acontecimentos, como também participam na construção do significado político do ativismo ambiental. Ao identificar os padrões e transformações na cobertura jornalística entre 2019 e 2025, esta dissertação contribui para compreender como a juventude climática continua a desafiar os limites do debate público e permite destacar o seu papel crucial na luta pela justiça climática.

Fontes

Fontes sobre ficha técnica, estatuto editorial e registo dos jornais:

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (s.d.). *Registo de órgãos de comunicação social*, consultado online a 05-09-2025 em <https://www.erc.pt/pt/registo-de-ocs>.

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (s.d.). *Transparência dos media*, consultado online a 05-09-2025 em <https://portaltransparencia.erc.pt/>.

Observador. (s.d.). Estatuto editorial, consultado online a 05-09-2025 em <https://observador.pt/estatuto-editorial/>.

Observador. (s.d.). Ficha técnica, consultado online a 05-09-2025 em <https://observador.pt/ficha-tecnica/>.

Público. (s.d.). Estatuto editorial, consultado online a 05-09-2025 em <https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial>.

Público. (s.d.). Ficha técnica, consultado online a 05-09-2025 em <https://www.publico.pt/nos/ficha-tecnica>.

Público. (s.d.). Estrutura acionista, consultado online a 05-09-2025 em <https://www.publico.pt/nos/estrutura-accionista>.

Fontes sobre assinantes dos jornais:

Meios & Publicidade. (2024, 29 de fevereiro). *Observador sem interesses muito interessante para 30 mil assinantes Meios & Publicidade*. <https://www.meiosepublicidade.pt/2024/02/29/observador-sem-interesses-muito-interessante-para-30-mil-assinantes>.

Público. (2025, 30 de maio). PÚBLICO é líder incontestado na circulação digital no primeiro trimestre de 2025. *Público*. <https://www.publico.pt/2025/05/30/sociedade/noticia/publico-reforca-lideranca-circulacao-digital-trimestre-2025-2135035>.

Fontes sobre inclinações ideológico-partidárias nos jornais em Portugal:

Oliveira, J. M. P. de. (2016, 6 de junho). Não há jornais de direita nem de esquerda em Portugal. *Público*. <https://www.publico.pt/2016/06/06/sociedade/noticia/nao-ha-jornais-de-direita-nem-de-esquerda-em-portugal-1734159>.

Silva, E. O. (2018, 11 de julho). A direita “Observador”. *Jornal i*. <https://ionline.sapo.pt/2018/07/11/a-direita-observador/>.

Graça, F. V. S. (2017). *A política e os media: O enviesamento da imprensa portuguesa em 2009 e 2015* [Dissertação de mestrado, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Aberto do ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/14833>.

Fontes sobre regulação para a comunicação social e sobre media:

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (2016, maio). *Digital Media Portugal – ERC 2015*, consultado online a 05-09-2025 em <https://www.erc.pt/pt/estudos/novos-media/estudo-digital-media-portugal-2015/>.

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (2025, julho). *Relatório de regulação 2024*, consultado online a 05-09-2025 em <https://www.erc.pt/pt/estudos/relatorios-de-regulacao/relatorio-de-regulacao-2024/>.

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (2025, julho). *Renovação de licenças para o exercício da atividade de rádio 2024: Impacto no setor e breve enquadramento normativo*, consultado online a 05-09-2025 em <https://www.erc.pt/pt/estudos/media-imprensa-radio-tv/renovacao-de-licencas-para-o-exercicio-da-atividade-de-radio-2024-impacto-no-setor-7c-breve-enquadramento-normativo/>.

OberCom – Observatório da Comunicação. (2024, setembro). *Futuros: Eixos de inovação para os media 2024/2025*, consultado online a 05-09-2025 em <https://www.obercom.pt/futuros-eixos-de-inovacao-para-os-media-2024-2025/>.

Peças analisadas do ano de 2019

Notícias analisadas no jornal *Público*:

- Artigo 1 – Durães, M. (2019, 4 de abril). Os estudantes vão voltar a faltar às aulas pelo clima: “Não vamos largar o osso”. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/04/04/p3/noticia/os-estudantes-vaio-voltar-a-faltar-as-aulas-pelo-clima-nao-vamos-largar-o-osso-1868034>
- Artigo 2 – Valente, M. (2019, 20 de setembro). Cinema, vigílias e esperança: é a semana da Mobilização Global pelo Clima. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/09/20/p3/noticia/cinema-vigilias-esperanca-e-a-semana-da-mobilizacao-global-pelo-clima-1886919>
- Artigo 3 – P3. (2019, 26 de setembro). A Greve Climática Global está aí. E estão todos convidados. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/09/26/p3/noticia/a-greve-climatica-global-esta-ai-e-estao-todos-convidados-1887860>
- Artigo 4 – Henriques, J. G., & Durães, M. (2019, 27 de setembro). A geração Instagram em peso na rua: “Salvem o planeta, acabem com o capitalismo”. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/09/27/p3/reportagem/greve-clima-1888080>
- Artigo 5 – Pequeno, K. (2019, 10 de novembro). Jovens ativistas do clima convidam Greta Thunberg a vir a Portugal. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/11/10/p3/noticia/movimento-greve-climatica-estudantil-quer-greta-portugal-1893214>
- Artigo 6 – Lusa & P3. (2019, 27 de novembro). Greve climática: jovens voltam à rua dias antes de Greta Thunberg chegar a Lisboa. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/11/27/p3/noticia/greve-climatica-jovens-voltam-a-rua-dias-antes-de-greta-thunberg-chegar-a-lisboa-1895332>
- Artigo 7 – Carvalho, P. (2019, 6 de dezembro). Quantos jovens cabem numa manifestação pelo clima? *Público*. <https://www.publico.pt/2019/12/06/mundo/noticia/jovens-cabem-manifestacao-clima-1896327>

Notícias analisadas no jornal *Observador*:

- Artigo 1 – Agência Lusa. (2019, 15 de março). Estudantes portugueses em greve mundial pelo clima. *Observador*. <https://observador.pt/2019/03/15/estudantes-portugueses-em-greve-mundial-pelo-clima/>
- Artigo 2 – Agência Lusa, & Peixoto, A. C. (2019, 15 de março). "Não há planeta B". Milhares de estudantes saíram à rua para protestar contra as alterações climáticas Este artigo tem mais de 5 anos. *Observador*. <https://observador.pt/2019/03/15/milhares-de-estudantes-gritam-em-lisboa-que-nao-ha-planeta-b/>
- Artigo 3 - Agência Lusa. (2019, 23 de abril). Ativistas que interromperam António Costa admitem fazer mais ações. *Observador*. <https://observador.pt/2019/04/23/ativistas-que-interromperam-antonio-costa-admitem-fazer-mais-acoas/>
- Artigo 4 - Agência Lusa. (2019, 24 de maio). Jovens mobilizam planeta e saem à rua pelo combate às alterações climáticas. *Observador*. <https://observador.pt/2019/05/24/jovens-mobilizam-planeta-e-saem-a-rua-pelo-combate-as-alteracoes-climaticas/>
- Artigo 5 - Agência Lusa, & *Observador*. (2019, 24 de maio). "É nossa responsabilidade estar aqui". Milhares de jovens pararam o país em defesa do planeta. *Observador*. <https://observador.pt/2019/05/24/e-nossa-responsabilidade-estar-aqui-milhares-de-jovens-pararam-lisboa-em-defesa-do-planeta/>
- Artigo 6 - Agência Lusa. (2019, 27 de setembro). Semana em Portugal de ação global pelo clima termina com greve geral e manifestações. *Observador*. <https://observador.pt/2019/09/27/semana-em-portugal-de-acao-global-pelo-clima-termina-com-greve-geral-e-manifestacoes/>
- Artigo 7 - Agência Lusa. (2019, 29 de novembro). Greve climática volta esta sexta-feira às ruas em Portugal e envolve 157 países. *Observador*. <https://observador.pt/2019/11/29/greve-climatica-volta-esta-sexta-feira-as-ruas-em-portugal-e-envolve-157-paises/>

Peças analisadas do ano de 2020

Notícias analisadas no jornal *Público*:

- Artigo 1 – P3. (2020, 30 de janeiro). Os estudantes voltam a chamar: há Greve Climática global marcada para Março. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/01/30/p3/noticia/estudantes-voltam-chamar-ha-greve-climatica-global-marcada-marco-1902294>
- Artigo 2 – Brito, A. (2020, 22 de abril). Activistas ambientais vão participar na AG da Galp. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/04/22/economia/noticia/activistas-ambientais-vao-participar-ag-galp-1913376>
- Artigo 3 – Durães, M. (2020, 20 de julho). Activistas do clima vão dar “aulas” (ao Governo) sobre justiça climática. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/07/20/p3/noticia/activistas-clima-vao-dar-aulas-governo-justica-climatica-1925130>
- Artigo 4 – Moutinho, V. (2020, 21 de setembro). Como o planeta “está doente”, eles querem “bloquear” a rotunda do Marquês, em Lisboa. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/09/21/p3/noticia/planeta-doente-querem-bloquear-rotunda-marques-lisboa-1932258>
- Artigo 5 – Rocha, D., & Miranda, T. P., & Durães, M., & Carvalho, H. (2020, 25 de setembro). Mesmo em pandemia, eles foram à rua avisar: “Não há vacina que nos salve da crise climática”. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/09/25/p3/noticia/pandemia-rua-avisar-nao-ha-vacina-salve-crise-climatica-1932907>
- Artigo 6 – Santos, N. F., & Carvalho, H. (2020, 5 de outubro). Protesto pelo clima obriga a intervenção policial. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/10/05/p3/noticia/protesto-clima-obriga-intervencao-policial-1934030>
- Artigo 7 – Lusa (2020, 9 de dezembro). Nos cinco anos do Acordo de Paris, a Greve Climática Estudantil sai à rua (mas não festeja). *Público*. <https://www.publico.pt/2020/12/09/p3/noticia/cinco-anos-acordo-paris-greve-climatica-estudantil-sai-rua-nao-festeja-1942250>

Notícias analisadas no jornal *Observador*:

- Artigo 1 – Agência Lusa. (2020, 14 de janeiro). Ativistas pelo clima reclamam aos bancos pelo seu papel na crise climática. *Observador*. <https://observador.pt/2020/01/14/ativistas-pelo-clima-reclamam-aos-bancos-pelo-seu-papel-na-crise-climatica/>
- Artigo 2 – Agência Lusa. (2020, 11 de fevereiro). Jovens portugueses convocam mais uma greve climática para 13 de março. *Observador*. <https://observador.pt/2020/02/11/jovens-portugueses-convocam-mais-uma-greve-climatica-para-13-de-marco/>
- Artigo 3 – Agência Lusa. (2020, 22 de julho). Jovens do movimento Climaximo exigem junto do Governo investimento numa nova economia. *Observador*. <https://observador.pt/2020/07/22/jovens-do-movimento-climaximo-exigem-junto-do-governo-investimento-numa-nova-economia/>
- Artigo 4 – Agência Lusa. (2020, 24 de julho). "Aula" na rua lembra Governo que combate à crise climática não pode ser ignorado. *Observador*. <https://observador.pt/2020/07/24/aula-na-rua-lembra-governo-que-combate-a-crise-climatica-nao-pode-ser-ignorado/>
- Artigo 5 – Agência Lusa. (2020, 25 de setembro). Milhares de jovens nas ruas e em casa no regresso das "sextas-feiras pelo futuro". *Observador*. <https://observador.pt/2020/09/25/milhares-de-jovens-nas-ruas-e-em-casa-no-regresso-das-sextas-feiras-pelo-futuro/>
- Artigo 6 – Agência Lusa. (2020, 5 de outubro). Dezenas de manifestantes pelo clima bloqueiam rotunda do Marquês de Pombal em Lisboa. *Observador*. <https://observador.pt/2020/10/05/dezenas-de-manifestantes-pelo-clima-bloqueiam-rotunda-do-marques-de-pombal-em-lisboa/>
- Artigo 7 – Agência Lusa. (2020, 11 de dezembro). Acordo de Paris: Greve Climática Estudantil protesta contra inação e vazios políticos. *Observador*. <https://observador.pt/2020/12/11/acordo-de-paris-greve-climatica-estudantil-protesta-contrainacao-e-vazios-politicos/>

Peças analisadas do ano de 2021

Notícias analisadas no jornal *Público*:

- Artigo 1 – Monteiro, R. (2021, 12 de março). Activistas fazem inventário dos maiores emissores em Portugal — e começam a pensar como cortar. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/03/12/p3/noticia/activistas-fazem-inventario-maiores-emissores-portugal-comecam-pensar-cortar-1954203>
- Artigo 2 – Amado, C. (2021, 19 de março). “O que é que nós queremos? Justiça climática!”: os jovens activistas gritam até que alguém os ouça *Público*. <https://www.publico.pt/2021/03/19/p3/noticia/queremos-justica-climatica-jovens-activistas-gritam-ate-alguem-ouca-1955245>
- Artigo 3 – Durães, M. (2021, 9 de abril). Greve Climática volta à rua pelo Dia da Terra para exigir “mobilidade sustentável”. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/04/09/p3/noticia/greve-climatica-volta-rua-dia-terra-exigir-mobilidade-sustentavel-1957861>
- Artigo 4 – Lusa, & PÚBLICO. (2021, 22 de maio). Cerca de 30 detidos em protesto contra poluição de aviões junto ao aeroporto de Lisboa. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/05/22/local/noticia/clima-manifestantes-avioes-cortam-transito-junto-aeroporto-lisboa-1963652>
- Artigo 5 – Pereira, A. C. (2021, 20 de julho). Activistas pelo clima acusam PSP de revistas abusivas. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/07/20/p3/noticia/activistas-clima-acusam-esquadra-olivais-revistas-abusivas-1971104>
- Artigo 6 – Lusa, & P3. (2021, 23 de setembro). Ambiente, sexismo e racismo: tudo cabe na luta da Greve Climática Estudantil de sexta-feira. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/09/23/p3/noticia/ambiente-sexismo-racismo-cabe-luta-greve-climatica-estudantil-sextafeira-1978529>
- Artigo 7 – Carmo, D. (2021, 18 de novembro). Activistas tentam entrar na refinaria de Sines mas são barrados pela GNR. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/11/18/sociedade/noticia/activistas-tentam-entrar-refinaria-sines-sao-barrados-gnr-1985470>

Notícias analisadas no jornal *Observador*:

- Artigo 1 – Agência Lusa. (2021, 25 de maio). Processo contra jovens que protestaram contra poluição gerada pela aviação segue para inquérito. *Observador*. <https://Observador.pt/2021/05/25/processo-contra-jovens-que-protestaram-contra-poluicao-gerada-pela-aviacao-segue-para-inquerito/>
- Artigo 2 – Agência Lusa. (2021, 20 de julho). Movimento Climáximo e coletivos feministas apresentam queixa-crime contra PSP. *Observador*. <https://Observador.pt/2021/07/20/movimento-climaximo-e-coletivos-feministas-apresentam-queixa-crime-contra-psp/>
- Artigo 3 – Agência Lusa. (2021, 24 de setembro). Duas centenas na rua em Lisboa em greve climática apartidária, mas com partidos. *Observador*. <https://Observador.pt/2021/09/24/duas-centenas-na-rua-em-lisboa-em-greve-climatica-apartidaria-mas-com-partidos/>
- Artigo 4 – Agência Lusa. (2021, 22 de outubro). Jovens manifestam-se pela urgência da justiça climática. *Observador*. <https://Observador.pt/2021/10/22/jovens-manifestam-se-pela-urgencia-da-justica-climatica/>
- Artigo 5 – Agência Lusa. (2021, 16 de novembro). Climáximo quer bloquear refinaria da Galp em Sines para exigir fecho até 2025. *Observador*. <https://Observador.pt/2021/11/16/climaximo-quer-bloquear-refinaria-da-galp-em-sines-para-exigir-fecho-ate-2025/>
- Artigo 6 – Agência Lusa. (2021, 18 de novembro). Protesto na refinaria da Galp em Sines termina sem novos incidentes. *Observador*. <https://Observador.pt/2021/11/18/grupo-em-protesto-invade-refinaria-de-sines-uma-pessoa-identificada/>
- Artigo 7 – Agência Lusa (2021, 19 de novembro). Refinaria de Sines integra planos para descarbonização, garante Galp. *Observador*. <https://Observador.pt/2021/11/19/refinaria-de-sines-integra-planos-para-descarbonizacao-garante-galp/>

Peças analisadas do ano de 2022

Notícias analisadas no jornal *Público*:

- Artigo 1 – P3 (2022, 13 de setembro). Greve Climática Estudantil volta às ruas — com mira no Ministério da Economia. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/09/13/azul/noticia/greve-climatica-estudantil-volta-ruas-mira-ministerio-economia-2020204>
- Artigo 2 – Tavares, J. M. (2022, 23 de setembro). Greve climática: “Não tenho escolha, tenho de estar aqui a lutar pelo meu futuro”. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/09/23/azul/noticia/greve-climatica-nao-escolha-estar-aqui-lutar-futuro-2021658>
- Artigo 3 – Lusa, & PÚBLICO. (2022, 17 de outubro). Acções de desobediência civil pelo clima aumentam — e já levaram a detenções de activistas portugueses. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/10/17/azul/noticia/acoes-desobediencia-civil-clima-aumentam-ja-levaram-detencoes-activistas-portugueses-2024282>
- Artigo 4 – Flor, A. (2022, 7 de novembro). Estudantes ocupam seis escolas e faculdades em Lisboa para exigir fim dos combustíveis fósseis. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/11/07/azul/noticia/estudantes-ocupam-seis-escolas-faculdades-lisboa-exigir-fim-combustiveis-fosseis-2026531>
- Artigo 5 – Lusa. (2022, 12 de novembro). Manifestantes invadem edifício em Lisboa onde está o ministro da Economia. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/11/12/azul/noticia/manifestantes-invadem-edificio-lisboa-onde-ministro-economia-2027520>
- Artigo 6 – Ferreira, N. (2022, 14 de novembro). Estudantes detidos na ocupação de Faculdade de Letras escolhem ir a julgamento. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/11/14/azul/noticia/estudantes-detidos-ocupacao-faculdade-letras-escolhem-ir-julgamento-2027702>
- Artigo 7 – PÚBLICO (2022, 21 de novembro). Activistas espalham dezenas de cartazes publicitários pelo fim ao fóssil em Lisboa. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/11/21/azul/noticia/activistas-espalham-dezenas-cartazes-publicitarios-fim-fossil-lisboa-2028557>

Notícias analisadas no jornal *Observador*:

- Artigo 1 – Agência Lusa. (2022, 24 de janeiro). Climáximo realiza Caravana Global pela Justiça Climática em abril. *Observador*. <https://Observador.pt/2022/01/24/climaximo-realiza-caravana-global-pela-justica-climatica-em-abril/>
- Artigo 2 – Agência Lusa. (2022, 3 de abril). Caravana pela Justiça Climática arranca este domingo para denunciar abusos e debater soluções. *Observador*. <https://Observador.pt/2022/04/03/caravana-pela-justica-climatica-arranca-este-domingo-para-denunciar-abusos-e-debater-solucoes/>
- Artigo 3 – Agência Lusa. (2022, 22 de abril). Dia da Terra mobiliza ações para "investir no planeta" doente. *Observador*. <https://Observador.pt/2022/04/22/dia-da-terra-mobiliza-acoes-para-investir-no-planeta-doente/>
- Artigo 4 – Agência Lusa. (2022, 28 de junho). Jovens ativistas acampam no Parque das Nações contra "inacção climática". *Observador*. <https://Observador.pt/2022/06/28/jovens-ativistas-acampam-no-parque-das-nacoes-contrainacao-climatica/>
- Artigo 5 – Agência Lusa. (2022, 1 de julho). Clima. Queixa de jovens portugueses contra 33 governos europeus (um dos quais Portugal) sobe ao topo do Tribunal de Direitos Humanos. *Observador*. <https://Observador.pt/2022/07/01/clima-queixa-de-jovens-portugueses-contras33-governos-europeus-um-dos-quais-portugal-sobe-ao-topo-do-tribunal-de-direitos-humanos/>
- Artigo 6 – Agência Lusa. (2022, 9 de julho). GNR identifica sete ativistas que invadiram refinaria de Sines. *Observador*. <https://Observador.pt/2022/07/09/gnr-identifica-sete-ativistas-que-invadiram-refinaria-de-sines/>
- Artigo 7 – Agência Lusa, & Dias, M. V. (2022, 17 de outubro). Três ativistas detidos depois de se colarem à entrada da Galp em protesto contra papel das petrolíferas na crise. *Observador*. <https://Observador.pt/2022/10/17/clima-tres-ativistas-detidos-depois-de-se-colarem-a-entrada-da-galp-em-protesto-contrapapel-das-petroliferas-na-crise/>

Peças analisadas do ano de 2023

Notícias analisadas no jornal *Público*:

- Artigo 1 – Flor, A. (2023, 13 de maio). Ativistas bloqueiam terminal de Sines por terra, mar e gasoduto e declaram vitória. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/05/13/azul/reportagem/ativistas-bloqueiam-terminal-sines-terra-mar-gasoduto-declaram-vitoria-2049577>
- Artigo 2 – Neves, S., & Dantas, M. (2023, 26 de setembro). Ministro do Ambiente atingido com tinta durante evento da CNN. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/09/26/azul/noticia/ministro-ambiente-atingido-tinta-durante-evento-cnn-2064615>
- Artigo 3 – Costa, F. (2023, 3 de outubro). Ativistas climáticos sentaram-se na Segunda Circular e bloquearam um dos sentidos. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/10/03/azul/noticia/ativistas-climaticos-sentaram-se-segunda-circular-bloquearam-sentidos-2065407>
- Artigo 4 – Flor, A. (2023, 13 de outubro). “Não há arte num planeta morto.” Ativistas cobrem de tinta quadro de Picasso no Museu Berardo. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/10/13/azul/noticia/nao-ha-arte-planeta-morto-ativistas-cobrem-tinta-quadro-picasso-museu-berardo-2066653>
- Artigo 5 – Lusa. (2023, 21 de outubro). Ativistas climáticos partem montra da Gucci na Avenida da Liberdade em Lisboa. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/10/21/azul/noticia/ativistas-climaticos-partem-montra-gucci-avenida-liberdade-lisboa-2067534>
- Artigo 6 – Flor, A. (2023, 24 de novembro). Mais de 20 estudantes detidos após protestos pelo clima no Ministério do Ambiente e no das Infra-estruturas. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/11/24/azul/noticia/protestos-clima-estudantes-invadiram-ministerio-infraestruturas-2071384>
- Artigo 7 – Malheiro, A. S., & Soares, A. A. (2023, 14 de dezembro). Ativistas climáticos penduraram-se no viaduto Duarte Pacheco, em Lisboa. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/12/14/azul/noticia/ativistas-climaticos-penduram-se-viaduto-duarte-pacheco-lisboa-2073656>

Notícias analisadas no jornal *Observador*:

- Artigo 1 – Agência Lusa. (2023, 27 de março). Movimento "Fim Ao Fóssil" marca nova vaga de ocupações para 26 de abril. *Observador*. <https://Observador.pt/2023/03/27/movimento-fim-ao-fossil-marca-nova-vaga-de-ocupacoes-para-26-de-abril/>
- Artigo 2 – Agência Lusa. (2023, 10 de maio). Clima. Duas estudantes iniciam greve de fome na entrada da Faculdade de Psicologia de Lisboa. *Observador*. <https://Observador.pt/2023/05/10/clima-duas-estudantes-iniciam-greve-de-fome-na-entrada-da-faculdade-de-psicologia-de-lisboa/>
- Artigo 3 – Agência Lusa. (2023, 14 de setembro). Governo desdramatiza manifestação pela ação climática à porta do Conselho de Ministros. *Observador*. <https://Observador.pt/2023/09/14/ativistas-climaticos-bloqueiam-entrada-do-conselho-de-ministros/>
- Artigo 4 – Agência Lusa (2023, 5 de outubro). Manifestantes do movimento Climáximo pintam fachada da sede da REN em Lisboa. *Observador*. <https://Observador.pt/2023/10/05/manifestantes-do-movimento-climaximo-pintam-fachada-da-sede-da-ren-em-lisboa/>
- Artigo 5 – Agência Lusa, & Salgueiro, M., & Antunes, A. F. (2023, 13 de outubro). Ativistas ambientais atiram tinta sobre quadro de Picasso no CCB. Obra estava protegida por um acrílico. *Observador*. <https://Observador.pt/2023/10/13/ativistas-ambientais-atiram-tinta-sobre-quadro-de-picasso-no-ccb-sem-o-danificar/>
- Artigo 6 – Agência Lusa. (2023, 3 de dezembro). EDP repudia "atos de vandalismo" do grupo Climáximo no MAAT. *Observador*. <https://Observador.pt/2023/12/03/edp-repudia-atos-de-vandalismo-do-grupo-climaximo-no-maat/>
- Artigo 7 – Agência Lusa (2023, 11 de dezembro). Ministério Público acusa 16 ativistas da Greve Climática de desobediência. *Observador*. <https://Observador.pt/2023/12/11/ministerio-publico-acusa-16-ativistas-da-greve-climatica-de-desobediencia/>

Peças analisadas do ano de 2024

Notícias analisadas no jornal *Público*:

- Artigo 1 – Flor, A. (2024, 20 de fevereiro). “Com o teu voto garantimos o colapso climático”: ativistas colam frase a outdoors de partidos. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/02/20/azul/noticia/voto-garantimos-colapso-climatico-ativistas-colam-frase-outdoors-partidos-2080961>
- Artigo 2 – Lusa. (2024, 9 de março). Ativistas da Climáximo detidos após bloquearem rua em Lisboa. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/03/09/azul/noticia/ativistas-climaximo-detidos-apos-bloquearem-rua-lisboa-2083122>
- Artigo 3 – Lusa. (2024, 13 de março). Estudantes da Greve Climática estendem faixa de protesto no Banco de Portugal. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/03/13/azul/noticia/estudantes-greve-climatica-estendem-faixa-protesto-banco-portugal-2083502>
- Artigo 4 – Pincha, J. P. (2024, 20 de setembro). Manifestantes da Climáximo atiram tinta vermelha à sede da Navigator. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/09/20/azul/noticia/manifestantes-climaximo-atiram-tinta-vermelha-sede-navigator-2104831>
- Artigo 5 – Flor, A. (2024, 27 de setembro). Climáximo pinta Castelo de São Jorge de vermelho para convocar acção a 23 de Novembro. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/09/27/azul/noticia/climaximo-pinta-castelo-sao-jorge-vermelho-convocar-acao-23-novembro-2105730>
- Artigo 6 – Azul, & Lusa. (2024, 23 de novembro). “Parar enquanto podemos”. Manifestantes juntaram-se em Lisboa contra combustíveis fósseis. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/11/23/azul/noticia/parar-podemos-manifestantes-juntaramse-lisboa-combustiveis-fosseis-2113111>
- Artigo 7 – Azul, & Lusa. (2024, 9 de dezembro). Climáximo desliga luzes de Natal em ruas de Lisboa. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/12/09/azul/noticia/climaximo-desliga-luzes-natal-ruas-lisboa-2114959>

Notícias analisadas no jornal *Observador*:

- Artigo 1 – Agência Lusa. (2024, 12 de janeiro). Ativistas pelo clima condenados a penas de multa por impedir circulação automóvel em Lisboa. *Observador*. <https://Observador.pt/2024/01/12/ativistas-pelo-clima-condenados-a-penas-de-multa-por-impedir-circulacao-automovel-em-lisboa/>
- Artigo 2 – Agência Lusa. (2024, 20 de fevereiro). Movimento Climáximo adiciona frase sobre colapso climático a outdoors de partidos. *Observador*. <https://Observador.pt/2024/02/20/movimento-climaximo-adiciona-frase-sobre-colapso-climatico-a-outdoors-de-partidos/>
- Artigo 3 – Capucho, I., & Ventura, D., & Agência Lusa. (2024, 23 de fevereiro). "O combate às alterações climáticas não está na mesa de voto". Jovem da Climáximo interrompe debate de líderes partidários. *Observador*. <https://Observador.pt/2024/02/23/o-combate-as-alteracoes-climaticas-nao-esta-na-mesa-de-voto-jovem-da-climaximo-interrompe-debate-de-lideres-partidarios/>
- Artigo 4 – Agência Lusa. (2024, 7 de março). Ministério Público instaurou 32 processos-crime a ativistas do clima. *Observador*. <https://Observador.pt/2024/03/07/ministerio-publico-instaurou-32-processos-crime-a-ativistas-do-clima/>
- Artigo 5 – Agência Lusa. (2024, 9 de março). Três ativistas da Climáximo detidos após bloquearem rua em Lisboa. *Observador*. <https://Observador.pt/2024/03/09/tres-ativistas-da-climaximo-detidos-apos-bloquearem-rua-em-lisboa/>
- Artigo 6 – Agência Lusa. (2024, 27 de setembro). Ativistas do Climáximo pintam Castelo de São Jorge em ação de protesto. *Observador*. <https://Observador.pt/2024/09/27/ativistas-do-climaximo-pintam-castelo-de-sao-jorge-em-acao-de-protesto/>
- Artigo 7 – Tiago, M. M., & Agência Lusa (2024, 9 de dezembro). Fim ao Fóssil. Estudantes marcam concentração em São Bento e prometem novos protestos se não forem recebidos por Montenegro. *Observador*. <https://Observador.pt/2024/12/09/estudantes-exigem-fim-dos-combustiveis-fosseis-ate-2030-em-carta-ao-governo/>

Peças analisadas do ano de 2025

Notícias analisadas no jornal *Público*:

- Artigo 1 – Azul. (2025, 9 de janeiro). Climáximo protesta na sede da Galp pelo fim dos combustíveis fósseis até 2030. *Público*. <https://www.publico.pt/2025/01/09/azul/noticia/climaximo-protesta-sede-galp-fim-combustiveis-fosseis-ate-2030-2118164>
- Artigo 2 – Lusa, & Azul (2025, 21 de fevereiro). Encontro pela Justiça Climática arranca em Lisboa para “reinventar o movimento”. *Público*. <https://www.publico.pt/2025/02/21/azul/noticia/encontro-justica-climatica-arranca-lisboa-reinventar-movimento-2123371>
- Artigo 3 – Lusa. (2025, 28 de março). Pacto Climático vai “semear acção” com quatro escolas de activismo. *Público*. <https://www.publico.pt/2025/03/28/azul/noticia/pacto-climatico-vai-semear-accao-quatro-escolas-activismo-2127676>
- Artigo 4 – Flor, A. (2025, 28 de abril). “A verdadeira segurança energética só existe com o fim ao fóssil até 2030”, alertam estudantes. *Público*. <https://www.publico.pt/2025/04/28/azul/noticia/estudantes-fim-fossil-iniciam-greve-marcha-ate-assembleia-republica-2131163>
- Artigo 5 – Lusa. (2025, 12 de maio). Climáximo atrasou voo Porto-Lisboa em protesto contra ligações de curta distância. *Público*. <https://www.publico.pt/2025/05/12/azul/noticia/climaximo-atrasou-voo-portolisboa-protesto-ligacoes-curta-distancia-2132720>
- Artigo 6 – Azul. (2025, 19 de maio). Protesto: “Não podemos aceitar mais um governo que nos condena ao colapso climático”. *Público*. <https://www.publico.pt/2025/05/19/azul/noticia/protesto-nao-podemos-aceitar-governo-condena-colapso-climatico-2133538>
- Artigo 7 – *PÚBLICO*, & Lusa. (2025, 1 de junho). Quatro activistas detidos em protesto pelo clima no aeroporto de Lisboa. *Público*. <https://www.publico.pt/2025/06/01/sociedade/noticia/activistas-climaticos-marcham-direccao-aeroporto-lisboa-2135165>

Notícias analisadas no jornal *Observador*:

- Artigo 1 – Agência Lusa. (2025, 27 de janeiro). Climáximo faz apelo a protesto para "perturbar os voos" no aeroporto de Lisboa. *Observador*. <https://Observador.pt/2025/01/27/climaximo-faz-apelo-a-protesto-para-perturbar-os-voos-no-aeroporto-de-lisboa/>
- Artigo 2 – Agência Lusa. (2025, 21 de fevereiro). Mais de 20 organizações reúnem-se a partir desta sexta-feira para falar de justiça climática. *Observador*. <https://Observador.pt/2025/02/21/mais-de-20-organizacoes-reunem-se-a-partir-desta-sexta-feira-para-falar-de-justica-climatica/>
- Artigo 3 – Agência Lusa. (2025, 26 de março). Climáximo substitui anúncios por obras de arte para contestar publicidade aos automóveis. *Observador*. <https://Observador.pt/2025/03/26/climaximo-substitui-anuncios-por-obras-de-arte-para-contestar-publicidade-aos-automoveis/>
- Artigo 4 – Agência Lusa. (2025, 27 de março). Estudantes pelo fim ao fóssil marcam marcha até ao parlamento para 28 de abril. *Observador*. <https://Observador.pt/2025/03/27/estudantes-pelo-fim-ao-fossil-marcam-marcha-ate-ao-parlamento-para-28-de-abril/>
- Artigo 5 – Agência Lusa. (2025, 19 de maio). Alunos do Liceu Camões prometem continuar a "fazer barulho" pelos seus direitos. *Observador*. <https://Observador.pt/2025/05/19/alunos-do-liceu-camoes-prometem-continuar-a-fazer-barulho-pelos-seus-direitos/>
- Artigo 6 – Agência Lusa. (2025, 24 de maio). Grupo Climáximo coloca faixa contra aeroporto no Campo de Tiro de Alcochete. *Observador*. <https://Observador.pt/2025/05/24/grupo-climaximo-coloca-faixa-contr-aeroporto-no-campo-de-tiro-de-alcochete/>
- Artigo 7 – Agência Lusa (2025, 1 de junho). Quatro detidos e dois identificados no protesto da Climáximo no aeroporto de Lisboa. Restantes ativistas seguem para a esquadra dos Olivais. *Observador*. <https://Observador.pt/2025/06/01/quatro-detidos-no-protesto-da-climaximo-no-aeroporto-de-lisboa-restantes-ativistas-seguem-para-a-esquadra-dos-olivais/>

Referências Bibliográficas

- Accornero, G. (2017). The mediation of the Portuguese anti-austerity protest cycle: Media coverage and its impact.
- Boykoff, J. (2006). Framing dissent: Mass-media coverage of the global justice movement. *New Political Science*, 28(2), 201–228.
- Boyle, M. P., McCluskey, M. R., Devanathan, N., Stein, S. E., & McLeod, D. (2004). The influence of level of deviance and protest type on coverage of social protest in Wisconsin from 1960 to 1999. *Mass Communication & Society*, 7(1), 43–60.
- Bryman, A. (2016). *Social Research Methods* (5th ed.). London: Oxford University Press.
- Carvalho, A. (2010). Media(ted) discourses and climate change: A focus on political subjectivity and (dis)engagement. *WIREs Climate Change*, 1(2), 172–179.
- Correia, J. C. (1995). O poder do jornalismo e a mediatização do espaço público. Universidade da Beira Interior. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/jcorreia-poder-jornalismo.pdf>
- Cowan, J., Dzidic, P., & Newnham, E. (2023). The Australian mainstream media's portrayal of youth climate activism and dissent.
- De, T., & Jorge, T. (2008). Mcdonaldização no jornalismo, espetacularização da notícia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 5, 25–35. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2008v5n1p25>
- Della Porta, D., & Diani, M. (2006). *Social movements: An introduction* (2nd ed.). Blackwell Publishing.
- Della Porta, D., & Parks, L. (2014). Framing processes in the climate movement: From climate change to climate justice.
- Dietz, M., & Garrelts, H. (2014). *Routledge handbook of the climate change movement*. Routledge. <http://site.ebrary.com/id/10843990>
- Dolata, U., & Schrape, J.-F. (2015). *Masses, crowds, communities, movements: Collective action in the internet age*.
- Entman, Robert. (1993). Framing: Toward Clarification of A Fractured Paradigm. *The Journal of Communication*. 43. 51-58.
- Gamson, W. A., & Modigliani, A. (1989). Media discourse and public opinion on nuclear power: A constructionist approach. *American Journal of Sociology*, 95(1), 1–37.
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Harvard University Press.
- Hayes, G. (2021). Beyond the headlines: Exploring media portrayal of youth climate change activists.
- Horn, J. (2013). *Gender and social movements: Overview report*. Institute of Development Studies.
- Lazarsfeld, P. F. (1944). The election is over. *The Public Opinion Quarterly*, 8(3), 317–330. <http://www.jstor.org/stable/2745288>
- Lippmann, W. (1922). *Public opinion*. Harcourt, Brace and Company.
- Mayes, E., & Hartup, M. E. (2022). News coverage of the School Strike for Climate movement in Australia: The politics of representing young strikers' emotions.
- McCombs, M. (2009). *A teoria da agenda: A mídia e a opinião pública*. Editora Vozes.
- Mesquita, M. (1998). *O Jornalismo em Análise – A Coluna do Provedor dos Leitores*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Neto, P. M. P. (2012). Ambientalismo e comunicação política: Media e empowerment tecnológico enquanto condição de influência política exógena (pp. 14–20). Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- Obregón, R., & Tufte, T. (2017). Communication, social movements, and collective action: Toward a new research agenda in communication for development and social change.
- Park, R. (1940). News as a form of knowledge: A chapter in the sociology of knowledge. *American Journal of Sociology*, 45(5), 669–686.
- Parks, L., Della Porta, D., & Portos, M. (2023). Environmental and climate activism and advocacy in the EU. <https://doi.org/10.4337/9781789906981.00018>
- Poell, T. (2019). Social media, temporality, and the legitimacy of protest.

- Santos, T. R., Üzelgün, M. A., & Carvalho, A. (2024). Young climate activists in television news: An analysis of multimodal constructions of voice, political recognition, and co-optation.
- Scheuch, E. G., Ortiz, M., & Shreedhar, G. (2024). The power of protest in the media: Examining portrayals of climate activism in UK news.
- Semetko, Holli & Valkenburg, Patti. (2000). Framing European Politics: A Content Analysis of Press and Television News. *Journal of Communication*. 50. 93 - 109.
- Smit, R., Heinrich, A., & Broersma, M. (2018). Activating the past in the Ferguson protests: Memory work, digital activism and the politics of platforms. *New Media & Society*, 20(9), 3119–3139.
- Thomson, J. (2016, February 22). A history of climate justice. *Solutions Journal*.
<https://thesolutionsjournal.com/a-history-of-climate-justice/>
- Williams, R. (1992). *Historia de la comunicación: De la imprenta a nuestros días*. Editorial Bosch.

Anexos

Anexo A: Quadros-síntese de análise de peças jornalísticas

A.1) Peças jornalísticas de 2019

Quadro A.1. - Análise de notícias do *Público* no ano de 2019

2019 - PÚBLICO							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vozes)	Tom	Frames predominantes
1	Estudantes portugueses em greve mundial pelo clima	04 abr. 2019 17:08	Mariana Durães	Simbólica (faltas às aulas pelo clima)	Ativistas do movimento GCE; Membro do movimento ParentsForFuture.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Internacionalização do movimento; Apoio intergeracional.
2	Cinema, vigílias e esperança: é a semana da Mobilização Global pelo Clima	20 set. 2019 08:46	Maria Valente	Simbólica (Semana de Mobilização Global pelo Clima)	Ativistas do movimento GCE; Diogo Silva, coordenador do festival CineClima.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Internacionalização do movimento; Ativismo inserido na cultura (cinema).
3	A Greve Climática Global está aí. E estão todos convidados	26 set. 2019 11:42	P3	Simbólica (convite à participação na greve climática global)	Ativistas do movimento GCE; Federação Nacional dos Professores (Fenprof); Kumi Naidoo, secretário-geral da Amnistia Internacional.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento; Apoio intergeracional; "Direito a um planeta habitável" como direito humano.
4	A geração Instagram em peso na rua: "Salvem o planeta, acabem com o capitalismo"	27 set. 2019 16:21	Joana Gorção Henriques; Mariana Durães	Simbólica/Disruptiva (reportagem sobre a greve climática)	Ativistas do movimento GCE; Tomás Chasqueira, da associação EPA 66 - Estudantes pelo Ambiente; Ativistas do grupo Extinction Rebellion Portugal.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações (presença de partidos políticos); Luta pelo clima como "moda"; Internacionalização do movimento; "estudantes da geração Instagram".
5	Jovens ativistas do clima convidam Greta Thunberg a vir a Portugal	10 nov. 2019 18:16	Karla Pequeno	Simbólica (movimento estudantil inspirado em Greta Thunberg)	Ativistas do movimento GCE; Greta Thunberg.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.
6	Greve climática: jovens voltam à rua dias antes de Greta Thunberg chegar a Lisboa	27 nov. 2019 17:17	Lusa com P3	Simbólica (manifestação de jovens antes da chegada de Greta Thunberg)	Ativistas do movimento GCE.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.
7	Quanto jovens cabem numa manifestação pelo clima?	06 dez. 2019 07:07	Patrícia Carvalho	Simbólica (grande manifestação de jovens pelo clima)	Organização da manifestação pelo clima em Espanha; Francisco Ferreira, da Zero; Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres; Especialista em ambiente, Viriato Soromenho Marques.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações (presença de partidos políticos); Internacionalização do movimento.

Quadro A.2. - Análise de notícias do *Observador* no ano de 2019

2019 - Observador							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vozes)	Tom	Frames predominantes
1	Estudantes portugueses em greve mundial pelo clima	15 mar. 2019 07:26	Agência Lusa	Simbólica (greve climática estudantil)	Jovens ativistas e coordenadores da greve; ministro do Ambiente, João Pedro Fernandes	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Validação política; Internacionalização do movimento.
2	"Não há planeta B". Milhares de estudantes saíram à rua para protestar contra as alterações climáticas	15 mar. 2019 14:32	Agência Lusa; Ana Catarina Peixoto	Simbólica (greve climática estudantil)	Jovens ativistas do movimento GCE; Luís Monteiro, deputado do Bloco de Esquerda	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.
3	Ativistas que interromperam António Costa admitem fazer mais ações	23 abr. 2019 14:24	Agência Lusa	Simbólicas e Disruptivas	Sinan Eden do Extinction Rebellion Portugal	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação; Leve marginalização das ações; Internacionalização do movimento.
4	Jovens mobilizam planeta e saem à rua pelo combate às alterações climáticas	24 mai. 2019 07:52	Agência Lusa	Simbólica (greve climática estudantil)	Greta Thunberg; GCC; Confederação Portuguesa de Associações de Defesa do Ambiente (CPADA)	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Internacionalização do movimento; Apoio intergeracional.
5	"É nossa responsabilidade estar aqui". Milhares de jovens pararam o país em defesa do planeta	24 mai. 2019 12:34	Agência Lusa; Observador	Simbólica (greve climática estudantil)	Jovens ativistas do movimento GCE; Alunos; Professores; Ministro do Ambiente, José Pedro Fernandes	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento; Apoio intergeracional.
6	Semana em Portugal de ação global pelo clima termina com greve geral e manifestações	27 set. 2019 07:04	Agência Lusa	Simbólica (manifestações)	x	Neutro	Responsabilidade ética dos jovens; Internacionalização do movimento; Apoio intergeracional.
7	Greve climática volta esta sexta-feira às ruas em Portugal e envolve 157 países	29 nov. 2019 08:30	Agência Lusa	Simbólica (greve climática estudantil)	x	Neutro	Responsabilidade ética dos jovens; Internacionalização do movimento.

A.2) Peças jornalísticas de 2020

Quadro A.3. - Análise de notícias do *Público* no ano de 2020

2020 - PÚBLICO							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vezes)	Tom	Frames predominantes
1	Os estudantes voltam a chamar: há Greve Climática global marcada para Março	30 jan. 2020 16:11	PS	Simbólica (chamada para greve climática global)	Ativistas do movimento GCE.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Internacionalização do movimento.
2	Activistas ambientais vão participar na AG da Galp	22 abr. 2020 13:33	Ana Brito	Simbólica (participação em Assembleia Geral da Galp)	Jovens at vistas do Climáximo.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações.
3	Activistas do clima vão dar "aulas" (ao Governo) sobre justiça climática	20 jul. 2020 15:23	Mariana Durães	Simbólica (aulas sobre justiça climática)	Ativistas do movimento GCE.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Ativismo como educativo.
4	Como o planeta "está doente", eles querem "bloquear" a rotunda do Marquês, em Lisboa	21 set. 2020 13:01	Vera Moutinho	Simbólica (organização de protesto pacífico)	Jovens at vistas do Climáximo.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Intersetção de crises (climática/sanitária/social/etc.).
5	Mesmo em pandemia, eles foram à rua avisar: "Não há vacina que nos salve da crise climática"	25 set. 2020 21:13	Daniel Rocha; Teresa Pacheco Miranda; Mariana Durães; Hélio Carvalho	Simbólica (greve pela justiça climática em contexto de pandemia)	Ativistas do movimento GCE; Membros do movimento Parents for Future; Membros do movimento Extinction Rebellion.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Intersetção de crises (climática/sanitária/social/etc.); Internacionalização do movimento; Apelo intergeracional.
6	Protesto pelo clima obriga a intervenção policial	05 out. 2020 14:25	Nuno Ferreira Santos; Hélio Carvalho	Disruptiva (protesto que levou a intervenção policial)	Ativistas do movimento GCE; Pais, professores, trabalhadores, outros apoiantes.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Disrupção; Apelo intergeracional; Intersetção de crises.
7	Nos cinco anos do Acordo de Paris, a Greve Climática Estudantil sai à rua (mas não festeja)	09 dez. 2020 10:50	Lusa	Simbólica (greve climática estudantil no 5º aniversário do Acordo de Paris)	Ativistas do movimento GCE.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.

Quadro A.4. - Análise de notícias do *Observador* no ano de 2020

2020 - Observador							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vezes)	Tom	Frames predominantes
1	Ativistas pelo clima reclamam aos bancos pelo seu papel na crise climática	14 jan. 2020 17:03	Agência Lusa	Simbólica (protesto junto a instituições financeiras)	Jovens at vistas do Climáximo	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Internacionalização do movimento.
2	Jovens portugueses convocam mais uma greve climática para 13 de março	11 fev. 2020 14:25	Agência Lusa	Simbólica (convocatória greve climática global)	Jovens at vistas do movimento GCE	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Internacionalização do movimento.
3	Jovens do movimento Climáximo exigem junto do Governo investimento numa nova economia	22 jul. 2020 19:31	Agência Lusa	Simbólica (pedido de investimento ao Governo)	Jovens at vistas do Climáximo	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações.
4	"Aula" na rua lembra Governo que combate à crise climática não pode ser ignorado	24 jul. 2020 22:48	Agência Lusa	Simbólica (aula na rua)	Jovens at vistas do movimento GCE	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações.
5	Milhares de jovens nas ruas e em casa no regresso das "sextas-feiras pelo futuro"	25 set. 2020 23:36	Agência Lusa	Simbólica (manifestações)	Jovens at vistas do movimento GCE; Ministro do Ambiente e da Ação Climática, João Pedro Matos Fernandes	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.
6	Dezenas de manifestantes pelo clima bloqueiam rotunda do Marquês de Pombal em Lisboa	05 out. 2020 14:33	Agência Lusa	Disruptiva (bloqueio na rotunda do Marquês de Pombal)	Jovens at vistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Marginalização; Disrupção; Intersetção de crises.
7	Acordo de Paris: Greve Climática Estudantil protesta contra inação e vazios políticos	1º dez. 2020 07:21	Agência Lusa	Simbólica (protestos)	Jovens at vistas do movimento GCE	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.

A.3) Peças jornalísticas de 2021

Quadro A.5. - Análise de notícias do *Público* no ano de 2021

2021 - PÚBLICO							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vozes)	Tom	Frames predominantes
1	Activistas fazem inventário dos maiores emissores em Portugal — e começam a pensar como cortar	12 mar. 2021 18:03	Renata Monteiro	Simbólica (inventário dos maiores emissores e pressão para cortes)	Ativistas do movimento GCE e do Climáximo.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.
2	"O que é que nós queremos? Justiça climática": os jovens activistas gritam até que alguém os ouça	19 mar. 2021 23:31	Carolina Amado	Simbólica (protestos por justiça climática)	Estudantes ativistas do movimento GCE; Mamadou Ba, dirigente da SOS Racismo.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento; Interseccionalidade do movimento.
3	Greve Climática volta à rua pelo Dia da Terra para exigir "mobilidade sustentável"	09 abr. 2021 15:23	Mariana Durães	Simbólica (greve climática no Dia da Terra)	Ativistas do movimento GCE.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações.
4	Cerca de 30 detidos em protesto contra poluição de aviões junto ao aeroporto de Lisboa	22 mai. 2021 17:56	Lusa e Público	Disruptiva (manifestantes interrompem tráfego junto ao aeroporto)	Fonte do Comando Metropolitano de Lisboa; Jovens ativistas do Climáximo.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Disrupção; Criminalização.
5	Activistas pelo clima acusam PSP de revistas abusivas	20 jul. 2021 17:15	Ana Cristina Pereira	Denúncia (acusação de revistas abusivas pela polícia)	Jovens ativistas do Climáximo.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Interseccionalidade do movimento; Repressão policial abusiva.
6	Ambiente, sexismo e racismo: tudo cabe na luta da Greve Climática Estudantil de sexta-feira	23 set. 2021 16:53	Lusa e P3	Simbólica (integração de temas de sexismo e racismo na greve climática)	Manifesto divulgado na página Internet do movimento Fridays for Future.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento; Interseccionalidade do movimento.
7	Activistas tentam entrar na refinaria de Sines mas são barrados pela GNR	18 nov. 2021 15:21	Daniela Carmo	Disruptiva (tentativa de entrada em refinaria)	Jovens ativistas do Climáximo.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Criminalização/Marginalização.

Quadro A.6. - Análise de notícias do *Observador* no ano de 2021

2021 - Observador							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vozes)	Tom	Frames predominantes
1	Processo contra jovens que protestaram contra poluição gerada pela aviação segue para inquérito	25 mai. 2021 01:10	Agência Lusa	Disruptiva (desobediência e atentado à segurança rodoviária)	Jovens ativistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação; Marginalização; Criminalização/Judicialização.
2	Movimento Climáximo e coletivos feministas apresentam queixa-crime contra PSP	20 jul. 2021 21:25	Agência Lusa	Denúncia (acusação de revistas abusivas pela polícia)	Jovens ativistas do Climáximo	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Interseccionalidade do movimento.
3	Duas centenas na rua em Lisboa em greve climática apartidária, mas com partidos	24 set. 2021 14:22	Agência Lusa	Simbólica (greve climática estudantil)	Jovens ativistas do movimento GCE	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Movimento climático apartidário; Internacionalização do movimento; Interseccionalidade do movimento.
4	Jovens manifestam-se pela urgência da justiça climática	22 out. 2021 14:32	Agência Lusa	Simbólica (manifestação pela justiça climática)	Jovens ativistas do movimento GCE	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.
5	Climáximo quer bloquear refinaria da Galp em Sines para exigir fecho até 2025	16 nov. 2021 19:35	Agência Lusa	Disruptiva (anúncio de ação não violenta de bloqueio da refinaria da Galp)	Jovens ativistas do Climáximo	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica e empresarial; Legitimação das ações; Disrupção; Internacionalização do movimento.
6	Protesto na refinaria da Galp em Sines termina sem novos incidentes	18 nov. 2021 16:20	Agência Lusa	Disruptiva (invasão da refinaria de Sines)	Jovens ativistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização institucional e empresarial; Marginalização das ações; Disrupção controlada; Criminalização.
7	Refinaria de Sines integra planos para descarbonização, garante Galp	19 nov. 2021 00:15	Agência Lusa	Simbólica (resposta institucional da Galp sobre descarbonização)	Administração da Galp; Jovens ativistas do Climáximo; Comissão Central de Trabalhadores (CCT) da Petrolgal	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Partilha de responsabilidade entre as partes; Validação e legitimação das ações; Cooperação potencial; Criminalização.

A.4) Peças jornalísticas de 2022

Quadro A.7. - Análise de notícias do *Público* no ano de 2022

2022 - PÚBLICO							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vozes)	Tom	Frames predominantes
1	Greve Climática Estudantil volta às ruas — com mira no Ministério da Economia	13 set. 2022 07:49	PS	Simbólica (greve climática com marcha até ao Ministério da Economia)	Estudantes ativistas do movimento GCE.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.
2	Greve climática: "Não tenho escolha, tenho de estar aqui a lutar pelo meu futuro"	23 set. 2022 20:09	Júlia M. Tavares	Simbólica (expressão de compromisso e ativismo jovem)	Estudantes ativistas do movimento GCE; outros ativistas (idosos, professores); Patrícia Silva, representante do movimento Scientist Rebellion.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento; Apoio intergeracional.
3	Ações de desobediência civil pelo clima aumentam e já levaram a detenções de ativistas portugueses	17 out. 2022 12:38	Lusa e PÚBLICO	Disruptiva (aumento de ações de desobediência civil, detenções)	Jovens ativistas do Climáximo; Ativistas do grupo Animal Rebellion/Extinction Rebellion; Membros da comunidade científica - Scientist Rebellion.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Disrupção; Criminalização; Internacionalização do movimento.
4	Estudantes ocupam seis escolas e faculdades em Lisboa para exigir fim dos combustíveis fósseis	07 nov. 2022 06:35	Aline Flor	Disruptiva (ocupação de escolas e faculdades)	Estudantes ativistas do movimento GCE.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento; Apoio intergeracional.
5	Manifestantes invadem edifício em Lisboa onde está o ministro da Economia	12 nov. 2022 16:04	Lusa	Disruptiva (manifestantes invadem edifício onde estava o ministro da Economia e do Mar)	Ativistas de várias organizações ambientais.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Marginalização das ações; Disrupção; Criminalização.
6	Estudantes oitidos na ocupação de Faculdade de Letras escolhem ir a julgamento	14 nov. 2022 18:04	Nicolau Ferreira	Disruptiva/Simbólica (detenção de estudantes na ocupação de uma faculdade; julgamento)	Estudantes ativistas e respetivo advogado.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Criminalização/judicialização; Mobilização e apoio da sociedade civil/cultural; Conflito entre instituições educativas e estudantes ativistas.
7	Ativistas espalham dezenas de cartazes publicitários pelo fim ao fóssil em Lisboa	21 nov. 2022 15:55	PÚBLICO	Simbólica (espalhar cartazes contra combustíveis fósseis)	Jovens ativistas do Climáximo; Cientistas.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento; Apoio intergeracional.

Quadro A.8. - Análise de notícias do *Observador* no ano de 2022

2022 - Observador							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vozes)	Tom	Frames predominantes
1	Climáximo realiza Caravana Global pela Justiça Climática em abril	24 jan. 2022 11:53	Agência Lusa	Simbólica (caravana global pela justiça climática)	Jovens ativistas do Climáximo	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.
2	Caravana pela Justiça Climática arranca este domingo para denunciar abusos e debater soluções	03 abr. 2022 15:27	Agência Lusa	Simbólica (caravana pela justiça climática)	Jovens ativistas	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações.
3	Dia do Terra mobiliza ações para "investir no planeta" doente	22 abr. 2022 07:59	Agência Lusa	Simbólica (ações no Dia da Terra)	Associação ambientalista Zero; Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC); Jovens ativistas do Climáximo	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Internacionalização do movimento.
4	Jovens ativistas acampam no Parque das Nações contra "inacção climática"	28 jun. 2022 23:13	Agência Lusa	Simbólica (acampamento contra inação climática)	Jovens ativistas do movimento GCE	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações.
5	Clima. Queixa de jovens portugueses contra 33 governos europeus (um dos quais Portugal) sobre ao topo do Tribunal de Direitos Humanos	01 jul. 2022 00:34	Agência Lusa	Simbólica (queixa contra 33 governos no TEDH)	Grupo de jovens ativistas portugueses; Tribunal Europeu dos Direitos do Homem (TEDH); Geerdid Ó Cuirín, diretor da Rede Global de Ação Judicial (GIAN)	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Responsabilização transnacional.
6	GNR identifica sete ativistas que invadiram refinaria de Sines	09 jul. 2022 12:04	Agência Lusa	Disruptiva (invasão da refinaria da Galp em Sines)	Fonte do Comando Territorial de Setúbal da GNR; Jovens ativistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização empresarial; Disrupção; Legitimação; Marginalização; Criminalização.
7	Três ativistas detidos depois de se colarem à entrada da Galp em protesto contra papel das petrolíferas na crise	17 out. 2022 11:31	Agência Lusa; Miguel Viterbo Dias	Disruptiva (ativistas colam-se à entrada da Galp)	Jovens ativistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização empresarial e sistémica; Disrupção; Legitimação; Marginalização; Criminalização; Rutura com o diálogo institucional.

A.5) Peças jornalísticas de 2023

Quadro A.9. - Análise de notícias do *Público* no ano de 2023

2023 - PÚBLICO							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vozes)	Tom	Frames predominantes
1	Activistas bloqueiam terminal de Sines por terra, mar e gásoduto e declaram vitória	13 mai. 2023 21:33	Aline Flor	Disruptiva (bloqueio do terminal de Sines)	Estudantes e jovens ativistas da plataforma Parar o Gás; Docente e investigador de universidade; Fonte da Polícia Marítima de Sines.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações. Apoio intergeracional.
2	Ministro do Ambiente atingido com urina durante evento da CNN	26 set. 2023 09:56	Sofia Neves; Miguel Dantas	Disruptiva/Simbólica (Ministro do Ambiente atingido com urina por ativistas)	Estudantes ativistas do movimento GCE; Presidente da Assembleia da República, Augusto Santos Silva; Dirigente do Livre, Rui Tavares.	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Marginalização das ações; Disrupção; Internacionalização do movimento.
3	Activistas climáticos sentaram-se na Segunda Circular e bloquearam um dos sentidos	03 out. 2023 09:51	Fernando Costa	Disruptiva (ativistas impedem o trânsito)	Jovens ativistas do Climáximo.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Disrupção; Internacionalização do movimento; Criminalização.
4	"Não há arte num planeta morto." Activistas cobrem de tinta quadro de Picasso no Museu Berardo	13 out. 2023 13:39	Aline Flor	Simbólica (ativistas cobrem quadro com tinta)	Jovens ativistas do Climáximo; Comando Metropolitano de Lisboa da PSP; Fundação Centro Cultural de Belém.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação; Criminalização; Marginalização; Internacionalização do movimento; Conflito cultural e património inviolável.
5	Activistas climáticos paramem-monta da Gucci na Avenida da Liberdade em Lisboa	21 out. 2023 13:45	Lusa	Simbólica/Disruptiva (ativistas paramem-monta)	Jovens ativistas do Climáximo.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Disrupção; Criminalização.
6	Mais de 20 estudantes detidos após protestos pelo clima no Ministério do Ambiente e no das Infra-estruturas	24 nov. 2023 12:01	Aline Flor	Disruptiva (estudantes invadem Ministérios em protesto)	Estudantes ativistas do movimento GCE; Porta-voz da PSP.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação; Disrupção; Criminalização; Marginalização.
7	Activistas climáticos penduraram-se no viaduto Duarte Pacheco, em Lisboa	14 dez. 2023 09:27	Ana Sofia Malheiro; Andréia Azevedo Soares	Disruptiva (protesto em viaduto)	Jovens ativistas do Climáximo; Gabinete de relações públicas da PSP.	Neutro/Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Disrupção; Criminalização.

Quadro A.10. - Análise de notícias do *Observador* no ano de 2023

2023 - Observador							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vozes)	Tom	Frames predominantes
1	Movimento "Him Ao Fossil" marca nova vaga de ocupações para 26 de abril	27 mar. 2023 13:14	Agência Lusa	Simbólica (anúncio de nova vaga de ocupações)	Estudantes ativistas pelo fim ao fóssil	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Marginalização; Legitimação.
2	Clima. Duas estudantes iniciam greve de fome na entrada da Faculdade de Psicologia de Lisboa	10 mai. 2023 13:42	Agência Lusa	Simbólica (greve de fome)	Jovens estudantes ativistas	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Validação e legitimação da ação.
3	Governo desdramatiza manifestação pela ação climática à porta do Conselho de Ministros	14 set. 2023 09:27	Agência Lusa	Disruptiva (bloqueio da entrada do Conselho de Ministros)	Mariana Vieira da Silva (Ministra da Presidência); Jovens ativistas da GCE; PSP; Comando Metropolitano de Lisboa	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Marginalização; Disrupção; Criminalização.
4	Manifestantes do movimento Climáximo pintam fachada da sede da REN em Lisboa	05 out. 2023 14:10	Agência Lusa	Simbólica (pintura da fachada da sede da REN)	Jovens ativistas do Climáximo	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação.
5	Ativistas ambientais adoram tinta sobre quadro de Picasso no CCB. Obra estava protegida por umacrílico	13 out. 2023 14:05	Agência Lusa; Maria Salgueiro; André Hilpe Anunces	Disruptiva e simbólica (ataque a quadro no CCB com tinta, sem danificar)	Jovens ativistas do Climáximo; Delfim Sardo, vogal do conselho de administração do CCB; Pedro Adão e Silva (ministro da Cultura)	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Marginalização; Disrupção; Criminalização; Conflito cultural e património inviolável.
6	EDP repudia "atos de vandalismo" do grupo Climáximo no MAAAT	03 dec. 2023 17:51	Agência Lusa	Disruptiva/Simbólica (pintura de fachada do MAAAT)	EDP; Comando Metropolitano de Lisboa da PSP; Jovens ativistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização institucional; Marginalização; Disrupção; Criminalização.
7	Ministério Público acusa 16 ativistas da Greve Climática de desobediência	11 dez. 2023 12:54	Agência Lusa	Repressiva (acusação do Ministério Público a ativistas por desobediência)	Ministério Público; PSP.	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Marginalização; Disrupção; Criminalização.

A.6) Peças jornalísticas de 2024

Quadro A.11. - Análise de notícias do *Público* no ano de 2024

2024 - PÚBLICO							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vozes)	Tom	Frames predominantes
1	"Com o teu voto garantimos o colapso climático": ativistas colam frases em outdoors de partidos	20 fev. 2024 13:47	Aline Flor	Simbólica (ativistas colam frases em outdoors)	Jovens ativistas do Climáximo	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações.
2	Ativistas do Climáximo detidos após bloquearem rua em Lisboa	09 mar. 2024 15:08	Lusa	Disruptiva (detenção após bloqueio de rua em Lisboa)	Jovens ativistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Disrupção; Criminalização.
3	Estudantes da Greve Climática estendem faixa de protesto no Banco de Portugal	13 mar. 2024 12:33	Lusa	Simbólica/Disruptiva (Protesto)	Estudantes ativistas do movimento GCE; Fonte do Comando Metropolitano de Lisboa da PSP.	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Disrupção; Criminalização.
4	Manifestantes do Climáximo atiram tinta vermelha à sede da Navigator	20 set. 2024 11:22	João Pedro Pincha	Simbólica/Disruptiva (lançar tinta à sede da Navigator)	Fonte oficial da Navigator; Jovens ativistas do Climáximo.	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Disrupção; Criminalização.
5	Climáximo pinta Castelo de São Jorge de vermelho para convocar ação a 23 de Novembro	27 set. 2024 15:27	Aline Flor	Simbólica/Disruptiva (pintura do Castelo de São Jorge)	Jovens ativistas do Climáximo; Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC) de Lisboa.	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Disrupção; Conflito cultural e património inviolável.
6	"Parar enquanto podemos". Manifestantes juntaram-se em Lisboa contra combustíveis fósseis	23 nov. 2024 18:49	Lusa e Anj	Disruptiva/Simbólica (impedimento da circulação rodoviária)	Jovens ativistas do Climáximo e pela justiça climática; Fmanuel Candeias, membro da organização "Animal Save Portugal".	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Disrupção; Apoio intergeracional.
7	Climáximo desliga luzes de Natal em ruas de Lisboa	09 dez. 2024 11:53	Anj e Lusa	Simbólica/Disruptiva (desligar luzes de Natal em Lisboa)	Jovens ativistas do Climáximo.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Disrupção.

Quadro A.12. - Análise de notícias do *Observador* no ano de 2024

2024 - Observador							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vozes)	Tom	Frames predominantes
1	Ativistas pelo clima condenados a penas de multa por impedir circulação automóvel em Lisboa	12 jan. 2024 13:53	Agência Lusa	Repressiva (consequência de ação disruptiva-impedir circulação automóvel)	Ministério Público; Jovens ativistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Disrupção; Marginalização; Criminalização/Judicialização.
2	Movimento Climáximo adiciona frase sobre colapso climático a outdoors de partidos	20 fev. 2024 14:35	Agência Lusa	Simbólica (adicionar frases em outdoors de partidos)	Jovens ativistas do Climáximo	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação.
3	"O combate às alterações climáticas não está na mesa de voto", jovem do Climáximo interrompe debate de líderes partidários	23 fev. 2024 21:59	Inês Capucho; Agência Lusa	Disruptiva (interrupção de debate político)	Jovens ativistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Disrupção; Legitimação.
4	Ministério Público instaurou 32 processos-crime a ativistas do clima	07 mar. 2024 13:58	Agência Lusa	Repressiva (processos crime instaurados pelo Ministério Público)	Ministério Público; Departamento de Investigação e Ação Penal (DIAP) de Lisboa.	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Disrupção; Marginalização; Criminalização/Judicialização.
5	Três ativistas do Climáximo detidos após bloquearem rua em Lisboa	09 mar. 2024 14:54	Agência Lusa	Disruptiva (bloqueio de rua e detenção)	Jovens ativistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Disrupção; Marginalização; Criminalização.
6	Ativistas do Climáximo pintam Castelo de São Jorge em ação de protesto	27 set. 2024 16:23	Agência Lusa	Simbólica/Disruptiva (pintura do Castelo de São Jorge)	Jovens ativistas do Climáximo; Empresa Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC) de Lisboa	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Disrupção; Marginalização; Criminalização; Conflito cultural e património inviolável.
7	Fim ao Fossil. Estudantes marcam concentração em São Bento e prometem novos protestos se não forem recebidos por Mariano	09 dez. 2024 19:35	Mariana Marques Tigue; Agência Lusa	Simbólica (entrega de carta com exigências ao Governo)	Jovens da GCE; Serviço para as Alterações Climáticas (CS) do observatório europeu Copernicus; Organização Meteorológica Mundial (OMM); Programa das Nações para o Meio Ambiente.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações.

A.7) Peças jornalísticas de 2025

Quadro A.13. - Análise de notícias do *Público* no ano de 2025

2025 - PÚBLICO							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vezes)	Tom	Frames predominantes
1	Climáximo protesta na sede da Galp pelo fim dos combustíveis fósseis até 2030	05 jan. 2025 4:30	Azul	Simbólica (protesto)	Jovens ativistas do Climáximo	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações.
2	Encontro pela Justiça Climática arranca em Lisboa para "reinventar o movimento"	21 fev. 2025 12:51	Lusa e Azul	Simbólica (reunião para discutir justiça climática)	Ativistas participantes do 10º Encontro Nacional pela Justiça Climática	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações.
3	Pacto Climático vai "semear ação" com quatro escolas de activismo	28 mar. 2025 15:21	Lusa	Simbólica (ações educativas)	Embaxadores do Pacto Climático Europeu; Rita Prates, da associação Zero; Aurore Delaunay, dirigente da Transkar.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações.
4	"A verdadeira segurança energética só existe com o fim ao fóssil até 2030", alertam estudantes	28 abr. 2025 12:14	Aline Hor	Simbólica/Disruptiva (greve climática estudantil)	Jovens ativistas do movimento GCL; estudantes.	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Validação das ações; Disrupção; Política e comunidade emocional.
5	Climáximo atrasou voos Porto-Lisboa em protesto contra ligações de curta distância	12 mai. 2025 14:47	Lusa	Simbólica/Disruptiva (protesto/atraso de voos)	Climáximo; Fonte do Comando Metropolitano do Porto da PSP	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Disrupção; Marginalização (implícita).
6	Protesto: "Não podemos aceitar mais um governo que nos condena ao colapso climático"	19 mai. 2025 10:26	Azul	Simbólica/Disruptiva (protesto)	Estudantes ativistas pelo fim ao fóssil; PSP.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Disrupção com legitimação ética; Política e comunidade emocional.
7	Quatro ativistas detidos em protesto pelo clima no aeroporto de Lisboa	01 jun. 2025 17:51	Público e Lusa	Disruptiva (protesto com bloqueio de via de acesso ao aeroporto de Lisboa)	Direcção nacional da PSP; Jovens ativistas do Climáximo.	Negativa	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Disrupção legítima; Criminalização.

Quadro A.14. - Análise de notícias do *Observador* no ano de 2025

2025 - Observador							
Nº Artigo	Título	Data de publicação	Autor(es)	Tipo de ação	FPI (vezes)	Tom	Frames predominantes
1	Climáximo faz apelo a protesto para "perturbar os voos" no aeroporto de Lisboa	27 jan. 2025 17:45	Agência Lusa	Disruptiva (apelo a protesto para perturbar voos no aeroporto)	Jovens ativistas do Climáximo	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação das ações; Disrupção.
2	Mais de 20 organizações reúnem-se a partir desta sexta-feira para falar de justiça climática	21 fev. 2025 08:05	Agência Lusa	Simbólica (reunião para discutir justiça climática)	Ativistas de várias organizações	Positivo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações.
3	Climáximo substitui anúncios por obras de arte para contestar publicidade aos automóveis	26 mar. 2025 00:25	Agência Lusa	Simbólica (substituição de anúncios por obras de arte contra publicidade automóvel)	Jovens ativistas do Climáximo; artista Michelle Tylicki.	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações.
4	Estudantes pelo fim ao fóssil marcam marcha até ao parlamento para 28 de abril	27 mar. 2025 20:30	Agência Lusa	Simbólica (convocação para marcha até ao Parlamento)	Estudantes ativistas pelo fim ao fóssil	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação e validação das ações; Marginalização; Criminalização.
5	Alunos do Liceu Camões prometem continuar a "fazer barulho" pe os seus direitos	19 mai. 2025, 16:15	Agência Lusa	Disruptiva/Simbólica (estudantes encerram escola para realizar assembleia estudantil)	Estudantes ativistas pelo fim ao fóssil	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Disrupção/legitimação; Marginalização; Política e comunidade emocional;
6	Grupo Climáximo coloca faixas contra aeroportos no Campo de Tiro de Alcochete	24 mai. 2025 00:40	Agência Lusa	Simbólica (protesto)	Jovens ativistas do Climáximo	Neutro	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Legitimação; Política e comunidade emocional.
7	Quatro detidos e dois identificados no protesto do Climáximo no aeroporto de Lisboa. Restantes ativistas seguem para o esquadro dos Olivos	01 jun. 2025 18:01	António Moura dos Santos; Agência Lusa	Disruptiva (protesto com bloqueio de via de acesso ao aeroporto de Lisboa)	Jovens ativistas do Climáximo; PSP	Negativo	Coragem/responsabilidade ética dos jovens; Responsabilização sistémica; Marginalização; Legitimação; Disrupção; Criminalização; Política e comunidade emocional.

Anexo B: Distribuição de tipos de ação por jornal

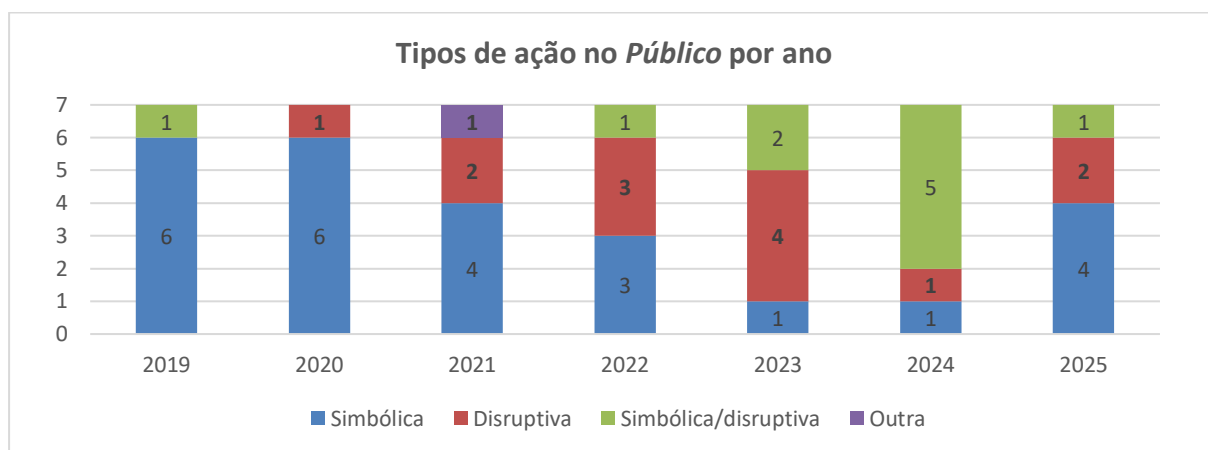


Figura B.1. – Distribuição de tipos de ação nos artigos do jornal *Público*, por ano.

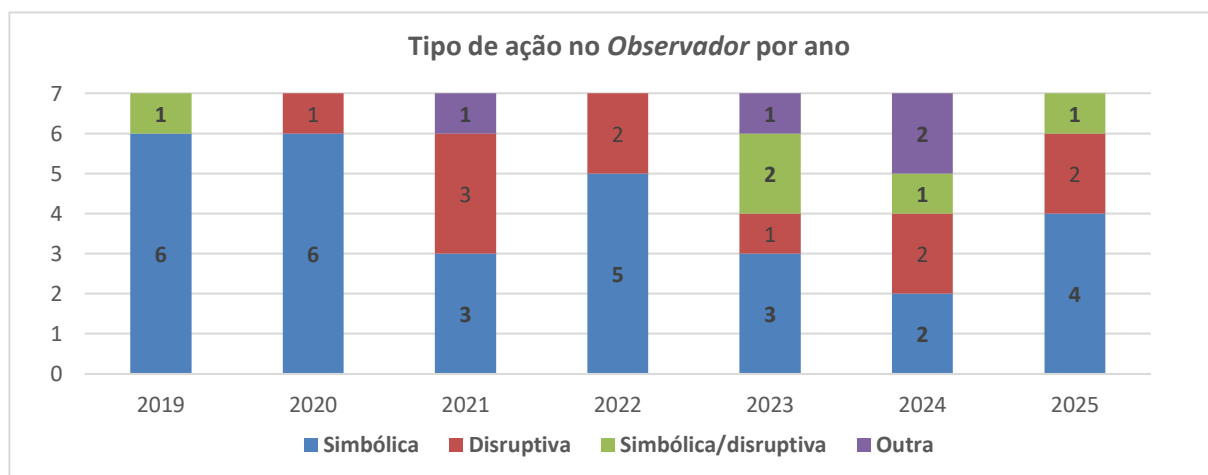


Figura B.2. – Distribuição de tipos de ação nos artigos do jornal *Observador*, por ano.

Anexo C: Distribuição dos enquadramentos por jornal



Figura C.1. – Enquadramentos principais identificados, em percentagem, na totalidade dos artigos do jornal *Público*.



Figura C.2. – Enquadramentos principais identificados, em percentagem, na totalidade dos artigos do jornal *Observador*.

Anexo D: Distribuição dos tons por jornal

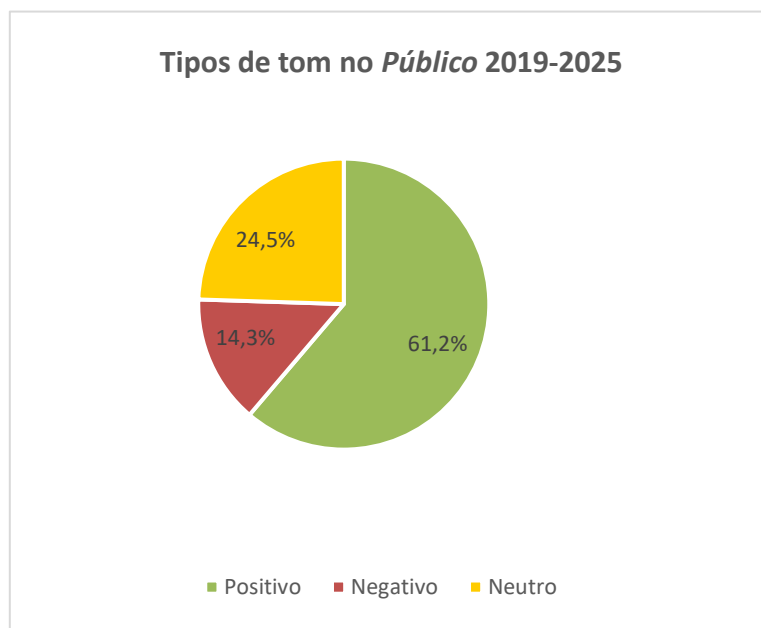


Figura D.1. - Tipos de tom identificados, em percentagem, na totalidade dos artigos do jornal *Público*.

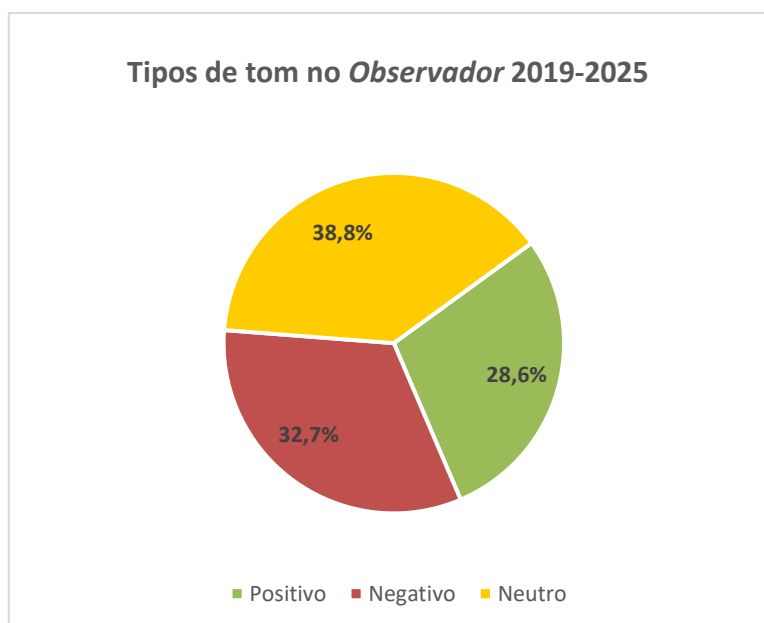


Figura D.2. - Tipos de tom identificados, em percentagem, na totalidade dos artigos do jornal *Observador*.

Anexo E: Distribuição das FPI (vozes) por jornal

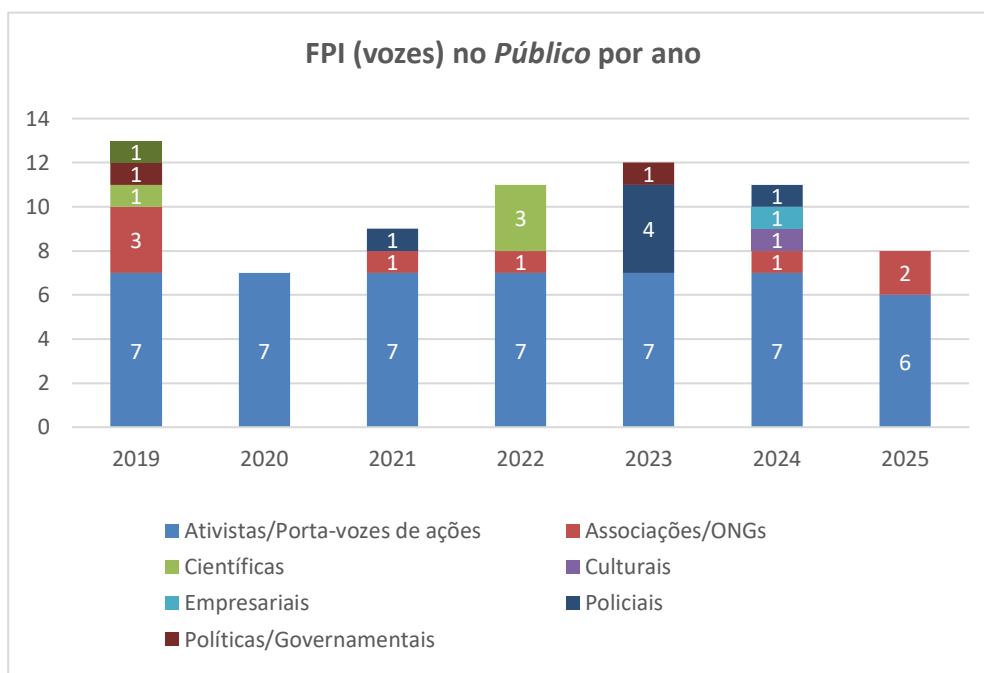


Figura E.1. – FPI (vozes) presentes nos artigos selecionados no *Público*, por ano.

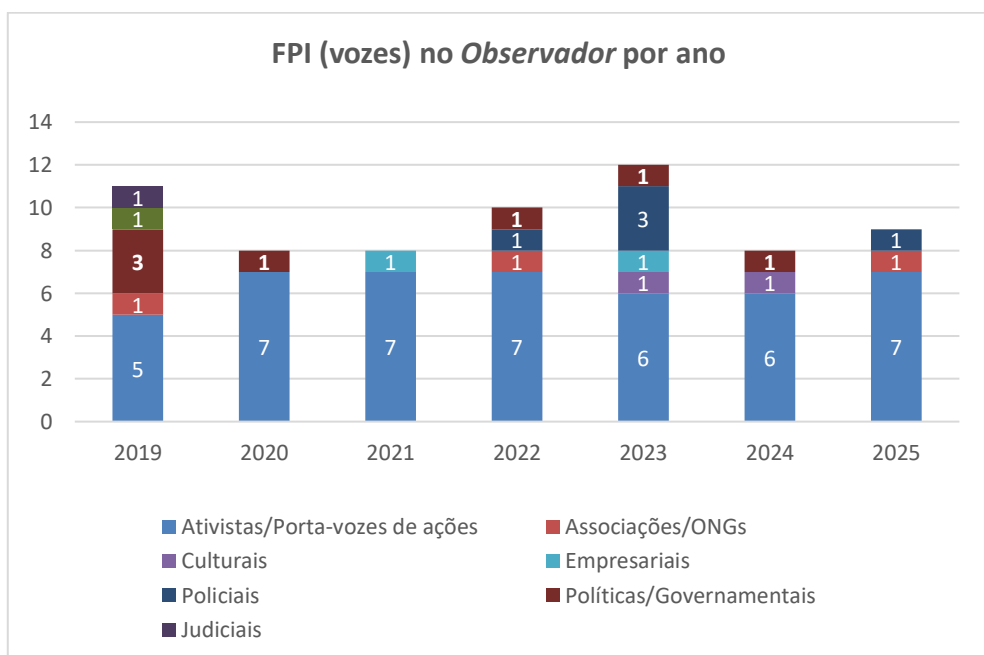


Figura E.2. - FPI (vozes) presentes nos artigos selecionados no *Observador*, por ano.

Anexo F: Visão global

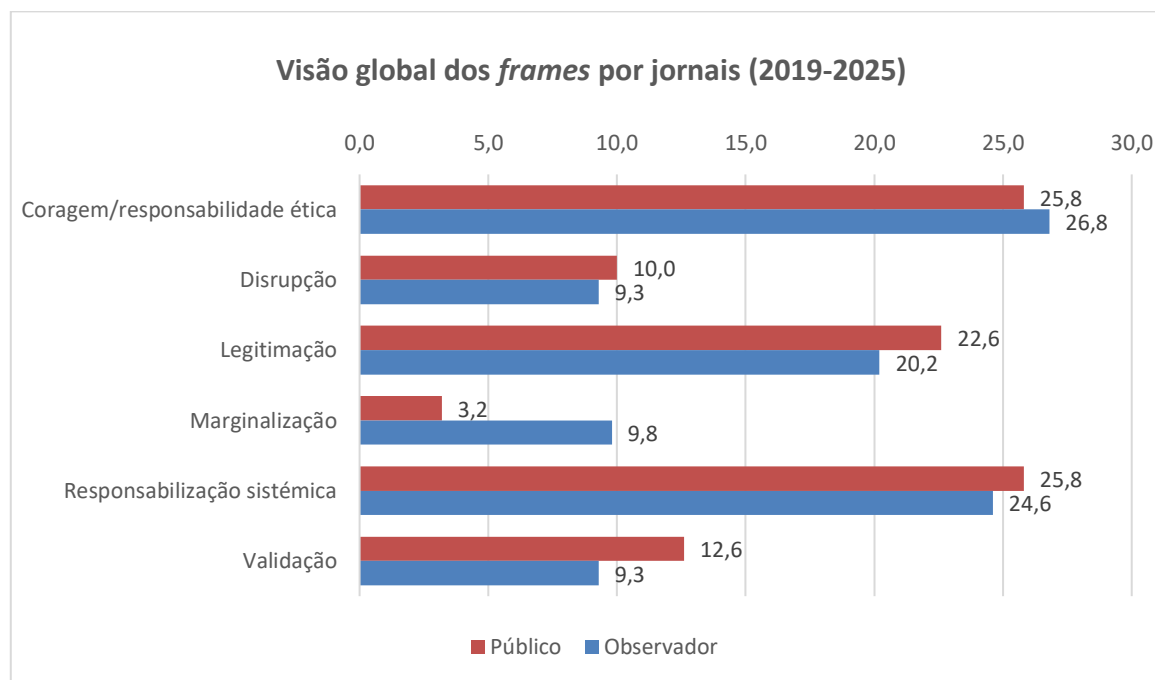


Figura F.1. – Visão global dos *frames* principais identificados, em percentagem, por jornais.

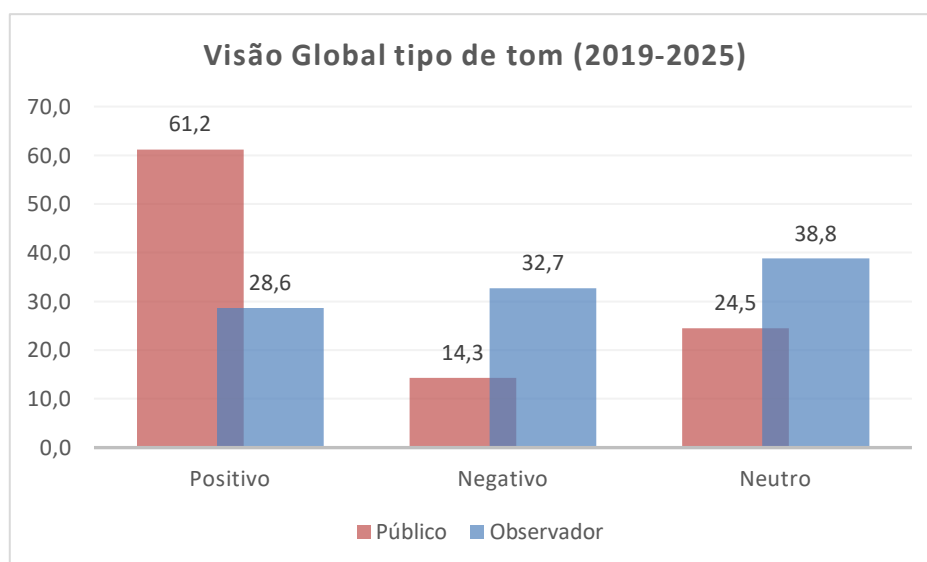


Figura F.2. - Visão global dos tipos de tom identificados, em percentagem, por jornais.